Camilo Castelo Branco

O Retrato de Ricardina

O RETRATO DE RICARDINA

CAMILO CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A QUEM LER

Esta novela parece querer demonstrar que sucedem casos incríveis. O autor conheceu alguns personagens e soube como se passaram as coisas aqui referidas. Pois, assim mesmo, tão incongruentes lhe pareceram que ficou muito tempo indeciso se lhe seria melhor inventá-las para saírem mais verossímeis do que as verdadeiras.

A consciência gritou-lhe quando o romance estava já urdido e enredado com outro feitio. Venceu a verdade, onde já agora, e tão-somente, lhe é permitido vencer: — nas novelas.

CAPÍTULO I

O ABADE DE ESPINHO

O abade de Espinho, um dos mais ricos da diocese de Viseu, pecara na juventude. Coisa rara, senão singular, em abades. A serpe tentadora fizera-lhe o salto do pescoço de uma bela mulher, onde a mensageira do Averno se enroscara.

Era também gentil o presbítero. Bem pode ser que as línguas farpadas de duas serpentes se encontrassem na remetida, mutuando-se a tentação. Se a cúmplice do seu delito não estivesse desvairada dos mesmos filtros, é crível que fugisse da casa solarenga dos seus pais para a residência abacial do padre Leonardo Botelho de Queirós? Responda a dignidade e o pudor de quem lê.

Arriscou-se a muito o abade. Clementina Pimentel tinha irmãos assomados. A residência foi, noite alta, investida e metralhada. O pastor, dado que a ovelha não fosse do seu

rebanho, defendeu-a dos lobos, arcabuzando-os donosamente. Levantaram o cerco os fidalgos, com reserva de matarem o raptor no dia seguinte. Padre Leonardo afrontou-se com eles, ladeado de criados pimpões. Passou ileso, e recolheu-se tranquilo e disposto a não se deixar eliminar sem desforra antecipada. O pundonor da ilustre família esfriou depois de uma façanha memorável. Nada menos que lançar mão o morgado do in-fólio manuscrito da sua linhagem, e raspar freneticamente com uma navalha o nome da irmã. Feito isto, outro qualquer castigo excederia as barbaridades mais notáveis.

Passara este caso em 1810. No fim de 1812, Clementina Pimentel era mãe de duas meninas: Eugénia era a mais velha; a outra, Ricardina. Cresceram mimosas, educadas senhorilmente, presuntivas herdeiras de bons dotes. A abadia dava dois contos de réis anuais. Por sobre isto, o padre sucedera na há rança de tios ricos. Faziam-lhe cem mil cruzados.

Assim que as filhas perfizeram a idade perigosa, o abade entrou-se do capricho de as casar com primos, sobrinhos de Clementina. Lisonjeava-o entrar com as filhas na casa de

onde fugira a mãe, quinze anos antes. Os Pimenteis receberam agastados a proposta, enviada por medianeiro hábil. Depois discutiram menos irritados. Por fim, pediram prazo para refletir. Os dotes prometidos eram trinta mil cruzados para cada menina.

Os noivos acederam, tirando a partido que a mãe das nubentes se recolheria em mosteiro, antes das núpcias das filhas. O abade replicou, observando ao comissário da cláusula que D. Clementina, se houvesse de ser Madalena certo não se guardaria para tão fora de horas, nem a justiça de Deus levaria em grande conta um arrependimento aos 40 anos. Em suma, rematou o espírito forte do padre Leonardo Botelho dando por terminadas as notas diplomáticas.

Voltaram os Pimenteis a refletir. Acharam-se subitamente filósofos. “Filósofos” vinha a ser “tolerantes”, quando não significasse “despejados”.

— Pensemos filosoficamente — dizia o irmão de Clementina. — As raparigas que venham com a condição de cá não pôr o pé a mãe.

Comunicaram ao abade a modificação.

— Não, senhor — retorquiu o padre. — Onde as filhas estiverem há de ir a mãe.

— Pensemos filosoficamente — disseram entre si os Pimenteis. — A mãe poderá vir alguma vez; mas o abade nunca.

— Não, senhor. — insistiu o abade. — Eu hei de ir com as minhas filhas, porque lhes quero muito, e decerto dava sessenta mil cruzados com a obrigação de as não mais.

Não cabia tanta ignomínia no bojo de uma família que procedia de D. Ordonho I, rei das Astúrias. Debateu-se, ainda assim, três semanas o escândalo. Venceu a filosofia! D. Ordonho I deu com o capacete na pedra sepulcral, querendo exumar-se para esfolar os netos quando ouviu dizer:

— Pois deixemos vir o abade. Pensemos filosoficamente. A desonra que recebemos há quinze anos é coisa em que ninguém já fala. Tudo esquece. Foi uma desgraça; todas as famílias têm destas nódoas. Já agora, sejamos filósofos como toda a gente.

O abade ouviu a mensagem, e disse:

— Agora, sim; mas é preciso que mas venham pedir, para depois se negociarem as dispensas.

Era muito! O apurar tanto o aviltamento dos futuros maridos das suas filhas denuncia mau carácter, índole retrincada, que seria a desonra de um faquir, quanto mais de um abade cristão, e, sobre cristão, católico, e, sobre católico, pai! A baixeza dos Pimenteis não se explica bastantemente com a filosofia. Causas mais vulgares os determinaram a entrar prazenteiros e submissos na casa que os seus pais e tios tinham, dezassete anos antes, espingardeado. Digamos primeiro a mais poética: Eugénia e Ricardina eram belas. Agora a outra que não tinha vislumbres de poesia: os rendimentos da casa dos Pimenteis não bastavam à quitação anual dos juros a vários santos usurários que exercitavam a onzena mediante os seus procuradores chamados “confrarias”.

Em nome de S. Martinho e das almas santas e da Senhora do Rosário, eram eles citados a miúdo para pagarem os débitos à corte celeste. Se o feito corresse na comarca dos credores, seria de esperar que os santos cordatos fossem à

mão dos litigantes, admoestando-os a usarem generosamente com os devedores; mas na comarca de Viseu as sentenças saíam todas contra os Pimenteis, e já sucedia penhorarem-lhes os frutos pendentes em nome das almas ou do Senhor S. Joaquim.

Ainda depois de beatificados por méritos de martírio, há santos que continuam a ser neste mundo flagelados no seu crédito. S. Martinho, por exemplo, dava aos nus metade da sua capa; agora acontece que a confraria que lhe zela os cofres cá em baixo, dá a logro o dinheiro dele, e tira a capa a quem lhe não paga o juro. Casos destes enchem a gente de fé.

E, por causa de tais juros, a fazenda dos Pimenteis ia deperecendo a olho, e as herdeiras ricas a fugirem dos descendentes dos Ordonhos, dos Mauregatos e outros príncipes, constantes do in-fólio donde Clementina havia sido cancelada.

Vencidas pois as repugnâncias do sangue e dos brios, Luís e Carlos Pimentel foram à residência de Espinho, beijaram a mão da sua tia, que os recebeu enternecida, cortejaram o

abade menos amável que criminoso, e pediram suas primas.

Foram chamadas Eugénia e Ricardina. Luís pedia a primeira, que era morena, olhos negros e vivos, alta e nervosa, altiva e risonha. Carlos pedia a segunda, que era alva, olhos sonhadores e estáticos, compleição linfática, estatura mediana, ar melancólico e pudico, um certo quebranto que a poetas daria mais inspirações que a outra.

Era a primeira vez que viam os seus primos tanto ao pé; nunca lhes tinham falado, nem suspeitado os projetos do seu pai. O abade proibira à mãe o mínimo boquejar sobre os seus intentos. “Não quero”, dizia ele, “que as raparigas, se o meu propósito falhar, fiquem descontentes, e se lastimem da sua má fortuna; que não vão elas depois remover os tropeços pela sua conta.”

Interrogadas pelo seu pai na presença dos pretendentes, espantaram-se; mas o espanto operava diversamente nas duas meninas. Eugénia espelhava nos olhos o júbilo interior: Luís era um galante jovem. Ricardina, porém, deu-se a ver nos olhos alguma coisa do que lhe ia na alma, era a

resolução das lágrimas. Os lábios da mais velha entreabriram-se, quanto o pudor permitiu, e disseram:

— Faço a vontade ao meu pai.

— E a tua? — perguntou o abade.

— Também.

— Que respondes, tu, Ricardina? — interrogou o padre Leonardo.

— Se o pai deixar... darei a resposta noutra ocasião.

— Deixo — acedeu o abade. — Responderás quando quiseres.

Os primos retiraram-se.

— Aqui há história... — segredou o abade a D. Clementina. — Que sabes tu do coração desta rapariga?

— Nada.

— Nunca desconfiaste que ela se inclinasse ao Bernardo Moniz?

— Não. O Bernardo veio aqui visitar-nos nas férias do ano passado, porque tu o visitaste quando chegou de

Coimbra. Depois veio despedir-se, e...

— Sei isso — atalhou o padre, comprimindo com o dedo indicador a asa nasal direita, e assestando à esquerda a pitada de grandes bordos. — O que eu sei, não preciso que mo digas. Não sabes mais nada?

— Mais nada... e tu?

— Se o soubesse, não to perguntava. Mas creio que há mais alguma coisa.

— Que há de ser.

— Não sei; incumbo-te de o indagar. Não indago, porque as mulheres é que sabem o segredo de certos escaninhos do coração. Anda tu lá, e olha se te sais bem.

Clementina foi dar com a filha a chorar ao pé da irmã.

— Que tens tu, menina?! — perguntou a mãe enquanto Ricardina retraía a face, escondendo-a com o disfarce de andar alporcando os craveiros da sua varanda. — Estavas a chorar?

— Eu, mãe?

— Sim, tu... Deixa ver os olhos... Ora, se choravas! Pois eu não vi? A tua irmã que tem, Eugénia?

— Nada.

— Não mintam, meninas! Não se engana a sua mãe. Muitas coisas podem as minhas filhas esconder de mim; lágrimas é que não... Vem cá, Ricardina, porque choras?

A interrogada olhou para a irmã como a consultá-la ou a pedir-lhe que a não descobrisse. Eugénia entendeu a primeira conjetura, e disse:

— O melhor é dizer tudo à mãe, não é, Ricardina?

— O quê?... Ora tu!... — acudiu a enleada irmã.

— É melhor dizerem-me tudo, é... — sobreveio a mãe. — Segredos que se escondem de mim, pode ser que sejam inocentes, mas não o parecem...

— E não diz nada ao pai, não, minha mãezinha? — condicionou Eugénia.

— Mas que segredos podem ser esses que o pai não deve saber?

— Ah! vês? — exclamou Ricardina. — Bem to dizia eu.

— Pois está bom — disse a mãe. — Se o que for puder passar sem o pai saber, não lho digo. Que mais quereis, meninas?!

— Então... digo? — perguntou Eugénia à irmã.

Ricardina abaixou os olhos, aplaudindo com o silêncio a revelação.

Começou Eugénia a contar que a sua mana ficara apaixonada por Bernardo Moniz, desde que o viu. Atalhou logo a mãe:

— Mas ela só o viu duas vezes!... Como se apaixonou depressa!

— Viu-o mais vezes, minha mãe... — contestou a cândida narradora.

— Cá em casa?

— Não, senhora... Via-o acolá em frente nos montados, por onde ele andava a caçar, e via-o na igreja aos domingos. Ele também se apaixonou por ela.

— Como soubeste que ele se apaixonou por ti, Ricardina? — interrompeu a mãe. — Quem to disse?

Escreveu-te?

As duas meninas mutuaram um relance de olhos consultivos.

— Assim como assim, o melhor é dizer tudo... — deliberou Eugénia. — Escreveu, sim, senhora.

— Quem trouxe a carta?

— Ninguém.

— Ninguém! Essa é boa!... Então a carta veio sem ninguém a trazer?

— Nós chegámos à janela do mirante ao fundo do passai, quando vimos a carta entre as roseiras que fazem o pavilhão da janela, e vimos Bernardo da parte de além do ribeiro a olhar para nós. Foi ele que lá pôs a carta, quando nos ouviu rir por debaixo da parreira, e supôs que nós íamos para o mirante.

— E depois? — animou a senhora a narrativa, simulando sossego e nenhum espanto do acontecimento. — A carta que dizia?

— Muita coisa. A mãe verá.

— Isso quando foi?

— Há mês e meio, quando ele veio a férias de Páscoa.

— E que dizia ele?... Vamos lá...

— Dizia que assim que estivesse formado havia de vir pedir ao pai a mana Ricardina, se ela o amasse e quisesse ser sua esposa.

— E tu querias, menina? — perguntou a mãe com tristeza.

— Eu... se o meu pai deixasse... — balbuciou Ricardina.

— Mas teu pai, filha, não deixa, parece-me a mim. Tiveste uma infeliz inclinação!

— Porquê, minha mãe? — perguntou Eugénia. — Então o Moniz não é uma pessoa digna de casar com a mana?

— É... creio que é; mas... O teu pai nunca se lembrou de tal, e mais achava que o rapaz tinha aparências de bom. Para ele não consentir no casamento, basta saber que o Bernardo se atreveu a escrever-te. Vós não sabeis como é vosso pai, meninas?... Não sabeis, não.

Calou-se reconcentrada D. Clementina, e prosseguiu após longa pausa:

— O vosso pai há mais de três anos que pensa em vos casar com os primos. Quer e não desiste. É lá uma vaidade que ele tem consigo, e já me fez chorar lágrimas que farte por eu lhe perguntar se não havia neste mundo mais homens... Ainda outra coisa, filhas... O vosso pai é filho de um fidalgo distinto, eu nasci numa das casas mais nobres da província, e quer ele que os seus netos possam dizer que são fidalgos por pai e mãe.

— E Bernardo Moniz... — atalhou Eugénia, querendo defender a não ignorada procedência do amador da irmã.

— Bernardo, meninas, é filho de um lavrador pobre, que teve uma herança de um irmão que morreu no Brasil. Quando este irmão morreu, Bernardo estava em Lisboa a estudar para pintor. O pai, assim que melhorou de fortuna, mandou-o chamar para casa, e deixou-o ir estudar para Coimbra e mais dois irmãos. Fez o palacete em que reside agora, e começou a viver à lei da nobreza. Ora aqui tendes quem é Bernardo, se o não sabeis. Digam-me agora se o

seu pai quererá para genro o filho de um lavrador, ainda que ele seja muito rico e muito bom rapaz!

— Mas a mãe já nos disse — contraveio Eugénia — que o tio Sebastião Pimentel lhe mandara oferecer para esposa a prima Matilde.

— É verdade; mas agora te digo que o teu pai quando tal soube, reprovou a baixeza do tio Sebastião, notando que noutro tempo os pintores só entravam nas casas nobres para retratarem os donos... Repito que desgraçada inclinação foi a tua, Ricardina, se a razão não puder mais que o amor. Pobre filha! — prosseguiu a mãe, encarando-a com os olhos cheios de lágrimas, e o coração de lembranças da sua paixão única, primeira, e, desde muito, morta! — Pobre filha, não sei o que te hei de dizer, nem fazer no teu favor, senão pedir-te que distraias as preocupações desse rapaz! Fazes-lhe grande bem, se o desenganares; porque teu pai é ainda o homem que sempre foi. Se souber que Bernardo é causa de rejeitares teu primo, o que aí não irá!... É capaz de... que sei eu!

Ricardina prorrompeu em choro cortado de soluços tão ansiosos que todas as carícias maternais não lograram

aquietá-la.

Neste lance, a porta do quarto abriu-se de repelão. O abade assomou no limiar. Mãe e filhas estremeceram por igual. Caminhou para elas mesuradamente, nem risonho nem severo.Olhou de frecha Ricardina, que não ousava encará-lo. Depois, voltando-se a D. Clementina, disse com boa sombra:

— Não disseste a esta senhora o que eu era capaz de fazer, se Bernardo estorvasse o casamento dela com o seu primo. Digo-to eu, Ricardina. O que primeiro farei é avisá-lo de que eu não sou homem que o avise duas vezes. O jantar na mesa!

Saiu. Ricardina parecia trespassada de um frio que a empedernira.

CAPÍTULO II

UM AMIGO!

Ricardina era a mais doce alma que os anjos compuseram da graça e formosura do Céu. Tinha ela 13 anos quando saiu com o seguinte lance de extremada bondade. Norberto Calvo era um criado do seu pai, o seu braço direito nas lutas com os fregueses por causa das freguesas, um valentão “de rópia e chulice”, como lá dizem.

Este Norberto era filho de uma velha pobríssima que habitava um cardenho, na freguesia próxima. A velha tinha consigo uma nora cega, viúva, e cinco netos. O filho, já defunto, tinha hipotecado, com permissão da mãe, o cardenho e horta a uma dívida de oito moedas de ouro. O credor, cansado de pedir e esperar o seu dinheiro, penhorou a casa e mandou ler à executada o mandado de despejo em vinte e quatro horas. A velha, consternadíssima, veio ter-se com o filho, pedindo-lhe remédio. Norberto apenas tinha três moedas com quinze tostões, e o abade

estava fora da aldeia. Aventou-se-lhe o pior dos expedientes. Sabia em qual gaveta de um contador seu amo tinha dinheiro. Não estavam em casa a senhora e as meninas, pensou ele. Foi ao quarto do abade, abriu a tremer a gaveta e roubou três peças. Perfez as oito moedas com as soldadas que tinha, e mandou embora a mãe, recomendando-lhe que rezasse a Nossa Senhora por ele num aperto de muita necessidade.

A alcova das meninas vizinhava do quarto do seu pai, interposta uma sala. Ricardina estava a escrever o seu traslado, e dera tento de entrar gente ao aposento da mãe e tirar pela gaveta. Espreitou pelo espelho da fechadura sobre o corredor que conduzia ao quarto do pai, e viu Norberto descalço a evadir-se pé ante pé. Desconfiou do furto; mas não disse nada. Saiu dai a pouco, e encontrou no pomar o criado. Viu-o muito amarelo, com os olhos vermelhos de chorar e perguntou-lhe:

— Tu que tens, Norberto?

— Não tenho nada, fidalga... Então eu que tenho?!

— Estás tão enfiado!

— Agora estou eu enfiado!... A fidalga donde vem? — perguntou ele inquieto.

— Do meu quarto.

— Do seu quarto? Não foi com a mãezinha e com a Sra. D. Eugénia ver o linho?!

— Não.

— Não?... Pois onde estava?... — volveu ele já aflito.

— No meu quarto, já te disse... Tu passaste no corredor muito devagar.

O criado não pensou na defesa, por isso mesmo que não refletira no crime. Desatou a chorar, contando à menina a desgraça da mãe, da cunhada e dos filhinhos, pedindo-lhe com as mãos postas que o não acusasse.

— Está descansado, Norberto. — disse ela.

Vinham chegando ao portão o pai, a mãe e a irmã.

Ricardina saiu-lhes ao encontro muito folgazã, assertoando na casaca do pai um ramo florido de laranjeira.

— Estou bonito! — disse o abade, e seguiu para o seu quarto.

A menina foi após ele e mais a mãe.

— Estou muito contente, meu pai! — disse Ricardina.

— Estimo; então porque estás contente? Saiu-te bom o traslado?

— Não é isso: fiz uma boa ação, uma esmola.

— Isso bom é.

— Olhe, meu pai. Era uma velhinha, e uma viúva cega e cinco filhos. Vinham pedir esmola para pagarem uma dívida e ficarem na cabana que a justiça lhes tirou.

— Se foi a justiça que lha tirou, é que não a podiam possuir sem injustiça — observou o abade, despindo a casaca, e revestindo-se de chambre. — Que velha, que cabana, e que justiça era essa?

— Era a mãe do Norberto. Ela precisava de três peças, porque o filho só tinha três moedas e mais não sei quê. Então eu fui à sua gaveta, e dei as três peças de esmola à velha.

O abade olhou para Clementina, murmurando:

— E esta!...

— Estou pasmada! — disse a senhora. — Então tu vens à gaveta do teu pai e dás três peças!

— Se o pai cá estivesse, também lhas dava... — replicou Ricardina.

— Mas o pai dá o que quer, e tu fizeste uma ação muito feia.

— Deixa a pequena — atalhou o padre. — Se a ação foi feia, o resultado é bonito. Não me tornes mais à gaveta sem minha ordem, Ricardina.

Daí a pouco, o abade chamou Norberto e disse-lhe:

— Olha que eu não quero as três peças que a menina deu a tua mãe; e se for necessário mais algum pinto, fala.

O criado tartamudeou. Entendeu o padre que era a gratidão que sufocava o seu estimado servo.

E era com efeito: porque, ajeitado o lanço, Norberto ajoelhou diante de Ricardina, e quis beijar-lhe os pés.

Desde aquele dia, se há sentimento mais entranhado que o da idolatria, era o que Norberto Calvo consagrava a sua ama, ao anjo salvador da sua fidelidade, manchada pelo irrefletido amor de filho.

CAPÍTULO III

REAÇÕES

— Jantar na mesa! — tinha dito imperiosamente o abade.

Jantou à tripa-forra, tomou café placidamente no caramanchel do jardim, mandou passear as filhas, e ficou palestrando com D. Clementina em assuntos alegres conducentes à elaboração de um bom quilo.

Em seguida, foi vendo os frutos vingados nas árvores, e conversando em termos brandos com a senhora, que lhe admirava o sossego, sem atrever-se a abrir-lhe oportunidade para falar da filha.

Deu ele azo perguntando a D. Clementina que lhe parecera Ricardina.

— Pobre pequena! — disse a medo a senhora.

— Bem pobre... — confirmou o abade.

Nisto, como o sol ainda apertasse, entraram num túnel de murtas e ciprestes, que não deixavam ao sol zebrar o chão apaulado, nem entrever para fora, onde se levantava em cerco um renque de faias entrelaçadas com olmeiros. E conversavam.

Norberto Calvo tinha visto as duas meninas no pomar. Ricardina estava chorando encostada ao seio de Eugénia. O criado não ousou perguntar a sua ama porque chorava. Afastou-se triste, e foi trabalhar no campo convizinho do túnel. Quando passava, ouviu a voz do abade. Aproximou-se de mansinho, movido pelo desejo de entender as lágrimas da sua adorada salvadora, e ouviu o seguinte:

— Estás enganada, Clementina. Eu não obrigo a filha a casar contra sua vontade; e também não consinto que ela case contra a minha. Estes extremos têm o termo média, que é não casar com o teu sobrinho nem com Bernardo Moniz. Não há pai mais indulgente. Outro qualquer dizia-lhe: “É para diante.” Eu não. Fique embora solteira; mas case-se com o divino esposo.

— Freira! — atalhou a senhora.

— Porque não? Freira, e o mais tardar um mês. Mas não freira à moda — freira delambida e derrancada de chichisbéus em grade. Freira, segundo o instituto, é que eu a quero. Esposa fiel do Espírito Santo. Convento austero e pobre. A riqueza das ordens monásticas é regalo de corpos e fermento de vícios... Hei de pensar ainda a este respeito. Não sei para onde irá.

— E para além do mais freira pobre! — disse D. Clementina. — O teu meio termo é violento, Leonardo! Antes Deus ma leve.

— Deus que a leve, se quiser. Por enquanto o que eu quero está dito e há de cumprir-se... Nada de lástimas, Clementina! Que queres tu? Justificas o amor da tua filha ao pintor?

— Não, mas...

— Queres ser avó dos netos do Silvestre da Fonte?

— Mas, meu Deus! — exclamou D. Clementina — nós não sabemos ainda em que ideias está a nossa filha. Esperemos que ela pense e mude de sentimentos.

— Pois sim, esperemos. Isto não vai de afogadilho. Tem trinta dias para pensar e repensar. Em todo o caso, a questão reduz-se a uma de duas: casar com o primo Carlos, ou ser freira. Uma observação: daqui até que ela se resolva, nesta casa não entra pessoa estranha. Hei de ter boas espias... Carta que eu apanhe, entra em buchas no corpo de quem a cá mandar.

— Quem há de cá mandar cartas?! — acudiu a senhora. — O Bernardo está em Coimbra...

— Está de volta para casa. Já começaram os actos. Não me faças reflexões, que eu sei sempre o que digo e porque o digo.

Retirou-se D. Clementina para poder chorar desabafadamente. Ao mesmo tempo, Norberto Calvo, sumindo-se a coberto das ramagens das faias, baixou-se a segar serradela no ervaçal.

— Estás aí, Norberto? — disse o abade à entrada do túnel.

— Saberá vossa senhoria que sim, senhor. Cheguei agora.

— Vem cá. Tenho que te dizer.

Abeirou-se o criado.

— Toma tento, homem. Não me saias do passai por este mês mais chegado, entendes?

— Sim, senhor.

— Pessoa conhecida ou desconhecida que bata ao portão, não entra sem que eu esteja em casa, entendes?

— Sim, senhor.

— De noite, dá-me duas voltas em redor da casa e da parede do passai. Se enxergares vulto de que desconfies, segura-o ou atira-lhe, entendes?

— Sim, senhor. Então há novidade de maior, Sr. Abade?!

— Escusas de saber mais nada.

— Perdoará, Sr. Abade... eu perguntava... porque enfim... vossa senhoria cá comigo nunca teve aquelas de segredos.

— Faze o que te digo.

E voltou as costas ao criado com fidalgo orgulho, agastado da liberdade da pergunta.

Norberto, ao soar das ave-marias, estava sentado junto do gradeado de madeira onde Ricardina criava perus, e costumava levar, ao entardecer, urtigas e ovos cozidos. Ia sozinha.

— Queria falar-lhe, fidalga — disse Norberto, espreitando que o não vissem — Eu vou dizer-lhe o que quero pelo outro lado das grades.

Rodeou e sumiu-se entre um loireiral que formava teto de folhagem sobre a capoeira. Ricardina cingiu-se às ripas do gradeado e escutou:

— O Sr. Abade esteve a dizer que a menina havia de ir para um convento pobre, e disse coisas do diabo do Sr. Bernardo Moniz. Se for preciso alguma coisa, o Norberto está aqui. Ele mandou-me agarrar ou atirar, se visse alguém de noite cá por perto das paredes. A fidalga esteja descansada, que eu não lhe faço mal, se for ele. Estou pronto para tudo, menina; mas não me fale diante do paizinho. que senão esbarronda-se o negócio.

— Obrigada, Norberto.

— Não tem de quê...

— Olha...

— Que é, fidalga?

— Fazes-me um favor?

— O que vossa senhoria quiser, se for para bem da fidalga.

— Levas-me uma carta ao correio?

— É para o Sr. Bernardo?

— Sim.

— Ele quer casar com a menina?

— Pois então!

— Pronto! Se ele quer casar com vossa senhoria, e a fidalga quer, quem os faz desistir?! Ele é bom rapaz e rico a valer. Também o Sr. Abade tem teimosias! Querer à fina força que as suas filhas casem com os da Reboliça! Não se lembrar que o pai deles por um triz que lhe não metia três zagalotes no peito, quando a mãezinha para cá fugiu...

Chamou Clementina a filha. A menina alvoroçou-se, e apenas pôde dizer:

— Procura amanhã ao meio-dia debaixo do vaso de. mármore por cima da fonte, sim?

— Sim, fidalga.

A mãe já vinha descendo em cata de Ricardina.

— O teu pai já tinha perguntado onde estavas — disse ela.

— Pois não sabia a mãe onde eu estava?!

— Sabia; mas que queres? Está desconfiado.

— Eu que mal faço?

— Nenhum... estás a pagar as imprudências que fizeste... Foi uma desgraça ele escutar o que dizíamos no teu quarto.

Prosseguiram conversando até se retirarem à sala mais afastada. Referiu-lhe a mãe o que passara com o abade, e a ordem positiva de propor-lhe o casamento ou mosteiro, concedido um mês para deliberar.

Ricardina ia responder logo, optando pelo convento; mas obstou-lhe a mãe, aconselhando-lhe a aceitação de todo o tempo aprazado com admirável magnanimidade por pessoa de génio tão despótico.

Chorou longo tempo a menina, e acompanhou a mãe à mesa junto da qual o risonho abade, com a outra filha, esperava que o chá abrisse.

Durante o repasto, palavreou alegremente o padre com Eugénia, e declinou dos gracejos para o tom sombrio da política, invetivando rancorosamente contra os liberais, que naquele ano de 1827 assentavam os já minados cimentos do edifício, derruído no seguinte ano.

O padre Leonardo Botelho de Queirós era primo dos Silveiras, consanguíneo ainda mais na política, realista por linhagem de barões feudais — se eram barões feudais em Portugal uns potreiros mestres de estradiota nas suas comarcas — , realista por interesses aligados à sua abadia, realista, enfim, por estupidez, não desfazendo nos espíritos que ainda luzem e abundam nas crenças políticas do abade de Espinho por ilustração.

D. Clementina Pimentel escutava-o por delicadeza e bocejava por não poder ser mais civil, quando o abade lhe prelecionava os horrores da liberdade, e ao propósito lhe lia um opúsculo de certo frade, seu amigo, tendente a provar que o general Gomes Freire de Andrade fora enforcado como devia ser para desagravo da justiça e moral .

As duas meninas tinham dispensa de ouvir a cristianíssima alegação jurídica do monge. Pelo ordinário, assim que tomavam o chá, recolhiam-se à sua alcova, onde esperavam o sono, que facilmente as favorecia aligeirando-lhes os aborrecimentos da solidão.

Naquela noite, porém, Eugénia, sobrexcitada por comoções de noiva, e Ricardina por saudades exacerbadas pela desesperança, não podiam adormecer. Uma chorava, a outra queria consolar; mas espremia fel em vez de linimento na chaga, quando dissuadia a irmã de amar Bernardo e lhe figurava as delícias de ir com ela para uma vida mais alegre, casada com o primo Carlos.

— Não me digas isso, que não sou tua amiga! — segredava-lhe Ricardina, receosa de ser escutada. — Quero

ser freira, e morrer antes de faltar à minha palavra. Amar outro homem não me é possível. Hei de esquecer o Bernardo só quando morrer.

Eugénia replicava mais brandamente, e assim de argumento em argumento se lhe foi esmorecendo a viveza da contenda, até que enfim, às três da manhã, adormeceu.

Levantou-se então subtilmente Ricardina, subtraiu de entre os colchões um tinteiro de osso, desarrolhou-o muito acautelada para não ranger, ajoelhou-se à beira de um baú, e escreveu até às cinco horas a história por miúdos do funesto dia passado. Às onze, desceu ao jardim e depositou a carta, a ocultas da irmã, debaixo do vaso sobreposto à fonte. Por volta do meio-dia, Norberto recolheu a carta, e foi à hora da sesta pedir a sua mãe que, no dia seguinte, a levasse ao correio de Viseu.

Bernardo Moniz pressagiou desgraça quando reconheceu a letra. Era a primeira carta que ele recebia em Coimbra. Tal ventura nunca ele se arrojara a pedi-la. Sobrava-lhe felicidade, consentindo Ricardina em ler as centenas de páginas que semanalmente apareciam pendentes dos festões do roseiral do mirante. Não queria mais. Nem de

tanto, na sua consciência, se reconhecia digno. Leu, releu, quanto as lágrimas lho consentiam. A menina queixava-se da sua sorte; mas não pedia socorro nem atrevimentos de fino amante. Aceitava o convento com preferência a ser esposa de outro. Lastimava o seu amigo como a si própria. Ensinava-lhe a resignação, dando-lhe o exemplo. Queria, porém, que ele não amasse outra, sem ela ter morrido na clausura.

O primeiro pensamento de Bernardo Moniz foi entrar simultaneamente num mosteiro da Arrábida, da Falperra, da serra de Ossa, do Buçaco, de S. Francisco de Viana, num sepulcro bem triste, com a mais pobre das mortalhas. Mas o coração repulsava a morte. A reação da saudade foi tão rija e tão de fogo que os ermos cenobíticos se lhe afiguravam infernos, onde a purificação das almas é hipócrita, quando, ao sair do mundo, o monge não chorou desenganado das suas esperanças. Bernardo, aos 23 anos, ainda não tinha perdido nenhuma.

Cada hora lhe desabotoava do coração rebentos novos a florir e a recender. Não tinha ainda vivido. Era preciso suicidar-se ao tempo que apertasse o cordão de frade como

esparto de estrangulação. Não podia. Queria antes morrer debaixo dos olhos dela.

CAPÍTULO IV

BERNARDO MONIZ

Da vida anterior do académico já D. Clementina Pimentel referiu o principal. O seu pai tinha oito filhos, e colhia escasso pão com que lhes pagasse o incessante labutar nos campos. Enviara três ao Brasil, onde tinha um irmão solteiro e sovina. Arranjara dois no Porto em trato de caixeiros. Mandou, com poucos recursos, Bernardo a Lisboa aprender pintura. Escolheu o mais robusto para o ajudar na lavoura, e a filha para a casar com um dote de duzentos mil réis, quando aparecesse um rapaz videiro, que tivesse do seu algumas leiras.

Já também sabem que o irmão sovina morreu atascado em ouro. Se não voasse à glória de repente, era opinião geral que deixaria os seus quinhentos contos a várias confrarias, sob condição de o baldearem do enxofre e betume do Inferno, e o levarem a encontrões de sufrágios pelo Céu dentro. Se a intenção o salvou, é questão de teologia moral

em que não implico: salvados, com toda a certeza, sei eu que foi o irmão e os oito sobrinhos do defunto, se é profanamente lícito supor que quinhentos contos salvam do enxofre e betume deste mundo nove pessoas pobres.

Bernardo Moniz, avisado pelo pai, largou a custo os pincéis. A pintura dera-lhe pábulo ao devanear do espírito, por esferas mais altas e lúcidas que a do seu nascimento. Era a sua poesia e brasão. A soledade falava-lhe. O céu, as árvores, os ribeiros, os horizontes, o dilúculo da manhã e o arrebol da noite entendiam-no, davam-lhe em troca do amor as suavidades da contemplação. O jovem, às vezes, na praia de Belém, voltado ao mar, ou na quinta de Belas, emboscado nas ramagens, chorava; mas a soledade enviava-lhe as carícias das suas auras, o trilo das suas aves, e o acre balsâmico das suas moutas. E, depois, o pintor, à luz da noite, e nas madrugadas convidativas da inspiração, espelhava o coração na tela, reproduzindo quase sempre as poucas variantes do mesmo motivo. Umas vezes, era uma menina de 8 anos espreitando cautelosamente o ninho de uma toutinegra entre silveirais enredados à ourela de um córrego, enquanto a ave irrequieta pousava latejante de

susto num salgueiro da outra margem. Outras vezes, era a mesma menina sentada no peitoril de um miradouro, com uma abada de rosas de toucar, com as quais orlava o decote do vestido menos alvo do que ela. A mesma menina lhe sorria uma hora, do escuro de um caramanchel, enfeitando um cesto de pomos com folhagem e grinaldas. Outra hora, sentada nos degraus de um cruzeiro, parecia contemplar com tristeza outra menina que se balouçava numa redoiça formada pelo esgalho flexível de um castanheiro. Esta criança, sempre a mesma e inalterável na fidelidade das feições angélicas, era Ricardina; a outra, menos frequente e menos poetizada nos seus quadros, era Eugénia.

Admirável parcimónia de imaginação! Espetáculos tão esplêndidos e alma tão capaz de inspirar-se da beleza deles, davam de si tão pouco! Sempre as mesmas árvores, o mesmo mirante, o silvedo com o mesmo ninho, e uma só imagem infantil a dar relevo à monotonia das suas cópias! Vinha a ser esta pobreza de fantasia, uma exuberância de tesouros do coração. Era amor do tempo em que ele, debaixo do mantéu áspero de pastor de pobre rebanho,

escondia as asas do anjo, que, a espaços, o remontavam onde ele pensava que o erguiam sonhos.

Aos 12 anos era Bernardo ainda o pegureiro das ovelhas da arribana paterna. Guiava-as aos montados em frente da residência de Espinho. Na volta da noite, passava o ribeiro, e rodeava o passai do abade. Então acontecia ver na orla do regato Ricardina espreitando o ninho da toutinegra, ou sentada no cruzeiro; alguma hora no miradouro, e uma só vez no caramanchel enflorando o cabazinho da fruta, quando ele foi chamar o abade para sacramentar sua mãe. Mas — audaz pastorinho — que doida inocência foi essa a tua de levares retratada no coração a peregrina imagem da menina tão distante do teu mesquinho nascimento, e das palhas onde pequenino choravas, sem mimos que te acalentassem?

Aos 14 anos, poderia ele responder, apontando os seus quadros imperfeitos: “Eu andava então entesourando estas memórias, com que a alma vem hoje auxiliar a arte. O aproveitamento que me louvam é o coração que mo ensina, é a saudade que faz esta luz e sombras, este quê inexplicável em que cismo e choro.” Tal era, e destas

puerilidades afetivas vivia Bernardo Moniz, quando o pai lhe disse: “Escolhe outro modo de vida, que estamos ricos, louvado Deus!”

— Que tem que estejamos ricos?... Serei pintor.

— Não quero. Hás de ser o que os teus irmãos querem ser. António escolheu ser médico; Francisco quer ser doutor-padre; e tu, vê lá... Queres ser doutor de leis?

— O que o meu pai quiser.

— Então é já para Coimbra com os teus irmãos.

E partiram os três estudantes em 1820 para Coimbra começar humanidades. Bernardo ganhou prodigiosa vantagem aos irmãos e condiscípulos bem que intervalasse o estudo com exercícios de desenho, cada hora mais aprimorado. Era bom de graduar-lhe o progresso, porque os desenhos, como em Lisboa. saíam sempre os mesmos: Ricardina o ninho, o mirante o cruzeiro, a gruta, e o cabaz dos pêssegos. Os irmãos riam-se, e diziam entre si: “Não sabe mais nada!”

Nas férias grandes do 1º ano, Bernardo foi a casa. O abade de Espinho maravilhou-se da latinidade do jovem, quando o

viu desfazer as dificuldades do Eutrópio, defesas ao examinador. E tanto assim que disse a D. Clementina:

— Quem diria que daquele cepo do Silvestre da Fonte havia de sair um filho esperto! Desconcerto da natureza! Entendam lá isto de um selvagem não produzir outro! Um burro produz sempre um burro, ou um macho, conforme; um alarve não gera sempre outro alarve!

Os talentos do padre Leonardo Botelho de Queirós ainda abicavam teses zoológicas deste volume!

Foi Bernardo à residência abacial receber para Coimbra as ordens da sua senhoria. Viu Ricardina. Ousou remirá-la com transportes de artista. Partiu. Começou a retocar as feições da sua inspiradora. Súbito, remessa a palheta, e diz de si consigo:

— Não! Ela era assim, quando eu era pastor. Como não posso nem devo esperar nada, tenho só do meu o passado.

Nos feriados dos seguintes anos, até 1826, o estudante viu Ricardina. Em 1824 ainda a viu florejando graças de criança; um ano adiante, espantou-se da rápida passagem às formas divinas e sisudo porte de senhora. Tinha ela 14 e

ele 18 anos. Naquele ano de 1826, o fidalgo da Reboliça, irmão de Clementina, sondou-lhe o ânimo, quanto a intentos matrimoniais. Como o rapaz não formulou programa de celibato, mandou-lhe oferecer, com rodeios de hábil mensageiro, sua filha mais nova.

Bernardo agradeceu a honra e furtou-se a responder enquanto se não formasse. Como nasceu o amor de Ricardina ao antigo ovelheiro, que lhe lucilava ainda nas memórias da infância? A pergunta é, sobre ociosa, estólida. Como nasce o amor? Apenas sabemos como ele morre. Quando o terceiranista de Direito, nas férias de 1826, lhe impendeu dos festões do rosal a primeira carta, Ricardina já lha tinha lido no coração e já lhe havia respondido num volver de olhos. Valente eloquência a dos olhos aprendida na retórica com que as almas saem industriadas no seio da NATUREZA, que eu escrevo com respeitosos versaletes, por se me figurar que ELA e DEUS tudo é um. E não lhe respondeu senão assim a tão amorosa quanto assustada menina — assustada mais do seu alvoroço que dos pavores do pai.

Abastou à felicidade de Bernardo Moniz que a sua primeira carta recebesse a divinização de uns olhos indulgentes. Escreveu segunda. E, quando já eram seis, e escassamente expressara muito da flor de alma o que não podia desentranhar-lhe do íntimo, foi para Coimbra seguir o 4º ano. Delongue-se o menos que ser possa uma intermitência enfadosa nesta narrativa. Duas linhas sobre política.

Em 1827 referviam as paixões de escravos voluntários contra a ansiedade irreprimível dos devotos da liberdade. Recendia no ar de Portugal o acre do sangue de Gomes Freire de Andrade. O guião dos temerários agressores da tirania estúpida ondeava nas fortalezas. A vitória incruenta enganava os mais previstos. Conjuravam mais as forças inteligentes a arquitetar o edifício constitucional, quando lhes cumpria contraminar as insídias da espanhola e do filho, que parecia ter sido aleitado nos úberes da hiena materna.

Os académicos, mais de quinhentos, tinham ajudado a rebater os ímpetos do marquês de Chaves. Venceram. Todavia, restaurada a regência e a Constituição, atentaram para longe, e viram atroados de tempestades os horizontes.

Coligaram-se e conjuraram. Juramentaram-se e ofereceram vida e honra em penhor da execução indeclinável dos seus compromissos. Puseram ao alcance do punhal e da bala os esbirros abjetos e os déspotas coroados. Todos a um tempo gravaram na cara do cobarde ou do apóstata o ferrete da execração, sem cedência da vida.

Neste congresso de duzentos conjurados alistou-se Bernardo Moniz; porque o verbo do cenáculo era sublime; dizia IGUALDADE; igualdade de direitos, de deveres, de origem, de procedência diversa ou casual; igualdade em suma de corações igualdade entre o filho do lavrador e a filha do abade fidalgo. E, quando o secretário leu as obrigações temerosas dos juramentos, Bernardo congelou-se de um frio que não era terror. Transiu-o o murmurar de cada mancebo, filho, amante, esposo, ali, à mesa da presidência, com a mão posta na lâmina da espada, prometendo matar e morrer com igual coragem. Todavia, jurou.

E tinha jurado, no dia 22 de Maio de 1827, poucas horas antes de receber a carta de Ricardina.

CAPÍTULO V

MÃE E FILHA

Volvidos quinze dias, o académico passou em frente da residência, caminho da sua casa, com os seus dois irmãos. O abade atravessava o terreiro intermédio da igreja e residência. Viu-os. Voltou a cara, quando o cortejaram, e não respondeu à urbanidade dos jovens. Francisco, o terceiranista de Medicina, disse a Bernardo:

— Vou sacudir-lhe o chapéu com a cauda do macho.

— Não — acudiu o irmão — , peço-te encarecidamente...

— Este clérigo devasso... que mal lhe fizemos nós? — murmurou o indócil Francisco Moniz, já provado em proezas coimbrãs.

O padre não o ouviu. Seria perigoso ouvi-lo. As antigas clavinas da defesa da residência eram brunidas mensalmente e experimentadas no alvo em que os criados

se exercitavam. A colérica admiração do médico denota que Bernardo ocultava dos seus irmãos a carta de Ricardina, e as iras do pai.

No mesmo dia da chegada, o jovem, insensível aos contentamentos da família e lembranças da infância, que tão doces lhe despontavam os espinhos da saudade nos antecedentes anos, procurou disfarçadamente a mãe de Norberto Calvo, consoante Ricardina lhe recomendara em segundo aviso. A prevenida velha recebeu uma carta e foi de noite em demanda do filho, que de clavina sobraçada circuitava o muro do passai, segundo as renovadas e mais urgentes ordens do abade.

Moniz respondia a sabor da sua desesperação. Nenhum expediente se lhe oferecia, mediante o qual saísse com o intento de senhorear-se airosamente de Ricardina. Tinha contra si o pai dela e o seu próprio pai, homem ignorante da corrupção dos costumes, e conhecedor tão-somente de um enorme escândalo: — a vida do abade. Para Silvestre da Fonte as filhas de Clementina eram… filhas de tal mãe. Que Deus livrasse algum dos seus rapazes de tentação matrimonial com alguma das filhas de coito danado! O

possante lavrador, morigerado pela riqueza, já tinha dito que de má vontade daria o seu Bernardo à filha de Sebastião Pimentel, por ser prima das outras. Com quanta mais repugnância o não daria à filha de um abade!

Portanto, a saída única e desafogada em tal angústia era a fuga, enlace mais vulgar então do que hoje. Naquele tempo, o transferir judicialmente uma noiva da casa paterna para outra era coisa de costa acima, se os executores da lei tinham de tê-las com pais de sobrado alto e brasão na padieira da porta. A lei encolhia-se de medo; e as meninas, postas em extremidade, fugiam. Agora, esta coisa chamada rapto em obséquio ao pudor das voluntárias fugitivas é ave rara que vai passando à fénix dos fabulistas. Graças à pontualidade do juiz e do escrivão do bairro, hoje em dia, donzela que foge para casar não tem desculpa nenhuma, salvo se os seus espíritos romanescos a fazem desadorar vulgaridades.

Não assim a filha de Clementina Pimentel. Ricardina negou-se às insinuações de Bernardo, recusando anuir ao plano da fuga. Explicava-lhe o seu grande amor sem a ruim prova de algum acto indecoroso: queria morrer, amando-o;

mas abençoada de Deus e da sua mãe. Iria para o convento, logo que o pai mandasse, e de lá; enquanto pudesse, lhe iria dando contas da sua vida.

Tão louvável resposta não demoveu Bernardo Moniz. As inferências que ele tirou alancearam-lhe coração e amor-próprio. Não há mais desconfiadas almas que as prevenidas contra o desdém da sua baixa origem. Desconfiadas e orgulhosas. Entrou-o logo a suspeita da má-fé e mal simulada astúcia de Ricardina. Arrependera-se, ou ofendera-se da proposta irreverente do plebeu; lembraram-lhe ou lembrou-se de o conhecer a guardar ovelhas; cedeu às instâncias do pai ou às seduções do primo; como quer que fosse, não o amava. Tais eram e tumultuavam as hipóteses no ânimo do filho de Silvestre Moniz, mais conhecido e sempre conhecido, a despeito de quinhentos contos, pelo tio Silvestre da Fonte. Replicou alucinadamente o académico às sinceras esquivanças da menina. Explanou os tópicos comuns dos ofendidos na sua plebeia vaidade; porque é singular coisa ver assomar-se em arrogâncias de ter nascido povo, propriamente aquele que reprova a filáucia do fidalgo. E então, nisto de amoricos de

corações desiguais quanto ao sangue, há uns fumos de altivez agastadiça no homem de baixa estofa, que é preciso muita caridade sobre a paixão requintada da mulher que o atura.

Ricardina chorou quando leu as acusações iniquíssimas. Desde ingrata e cruel até desvanecida e pérfida. Esgotou Bernardo o vocabulário das fúrias do ciúme. Redarguiu o paciente anjo, aprazando-o para lhe fazer justiça com estas comoventes expressões: “Quando eu estiver no convento, meu amigo, tu me pedirás perdão. Desde já te perdoo...” Caiu em si o desatinado jovem. Remediou o mal feito, saneou-lhe a chaga com o bálsamo das lágrimas. Que importava! Ricardina insistia em não fugir de casa. Apuros de tanto decoro não condiziam com o exemplo da mãe, cujo passado as filhas adivinharam, desde que no livro dos batismos descobriram que não tinham pai, ou, se o tinham, chamara-lhe incógnito o abade, sendo ele, que a si mesmo se desconhecia, o redator do assento!

Quinze dias, os que restavam ao prazo assinado pelo padre, passaram rápidos. Ao fim do décimo quarto. D. Clementina disse à filha:

— Ricardina, faz amanhã um mês...

— Bem sei, minha mãe.

— Já pensaste no que hás de dizer?

— Já, minha mãe. Há muito que estou decidida. Quando o pai quiser, irei para o convento.

— Que me dizes, filha?! Pois teimas...

— Não teimo nada... Casar com o primo Carlos não posso. Com o Moniz não quer a mãe que eu case. Que hei de eu fazer? O pai determinou que eu fosse para o convento... vou.

— Mas, olha, filha, vai entretendo, pede mais algum tempo.

— Não sei para quê... Afinal, quanto mais tempo estiver a enganar o pai, mais ódio ele me ganha. O melhor é ir já. Levo muitas saudades da minha mãe e da minha Eugénia; hei de chorar muito; mas o que vale é que a minha vida tem de ser curta.

— Não é de nós que tu levas saudades... — invetivou a mãe com ingrato ânimo e sorriso amargo. — As tuas

saudades ficam onde deixas o coração.

— Está enganada, minha mãe — balbuciou Ricardina. — Sou muito amiga de Bernardo; mas sou mais ainda da minha família. Se o não fosse... poderia dar algum passo que lhe causasse muita pena.

— Qual passo? — acudiu D. Clementina, como quem conhecia experimentalmente os passos usuais em lances análogos. — Que havias tu de fazer? Fugir?

A filha não respondeu às instâncias iradas da mãe.

— Fugir?, responde... Tu pensas que o Bernardo, se praticasse essa infâmia, vivia vinte e quatro horas? Não sabes o pai que tens, nem o filho do Silvestre da Fonte conhece Leonardo Botelho de Queirós! Matava-o, tão certo como dizer-to eu; e a ti, desgraçada, não sei se te seria melhor ter sorte igual à do homem que nos fizesse tamanha afronta! Então ele já te convidou a fugir? — exclamou D. Clementina com raivosos trejeitos.

— A mãe está fora de si! — atalhou amedrontada Ricardina. — Pois eu já lhe disse que queria fugir, ou que ele me...

— Então que querias dizer senão isso? — volveu a mãe já menos incendida. — Apre! que estou a suar! Fugir!

Faz-me horror esta palavra! Concentrou-se com amargurados sinais de dor profunda, a olhar fitamente nos olhos orvalhados da filha; e, à volta de alguns segundos, repetiu:

— Fugir!... Sabes tu o que é isso?

E, circunvagando os olhos às portas por onde podia ser escutada, continuou abaixando a voz, quase ao ouvido de Ricardina:

— Eu fugi, filha; fugi, cega de luz infernal; e quando abri os olhos, e conheci o que era, e sem remédio havia de ser sempre, tornei-me a desgraçada mais sem consolação que o mundo tem. Olha que eu sou nova. Tenho 37 anos. Vês os meus cabelos quase brancos? Olha tuas tias e as minhas irmãs mais velhas como estão novas! Não as viste já passar aí a cavalo com tanta gente ilustre a acompanhá-las? Vinham mostrar-se, para que eu as invejasse e tivesse pena e vergonha de mim... Tive, filha, tive pena e vergonha. Vi-me num espelho depois de as ver a elas, e fui com os olhos

queimados, de lágrimas procurar-te, minha filha, a ti e a tua irmã, para me abraçar convosco, e lembrar-me de que as minhas irmãs não tinham duas filhas, dois anjos como eu...

Ricardina abraçou-se palpitante de ternura contra o seio da mãe, beijou-lhe as faces coradas de choro, e murmurou:

— Não se lembre que eu fuja, não? Se fugir da minha mãe, há de ser para Deus.

— Mas, Ricardina — disse a mãe acariciando-a e em tom suplicante — , porque não casas com o teu primo? Não é ele um bonito rapaz? Receias que ele seja mau esposo? Ah! Eu sei que ele há de amar muito a minha Ricardina, que é tão linda no rosto como na alma... Filha, a felicidade alcançam-na os que mais sacrificam as suas inclinações. Verás como tudo esquece, tudo se desfaz, menos o remorso de uma ação condenada primeiro pela sociedade e depois pela consciência... Tu não podes entender-me estas palavras, filha... Deus permita que elas te não lembrem quando as puderes entender, porque serás então desgraçada como tua mãe...

— Não chore, não chore, minha querida mãezinha — obstou a menina, alimpando-lhe o choro com o seu lenço.

— E tu que me prometes, filha? — sobreveio D. Clementina, afetando alivio no sorriso.

— Que hei de eu prometer?

— Casas com o meu sobrinho Carlos?

— Não posso, minha mãe, porque tenho ódio àquela gente. Nunca os vi nesta casa senão depois que podiam levar daqui não sei que dinheiro. O que eles querem é que eu e a minha irmã levemos o dinheiro que lá é preciso...

— Tens razão! — exclamou expansivamente D. Clementina. — Tens razão! A tua alma vê bem as indignidades da minha família! Agora, imagino quanto será grande a tua repugnância!... Não ta combato... faz o que te disser o bom anjo das tuas orações... Vai para o convento, vai, meu amor. Os teus primos não me conheciam antes de saber-se que o teu pai dava trinta mil cruzados a cada filha. Voltavam-me o rosto, se acaso me viam, quando eu ia para eles com o coração cheio de ternura!... Eram aqueles mesmos que há um mês me beijaram a mão... eles, para

quem eu tinha olhado com a humildade de pecadora a pedir-lhes que me concedessem o prazer de os contemplar... e me deixassem sentir o contentamento de ainda ter família, de pisar ainda as tábuas em que passei a juventude... Vexavam-se de me ver... — prosseguiu ela com transportada e veemente cólera. — Fugiam-me e creio até que o pai os castigaria, se me não fugissem Oh! Tu não sabes as desonrosas condições que eles puseram, antes de aqui virem pedir-te e a tua irmã... Nem eu tas digo, porque quero esconder de ti o orgulho do teu pai, orgulho misturado com baixeza... Ainda assim, quando vi os filhos do meu irmão, alegrei-me, imaginei-me outra vez na casa dos meus pais, rodeada de família, de tantos parentes, de tantas amigas, que todas me cuspiram na cara, pensando que não bastavam as lágrimas para o tormento!... Pobre mulher! Foi uma fraqueza de que tu me levantas, filha! Ensinas-me a ser nobre na desgraça, e mais não sabes quanto me cumpria sê-lo... Não to direi; a tua alma adivinha-me... Olha que eu não posso defender-te, porque teu pai tem vontade de ferro, é inflexível, e eu valho menos nos juízos dele que a opinião de Norberto e dos criados, que lhe obedecem e morreriam por lhe satisfazer as

vinganças. A minha filha, não podes contar com a tua mãe, senão para tomar o maior quinhão das tuas aflições. Se fores para o convento, ainda pode ser que eu peça à caridade da tua prelada que me deixe lá ir acabar os dias ao pé de ti. Irei ver-te, se o teu pai me deixar; e, se não for, hei de escrever-te todos os dias, hei de contar-te a continuação da minha vida, enquanto Deus quiser que eu seja o exemplo da penitência. A minha filha... O meu querido anjo do Céu... como eu me sinto tua amiga! — exclamou a senhora, abraçando sofregamente a menina, que a estreitava ao seio, beijando-lhe a cara. — Fiz-te minha confidente... Há dezassete anos que esperava esta hora... Dizia tudo a Deus; mas o coração ficava-me sempre abafado... Respirei agora; já sei que tenho um coração que se condói... Escuta... — interrompeu-se D. Clementina, fitando o ouvido — chega teu pai... Que me não veja ele sinais de lágrimas...

CAPÍTULO VI

AGONIAS

— A tua mãe onde está? — perguntou o abade a Ricardina.

— Penso que está na sala de costura.

— Que venha à minha saleta.

Clementina, ao perpassar pela filha, segredou-lhe:

— Não to disse eu? Falta um dia.

— Anime-se, minha mãe... Diga-lhe que vou satisfeita para qualquer convento.

Padre Leonardo passeava ofegante ao comprido e através da espaçosa quadra.

— Queres saber uma grande maroteira? — bradou ele, assim que a senhora pisou o limiar da porta.

— Que é?

— Estava eu na sacristia, quando Bernardo Moniz entrou na igreja e foi direito a mim. Perguntei-lhe o que queria. Respondeu que o escutasse com sossego e bondade.

— Fale lá, que eu estou sossegado! — disse-lhe eu. Pespega-me ele então um grande aranzel, com as bagadas a cair-lhe pela cara, e acabou por me pedir Ricardina.

— E quem lhe deu ao Sr. Bernardo a ousadia de requestar a filha de Leonardo Botelho de Queirós? — perguntei eu, que já o não via.

— O coração — respondeu ele.

— Qual coração nem qual diabo?! Não sei o que é o coração! O que eu sei é que o senhor atreveu-se a pôr os olhos numa senhora que não pode ser nora do seu pai, percebeu o senhor? E que há de ele dizer? Empina-se com ares de soberba ofendida, e diz de papo empavesado:

— O meu pai é um homem de bem, e eu sou filho de Maria Clara, esposa virtuosa do meu honrado pai.

— Sabes que me deram flatos de o esganar mesmo ali, e desfazer-lhe a cabeça na esquina da porta? Aposto que não

entendeste a ofensa que ele te atirou à cara? Queria dizer que a mãe dele era mais honrada do que tu.

— Se ele queria dizer isso... — observou D. Clementina Pimentel — , tem razão...

— Tem razão?!

— Sim... pois que sou eu, Leonardo? Que nome me dá o mundo? Que conceito faziam de mim os meus parentes antes de constar que davas sessenta mil cruzados a tuas filhas?

— Por isso mesmo é que eu os obriguei à humilhação de virem aqui; por isso mesmo é que tu hás de lá ser recebida com muitos afagos; por isso mesmo é que eu amontoei ouro para carregar de dinheiro os miseráveis, até eles porem o nariz nas pontas das minhas botas, percebes?

— Percebo, sim... mas a sociedade depois há de rir tanto deles como de nós.

— De nós?! Pareces-me parva! Quem é que se ri de mim? Quem é?

— De ti, ninguém, que és homem, e és temido e respeitado, mas de mim...

— Quem se ri de ti, Clementina? Pois eu consinto que sejas escarnecida? Fazes de mim tão vil conceito?

— Não te aflijas, Leonardo... diz-me o que passaste depois com Bernardo.

— O que passei?... Mandei-o despejar, sob pena de o levar a pontapés fora do adro... E ele foi-se rebolindo, quando não... fazia-o engolir os dentes. Pedaço de mariola!... O filho do Silvestre da Fonte vir falar-me da honradez do bruto do pai e da virtude da maltrapilha da mãe!... Vamos agora à questão mais importante. Falaste a Ricardina?

— Falei.

— De que bordo está?

— Pronta para entrar no convento.

— Boa palavra. Amanhã cedo faço jornada. Poderei demorar-me três dias. O convento há de ser longe e seguro.

Enquanto vou e venho, arranja-lhe o enxoval. O que não puder ser, lá se arranjará.

Ao alvejar da manhã seguinte, o abade de Espinho, afastado com Norberto Calvo no afogado de uma carvalheira, terminava desta arte as suas ordens:

— De dia não lhe atires; vigia-lhe somente os passos, e não me largues de olho a Sra. D. Ricardina. Ora agora de noite, aponta-lhe ao peito, e deixa o resto pela minha conta. Percebes?

— Sim, senhor. Vá vossa senhoria descansado, que se eu o lobrigar de noite, fica onde estiver.

— Não lhe tenhas medo, ouviste?

— Medo! Eu!... Vossa senhoria então ainda me não conhece!

— Conheço-te, homem; mas vocês por aí catam respeito a estes bigorrilhas... porque são ricos...

— Que me faz cá a mim que sejam ricos!... Eu cá só cato respeito ao meu amo, e tanto monta atirar ao Bernardo como ao Diabo do Inferno que me apareça!

— Vou descansado, Norberto? O Frazão e o Torto já sabem também o que hão de fazer...

— Pode ir com o coração assente e ânimo à larga.

Norberto, assim que viu a fidalga, fez-lhe sinal. Desceu logo ao jardim a sua adorada menina.

— Senhora. — disse ele — , faça favor de avisar o Sr. Bernardo, que não apareça por aqui de noite. Eu não lhe quero mal; até, se puder salvá-lo, salvo-o, pondo o peito diante dele; mas o seu paizinho deu ordens de atirar a matar ao Frazão e ao Torto, que são capazes de acertar numa andorinha com uma bala.

Acudiu a sobressaltada menina:

— Manda-lhe lá tua mãe, sim, Norberto? Pelo amor de Deus!

— Não diga pelo amor de Deus, que não é preciso, fidalga. Basta dizer faz isto, faz aquilo. Eu vou já mandar recado à velha.

Inúteis cautelas! Bernardo Moniz, àquela hora, prostrado no leito, ardia em labaredas de febre, ou escabujava em

contorções delirantes nos braços do pai e irmãos. O sangue congestionado nos olhos, quando o abade lhe disparou o último insulto, refluíra-lhe à cabeça ameaçada de desconcerto cerebral. Estrangulado pelo trago da ira, que a imagem de Ricardina lhe fez retrair, abraseou-se-lhe no peito aquele lume que lhe escaldava as artérias e coriscava nos olhos.

À hora da sesta, disse-lhe o irmão que o estava procurando uma velha já conhecida deles. Aquietou-se de súbito o anseio. Sentou-se no leito, e pediu ao seu pai que deixasse entrar aquela mulher. O consternado velho retirou-se com os filhos, e viu com afável rosto entrar a velha de quem ele, esperava remédio ao seu Bernardo.

Ouvindo o aviso, enviado da fidalga, o jovem saltou do leito, e escreveu estas quatro linhas: “Queres fugir hoje? Amanhã será tarde, porque me sinto morrer. O teu pai esmagou-me o espírito, mas o coração salvou-se. Queres fugir hoje? Queres sentir as delícias de arrancar da sepultura o teu desgraçado amigo?”

Ao fim da tarde, Norberto entregou a carta a Ricardina, e devolveu pela velha a seguinte resposta: “Jurei a minha

mãe que não fugia. O que eu preciso não é salvar-me das dores que me esperam: é morrer; se Deus me levar primeiro do que a ti, chamarei a tua alma. Se fores adiante, não hás de esperar-me muito tempo. A minha mãe tem chorado muito, porque o meu pai veio dizer que tu a insultaste no seu infortúnio. Não acreditei. Pago-te com esta justiça as injustiças que me tens feito. A minha mãe é muito infeliz. Atormentá-la ainda mais com a minha fugida, é-me impossível. Se eu pudesse dar o passo que me pedes, seria preciso que ela já não tivesse luz nos olhos, nem coração para mais esta dor. Sê meu amigo, Bernardo; vive por amor de mim. Olha que me sinto amparada pela tua vida. Se tu morreres, fica-me no mundo somente esta pobrezinha, que talvez acabe mais cedo do que pensa. Adeus. Se souberes onde é o meu convento, escreve-me, e pode ser que eu lá te veja. Adeus, que vem aí minha irmã; e eu já me escondo de todos.”

Influiu santamente no coração de Bernardo a paciência adorável desta carta. Como corrido da sua pusilanimidade, o desesperado cobrou alentos, à medida que relia as expressões confortadoras de Ricardina. De esperança não

eram elas; mas sim de exemplar estorço, e valente resistência a porvindouras agonias. Renovou-se-lhe, em sossegado pensamento, a fuga do mundo para algum solitário mosteiro. Pintavam-se-lhe na fantasia as doçuras de tribulação semelhante à de Ricardina. Evasiva que tanto quadrasse ao seu estado não via outra nem queria já pensá-la.

Resolvidamente lho declarou assim a ela, despedindo-se em reportados termos e sublime conformidade com os desígnios do Altíssimo. Redarguiu Ricardina, reprovando-lhe o intento. “Eu não vou por vontade para a clausura”, escreveu ela. “Vou constrangida: nunca me hei de arrepender de um passo que sou obrigada; mas tu sacrificas-te sem com isso melhorar a minha sorte. Eu ia com esperanças de ver-te. Se vais para o convento, acabou-se-me tudo. Peço-te que não vás. Não sei o que me diz o coração...”

Ao outro dia, por tarde, chegou o padre Botelho de Queirós, e procurou Norberto antes de perguntar por Clementina.

— Não há novidade. — disse o criado. — Rondámos desde as nove da noite, ora um, ora outro, até ao dia. Cá

em casa não entrou fôlego vivo, e as fidalgas nem às janelas foram, que eu visse.

— Está bom.

As meninas saíram ao patim da escada a beijar-lhe a mão. Cedeu-a com repugnância a Ricardina, e afagou as faces da outra.

Ceou bem assombrado, e não releu o livro do sei Fr. Mateus Brandão contra o ateu Gomes Freire: não leu nada, nem o breviário. O abade de Espinho, quanto crenças religiosas, era ultraliberal, tirante certas superstições, que essas eram arquiestúpidas. Dialogou assim com D. Clementina:

— E então? A rapariga? Mudou?

— Não.

— Que lhe disseste?

— Nada. É escusado pregar-lhe. Quer ir para o convento.

— Depois de amanhã. Ficou alguém encarregado de tirar as licenças do bispo de Lamego.

— Ela vai para Lamego?

— Sim, vai para o Convento das Chagas. Tem um ano de noviciado. Espero que não chegue a professar. O caso lá muda de figura.

— Não chegará a professar, não... Morrerá antes...

— Deus se compadeça da sua alma. Antes a quero morta que mulher do filho do Silvestre da Fonte. Os mortos não envergonham os vivos...

— Despedaçam-nos com saudades — atalhou D. Clementina.

— Quando os vivos têm poucos brios.

— Os brios... os brios... — disse ela sorrindo tristemente.

— Sim, os brios! Que tem?

— Os brios de mãe... não o coração, Leonardo.

— E a darem-lhe com o coração!... Querem governar o mundo com o coração!... A cabeça já passou de moda!... Pois, senhora, eu tenho cá uma regra invariável... Filha desobediente perde o direito à estima dos seus pais.

— E não perde pouco... Perdi-a eu... e sei quanto perdi...

— Pois por isso mesmo — recalcitrou rudemente o desavergonhado abade — , por isso mesmo. Vives mal? Estás arrependida? Mais uma razão para que enfreies as liberdades da tua filha; que não vá acontecer igualar-se contigo na sorte.

— Deus a mate! — exclamou a senhora, afogada de soluços.

— Está bom! Está bom! — rezingou o padre. — Nada de choradeiras intempestivas. O mal feito fez-se; o mal possível prevê-se e remedeia-se: é o que eu faço.

— Bem! — disse serenamente D. Clementina, sopeando a dor. — Queres que eu a previna?

— Está claro. Amanhã chega a liteira; depois de amanhã faz jornada.

— Quem vai com ela?

— Tu e dois criados. Lá estão em Lamego os meus primos encarregados de a receber e levar ao convento.

— Não me dispensas de ir a mim?

— Não. É necessário. Quem há de ir? Bem sabes que não conhecemos senhora nenhuma no caso.

— Mas eu não posso suportar a dor da separação! Como hei de eu despedir-me da minha filha?!

— Aí tornas tu com lástimas de carpideira! Forte zanga! As mulheres parece que trazem as lágrimas numa bilha!

— Deixa-me chorar, Leonardo! — clamou ela pondo as mãos.

— Pois chora, chora por uma vez! — vociferou o abade, e saiu de ímpeto para o jardim.

D. Clementina saiu também, endireitando ao quarto das filhas. Abraçou Ricardina, e desafogou os soluços a beijá-la nos lábios e nos olhos.

— Vais depois de amanhã, meu amor do Céu!

— Paciência, minha mãe — disse sossegadamente a filha — , paciência! Que outra coisa esperávamos? Eu já o sabia...

— E hei de ir contigo... hei de ir dar-te o último abraço à porta do mosteiro.

— Último, não, minha mãezinha... Eu pedi a Deus que a mandasse comigo. Ouviu-me o Senhor. Quem me havia de dar o exemplo da resignação?

Neste lance, D. Clementina, após uma longa pausa, olhando fixamente para a imagem de um Cristo do oratório das filhas, exclamou:

— Meu Deus, sim? Que pergunta silenciosa fizera ela a Jesus?

CAPÍTULO VII

O QUE ELA PEDIA A JESUS

Consentiu o abade que a sua filha se despedisse dele. Eugénia deplorou medianamente a partida da irmã. Quem chorou ansiadíssima foi Clementina, abraçada à filha que ficava. Tais choros pareciam desarrazoados ao entendimento do padre Leonardo, e à própria filha.

Fez-se na casa um silêncio triste. Ouvia-se, porém um alto soluçar na adega, onde se escondera quem quer que fosse. Era Norberto, atabafando o rosto nas rimas das cepas. com receio de ser ouvido.

Não chorava já ninguém mais. Dizia o abade a Eugénia:

— Tu é que és a minha filha. Hás de ser muito rica. Mereces-mo. Tudo o que eu tenha há de ser teu.

— Isso não — contrariou a menina, dorida de saudades. — Ricardina é minha irmã. O pai não lhe queira mal.

— Achas bonito que ela quisesse casar com Bernardo?

— Coitadinha! apaixonou-se por ele... A gente...

— Qual apaixonou-se! A tua irmã é mulher sem sentimentos nobres... e a tua mãe...

Calou-se de si mesmo envergonhado. Ia dizer que a mãe não era mais pundonorosa do que a filha. O receio de injuriar indiretamente Eugénia amordaçou-lhe o insulto. Para divertir o ânimo irritado, perguntou à filha se estava pronta a cumprir a sua promessa de casar com o primo.

— Quando o pai quiser.

— As dispensas estão lavradas. Pode marcar-se o dia. Há de ser logo que a tua mãe chegar.

E convieram em esperar a mãe; não porque o abade julgasse precisa e decorosa à cerimónia a presença maternal de D. Clementina: era o anseio orgulhoso de ver entrar com a filha em casa dos seus pais.

No dia em que se esperavam a senhora e os criados por noite alta, chegaram eles.

— A fidalga? — perguntou o abade.

— Ficou lá.

— Aonde?

— No convento com a menina. Aqui está uma carta do primo da vossa senhoria, onde as senhoras passaram a noite.

Padre Leonardo saltou de entre as cortinas adamascadas do leito, e foi ler a carta à luz da lamparina. A informação resumida contava que D. Clementina Pimentel, meia hora depois que se apeou na casa do informador, lhe pedira que mandasse alguém acompanhá-la ao paço do bispo, com quem precisava falar urgentemente. “Foi meu filho acompanhá-la”, continuava o relator, “e depois me contou que D. Clementina conseguira que uni fâmulo a conduzisse à presença do prelado, onde ela se demorou por espaço de cinco quartos de hora, a sós coar o bispo. Voltou a senhora, e fechou-se no quarto da filha, sem querer assistir à ceia, nem tão-pouco a menina se afastou da mãe. Por mais diligências que fizeram tuas primas, tudo se frustrou. Não houve trazê-las ao chá, nem obrigá-las com extremos de delicadeza a receber a ceia no seu aposento. Hoje às onze horas foi a entrada no mosteiro. D. Clementina entrou no

pátio interior com a filha e apresentou à prioresa uma licença do bispo em que lhe é concedida a residência de secular no mosteiro enquanto for sua vontade residir conventualmente. Quantos presenciámos o lance ficámos assombrados, e igualmente comovidos vendo mãe e filha abraçadas e chorosas, ao mesmo passo que D. Clementina, voltada para uma cruz, exclamava: "Graças meu Deus, que ouvistes a minha súplica! Agora, defendei-me, Senhor!".

“Fechou-se a porta do mosteiro, e eu fui de ali ao paço. Ouviu-me o bispo serenamente, e perguntou-me que eu queria afinal. Disse-lhe que D. Clementina... aqui me interrompeu de chofre o prelado com estas palavras: "D. Clementina Pimentel procedeu cristãmente. O que hoje fez já o devia ter feito. Permita Deus que ela persevere e morra na graça de Jesus Cristo, da qual tão desviada tem vivido na companhia do seu cúmplice, sobre quem pesa tremenda responsabilidade." “Que havia eu de contrapor a isto? Bem sabes que não há lógica nem retórica de servir na tua defesa, encaradas as coisas pela sua face religiosa. Nisto gastei algum tempo, e só agora tão tarde pude aviar os criados...”

Seguia um N. B. deste teor: “D. Clementina mandou neste instante a inclusa carta.”

Viu o padre que o sobrescrito dizia: para a minha filha Eugénia. Abriu. Continha o seguinte: “Minha filha, não precisas de mim para ser afortunada. Tens pai, e vais ter esposo. A minha pobre Ricardina é que não tinha ninguém, se eu lhe faltasse. Recebe a minha bênção, e acode às tribulações do teu pai quando lhe chegar a hora de as experimentar. A tua mãe, Clementina.”

O abade rasgou a carta de três repuxões, e começou a enfiar as pantalonas. Esperou a luz da manhã, e chamou Norberto. Mandou selar os dois machos, foi bater à porta de Eugénia, disse-lhe que ia para fora, e jornadeou para Lamego. Descavalgou no pátio da residência episcopal. Era noite. Enviou o seu nome. O bispo, receoso do hóspede. acercou-se de fâmulos, e mandou entrar à sua presença o abade de Espinho. Apenas se defrontaram, os olhos do padre Leonardo menos escarlates que as incendidas belfas afunzilavam faúlhas. Latejavam-lhe as cordoveias do pescoço esticadas pela tumidez dos gorgomilos, onde as vozes se represavam abafadas pelo rancor. O prelado

esperava, não sem assombro, o estalar daquela borrasca. Estourou enfim, perguntando com que direito lhe era roubada a mãe das suas filhas. A inépcia da pergunta fez sorrir o bispo:

— Quem roubou a mãe das suas filhas? A mãe das suas filhas é uma pecadora, manceba de um padre, e padre pastor de almas?

— É! — bradou o abade.

— Pois se é, incline-se diante de Deus, como ela.

— Quem é Deus? É Vossa Excelência? — disse o clérigo.

— Deus é Aquele! — e apontou para um retábulo em que se figurava o lance do horto de Gethsemani. Padre Leonardo não seguiu de olhos o dedo indicador do venerando prelado. Deu dois passos trémulos, apertou entre as mãos convulsas o chapéu de seda, e rouquejou:

— Sabe quem sou eu?

— Já recebi a notícia do seu nome, Sr. Abade de Espinho.

— Não sou abade de Espinho: sou homem; e, como homem, o meu nome é Leonardo Botelho de Queirós. Guarde bem de memória este nome, Sr. Bispo.

— O seu nome não me pertence. Respeite a jurisdição do seu prelado, Sr. Abade. Queira recomendar-se ao Sr. Bispo de Viseu, que me dizem ser bom teólogo e exemplar príncipe da Igreja. No entanto, direi ao Sr. Leonardo Botelho de Queirós o que se diz a todo homem vicioso e corrompido: Nisi poenitentiam habueritis omites similiter peribitis. Palavras de S. Lucas, Sr. Abade... Et annuntiabam ut poenitentiam aegerent et converterentur ad Deum, digna poenitentiae opera facientes. Palavras dos "Actos dos Apóstolos", Sr. Abade.

O padre Leonardo não sabia bastante latim: sem embargo, percebeu que o bispo lhe aconselhava penitência; com o quê, espirrou uma guinada de riso cínico, e voltou as costas ao respeitável admoestador, dizendo:

— Nós conversaremos em idioma português, Sr. Bispo.

— Necessário lhe será, Sr. Abade de Espinho — replicou suave e risonho o prelado.

Já se tinha divulgado em Lamego a chegada do tonsurado valentão, que por ali, na juventude, afamara o nome com façanhas condignas de outras da começada velhice. Os parentes esperavam-no atemorizados em frente do paço, e lastimavam a posição perigosa do bispo. Saíram-lhe ao encontro, quebrando-lhe os assomos com judiciosas reflexões, tendentes a convencerem-no da desairosa saída que ele ia dando em conjunção de tamanho melindre para si e mais ainda para D. Clementina Pimentel, ilustremente aparentada naquela terra.

Reduziu-se algum tanto o abade, assediado de cavalheiros e senhoras, suas primas, às quais prometeu portar-se de modo adequado ao seu nascimento e estado. Levaram-no pelos brios jerárquicos. A noite desvelou-a, cansado de espírito e macerado de corpo, resultas do muito que chutara no macho por aquelas penhascosas nove léguas da sua casa a Lamego.

Sol nado, saiu do quarto furtivamente e encaminhou-se ao Convento das Chagas. Esperou que se abrissem as portas, e anunciou-se a sua filha. Conduziram-no ao locutório, onde já o esperava Ricardina. Algumas memórias rezam que o

padre Botelho de Queirós chorara, quando viu a filha. Duvida a minha ciência experimental do coração humano. Dê-se, porém, de barato que chorasse. O que pertence aos factos averiguados desta história é que o abade perguntou à filha:

— A tua mãe?

— Está doente.

— Quero vê-la.

— Está de cama com febre desde que entrou; mas, se o pai quer, digo-lhe que...

— Preciso falar-lhe — concluiu o pai.

Saiu a noviça e voltou com a resposta:

— A mãe não pode erguer-se; e pede ao pai que a não procure mais.

— Disse-te isso tua mãe?

— Sim, senhor.

— Pois diz-lhe que eu vou mandar a sege dos meus primos buscá-la; que, se está doente, é melhor tratar-se cá

fora.

— A mãe não pode ir, meu pai. O meu dever é evitar que ela se aflija mais do que está. Perdoe-me, por quem é; que eu esse recado não lho levo.

— Conluiou-se contigo? — bradou o padre. — Estão vocês apostadas a dar cabo de mim? Pois enganam-se... Lá tenho uma filha a quem amar muito e dar tudo que tenho.

— Aqui pouco nos basta — replicou Ricardina. — Seja minha irmã feliz.

— Então tua mãe sairia do convento — redarguiu ironicamente o abade — se eu te deixasse casar com o Bernardo? Responde a isso!

Ricardina abaixou os olhos, e cobriu duas lágrimas com as pestanudas pálpebras.

— É assim ou não é? — repisou o pai. — O que a tua mãe quer é ser sogra do filho do Silvestre da Fonte?

— Não se fala em tal coisa, meu pai.

— Não se fala? Então em que se fala? Porque se meteu aqui tua mãe?

— A mim não me conta os segredos da sua alma. Diz que me tem muito amor, e quer morrer ao meu lado.

— Faz muito bem — concluiu o abade, e saiu mal seguro nas pernas, que vergavam sob o peso da ira.

Da casa hospedeira escreveu a D. Clementina. A má índole reluzia de entre contrafeitas expressões de estima. Atraiçoava-se a cada frase. O filho do Silvestre da Fonte dava-lhe os realces do estilo sarcástico. Arguia a fugitiva senhora de má filha e má mãe. Que mais ervada injúria podia expedir-lhe ao coração a proterva alma do padre? Concluída a leitura, D. Clementina queimou a carta, dizendo à filha:

— É coisa que não podes ler, menina. Manda dizer que responderei, quando Deus me der força.

Desenganou-se o padre. Os parentes louvaram-lhe notavelmente a sua prudência e honestidade quando o viram partir, limitando-se a vociferar maldições à filha, que lhe pervertera o coração da mãe. Seria ridículo, se não fosse ignóbil, o sedutor da pura e formosa Clementina Pimentel.

CAPÍTULO VIII

O BEM-FAZER DA MORTE

Desafogou-se o espírito do abade, negociando rapidamente o casamento de Eugénia. Sobrepôs nova condição ao noivo: que Luís Pimentel viria para sua casa, visto que a solidão lhe era penosa. Concordância absoluta dos Pimenteis, dobradamente satisfeitos da resolução da contrita Clementina. O tropeço que, apesar da sua filosofia, ainda lhes dava rebates de vergonha, era a entrada escandalosa da “perdida”, como eles a alcunhavam, na casa cujo brasão de armas enlameara.

Realizaram-se as escrituras e casamento em princípios de Outubro de 1827. Luís Pimentel contou os trinta mil cruzados do ajuste, e afagou a esperança de abarcar ainda os destinados ao seu irmão Carlos. A casa da Reboliça desapressou-se dos credores que a traziam em agonias de penhoras. Uns dias por outros, o abade entrava ovantemente nas salas — onde dezoito anos antes tecera a

desonra daquela família — e gizava obras de gosto e primor arquitetónico, despendendo-se em dádivas computadas para as liberalíssimas despesas.

Era para ver e pasmar os abraços estremecidos que ele trocava com o irmão de Clementina, um velho ainda fresco, genealógico de polpa, que, no seu parafusar constante dos ramos esgalhados de D. Ordonho, rei das Astúrias, vingara tirar a limpo, fora toda a lisonja, que o décimo quinto neto daquele príncipe foi D. João Afonso Pimentel, 1º conde de Benavente; e que o quinto neto deste conde casara com D. Isabel Botelho Pimentel, a qual era duodécima avó de Leonardo Botelho de Queirós. Em conclusão, a consanguinidade de Queiroses com Pimenteis era tal e tanta que o abade foi proclamado primo em quinto grau do irmão de Clementina, e os noivos, pelo conseguinte, primos coirmãos pela mãe, e em sexto grau pelo pai. Com isto, a consciência dos Pimenteis, no artigo pundonor, desobstruiu-se de travancos impertinentes. Quase que dispensavam a filosofia!

Correram as coisas mirificamente e a bel-prazer de sogro e genro até fins de Novembro. Um dia, porém, Luís Pimentel

estomagou-se contra Frazão e Torto, criados de predileção do abade, à conta de eles acobertarem os machos do sogro com os xairéis dos seus cavalos. Os eguariços abespinharam-se fiados no arrimo do patrão. Luís remeteu contra eles armado de estadulho; os agredidos, porém, defenderam-se com idêntica arma, buscando ocasião de o esquadrilhar com alguma lombada. Aquietou a desordem Norberto, que era temido dos seus companheiros. Pimentel queixou-se ao abade, exigindo que os petulantes fossem despedidos. Quis o padre amaciar o genro, obrigando os seus fiéis criados a darem-lhe satisfação. Luís desprezou tal desforço, como indigno de si, e sobresteve na exigência da saída dos criados. Contraveio o padre amontoando razões que lhe atavam os pulsos, fundadas todas em gratidão aos bons serviços de vinte anos. Redarguiu o genro que, em tal caso, sairia ele com a sua mulher. O abade encolheu os ombros e esbugalhou os olhos, como quem diz: “faça o que quiser”. Consultou Luís a esposa:

— Vamos daqui embora, Eugénia?

— Morta por isso estou eu — acudiu a senhora, que idolatrava seu marido.

— O pior é...

— O quê?.

— O dinheiro...

— A quem há de ele deixá-lo? A mana Ricardina vai ser freira. Quem pode herdar senão nós?

— Dizes bem.

— Vamos — insistiu ela — , que esta canalha dos criados é insuportável. O pai é tão fidalgo numas coisas e tão plebeu em outras!... Não o entendo.

— E se ele nos for procurar, terás saudades?

— Eu!... Ora!... O que eu quero é ter-te ao pé de mim, filho. Tenho mais medo que amizade ao meu pai. Quando me lembro o que a minha mãe padeceu, dá-me vontade de chorar!

— Está decidido — fechou Luís Pimentel.

E, buscando animosamente o sogro, disse-lhe:

— Tio Queirós (desde o descobrimento da duodécima avó, chamava-lhe tio), visto que não despede os criados,

permita-me dizer-lhe que mudamos de casa. A nossa, na Reboliça, está sempre às ordens de vossa Senhoria.

— Obrigado. Façam o que quiserem. Viverei sozinho. Tenho sobrinhos em Amarante; mandá-los-ei chamar para aqui. Ainda posso dotar guapamente dois.

— Um Pimentel não se assusta com tais ameaças, tio Queirós... — redarguiu o genro.

— Então um Pimentel que é?

— É um homem brioso que não vende a sua dignidade por trinta ou cem mil cruzados.

— Ora, adeus! Um Pimentel... sabe o senhor o que é um Pimentel? Quer que eu lho diga?

— Ouvirei.

— Um Pimentel... é um asno. Acredite isto que lho digo eu... Em suma, faça o que quiser e mais a sua esposa.

— Felizmente — retorquiu Luís — que o amor da minha mulher quebra as pontas desses dardos que vossa senhoria despede contra o marido dela. Eu não sou tão asno que o não conheça ao senhor.

— Está bom; não me turve o juízo... vá com Deus, Sr. Luís, e deixe-me... Vá, e pergunte ao seu pai quem eu sou.

Alusão pungentíssima, se o broquel da filosofia a não rebatesse. Na mesma hora, aparelharam-se os cavalos. Eugénia saiu, sem despedir-se do pai. Era medo ou ódio? Ambas as coisas talvez, porque o marido lhe reproduzira o diálogo e a petulante injúria do sogro. Por maneira que está sozinho o padre Leonardo! Tem que ver o esforço com que ele quer esmagar na alma o pesar de ver-se desprendido de todos os afetos que alguma hora lhe foram caros. Os relâmpagos da saudade queimam-no. porque têm o ardor do castigo. Revira-se contra si próprio, se a solidão o aterra. Quer espancar a imagem de Clementina e de Ricardina que, a espaços, se lhe figuram sentadas nas cadeiras à volta da mesa em que ele violenta a deglutinação do bocado. Foge de si mesmo, e cada hora se sente a cavar mais fundo no lodo da consciência. As camadas sobrepostas ao remorso são espessas; mas afinal a faísca ressalta, invade-lhe o peito, e pega-lhe no bravio resseco do coração.

Começa o condenado a temer Deus. A sua fé não transluz da desgraça, nem do raio influído do alto, nem do

reconcentrar-se a indagar a causa dos efeitos: a sua fé não é senão cobardia, medo de sofrer. O sibarita, estribado no seu ouro e na provada força das vitórias sobre os reveses. espanta-se da subitânea transformação da vida. A dor ainda assim não o amolga. Pouco vai além dos 40 anos. Se a alma lhe fraqueja, o corpo reage e sacode de si a importuna hóspede, sem a qual pôde saborear as coisas boas deste mundo, que todas são doçura estreme quando assim as tempera o despejo. Está ele já remoçando às práticas da sua juventude dissoluta. Lembra-se da mulher que antecedera os amores de Clementina, e da presteza com que a segunda lhe despintara da fantasia afogueada os traços da outra. Como aquela alma se ia atolando na lama que o esgoto do remorso lhe desenchia da consciência!

Abrangeu de um lance de olhos as ovelhas mais nédias do rebanho, e andava confrontando as recenseadas no propósito de eleger a mais de feição para fazer luz e vida na escuridade das suas salas desertas.

Nestas reflexões com que ia entretendo o mês de Janeiro de 1828 o encontrou uma carta vinda dos primos lamecenses, com a nova de que D. Clementina Pimentel estava muito

enferma e já desconfiada dos médicos. Acrescentava o comovido primo que as religiosas, edificadas pela contrição da pecadora, oravam incessantemente, pedindo a Deus a conservação daquele raro exemplo da divina graça. Concluía a carta rogando que, em acatamento à opinião pública, não aparecesse em Lamego, nem fosse de qualquer maneira perturbar os últimos dias da moribunda.

Leonardo Botelho sentiu a primeira e sincera agonia na alma encouraçada às dores que dobram as compleições mais rijas. Ficaram-lhe enxutos os olhos porque as lágrimas são o limbo: além destas está Céu, consolação, desafogo. Então que flecha vingou fender-lhe o aço do peito? Devia de ser o desprezo, se não ódio dele com que a asceta Clementina se voltara para as quimeras de além-mundo, deixando-o apontado como algoz de uma alma, que lhe fugiu para salvar-se. Esta satânica soberba afogava os germes da compaixão. A cada assomo de remorso correspondia a força reativa da sua razão, desvanecendo-lho com a ira de se ver sem família, ludibriado por uma filha, que o deixa por lhe ser negada licença para honorificar um vilão; ludibriado pela mãe, que se bandeara

com a filha rebelde; ludibriado pela outra filha, que, decorridos dois meses de apartamento, não mandara saber do seu pai.

Mais suaves angústias, ao mesmo tempo, eram as de Clementina. A sua cela desbordava de amigas extremosas que se pasmavam a contemplar-lhe a paciência invencível às ânsias de uma hipertrofia do coração. Não havia ter as lágrimas quem lhe escutava o confessar-se do seu desmerecimento para tanto amor de senhoras sem mácula. Pode ser que a enferma se enganasse no juízo das caridosas amigas; sem embargo, deviam de ser boas almas aquelas que se não melindravam de confortar pecadora tão inveterada no crime. Chegada ao termo, e já entrevendo por olhos baços as alvoradas do dia eterno, disse à filha:

— Ricardina, deixo-te no meio do teu noviciado. Tens ainda sete meses para sondar a tua inclinação. Por obediência não professes; se amares ainda Bernardo, não professes também. Espera com esse hábito o chamamento de Deus, que te há de mover alegremente. Sem isso não te ofereças a um sacrifício inútil para o Senhor, e perigoso, e desgraçadíssimo para ti. Não me palpita o coração — pobre

coração que está morto! — qual seja o teu futuro... Quem sabe! Talvez ainda venhas a casar com Bernardo. Se tal acontecer, Ricardina, diz-lhe que eu também lhe quis como podem querer as mães aos que tão nobremente lhes amam as filhas. Era merecedor da tua alma, era... Deus vê tudo... Espera, filha. Pode ser... eu vou pedir muito ao Senhor que te deixe ser feliz.

Descansou a doente, atormentada pelas dores do seio, e continuou:

— E Eugénia que não veio ver-me!... Quantas cartas lhe escreveste, Ricardina?

— Três, minha mãe.

— Que te disse ela?

— Primeiro, que estava também doente... Depois, que estava doente o primo Luís. À terceira, também...

— Não respondeu?

— Não, minha mãe.

— Pois perdoo-lhe... Se ela se ligou aos meus parentes contra a sua mãe, também lhe perdoo... Disse-te ela que era

feliz?

— Ah! isso escreve ela sempre.

— Ainda bem. O Luís será muito amigo dela?

— Diz que não há esposa mais adorada, e pede-me: que vá gozar a felicidade que ela goza.

— Não é bom conselho... Cada qual tem o seu modo de ser feliz... E do pai não diz nada?

— Não se lembra, mãe? Fala muito mal dele... Chama-lhe cruel e bárbaro.

— Pobre homem! Que velhice há de ser a dele.

Neste ponto, recresceu-lhe a ansiedade, agravada pelos soluços tirados do peito sem ar. Pediu por acenos à filha que lhe chegasse aos lábios o crucifixo. Apertou-o ao peito convulsivamente, enquanto Ricardina foi chamar as religiosas das celas próximas. Clementina chamou a si a filha, e volteou-lhe o braço: pelo pescoço, inclinando-lhe para o ombro a face esmaecida. Nesta postura entreabriu um sorriso às religiosas soluçantes, arrancou um suspiro com o qual todo o corpo vibrou, descaiu a cabeça sobre o

antebraço de Ricardina e... já não ouviu os gritos da filha, e o salmear das freiras ajoelhadas...

CAPÍTULO IX

ATÉ QUE ENFIM!

Bernardo Moniz estava em Coimbra desde a abertura das aulas. A vontade suplicante de Ricardina demudara-o do intento de enclaustrar-se. As palavras “não sei o que me diz o coração...”, da última carta dela, rasgaram-lhe horizontes donde bafejavam auras de esperança.

Dizemos a “última carta” das que o leitor conhece. Há outras, porém, escritas no Convento das Chagas, e enviadas por mediação de certa freira, irmã de um condiscípulo de Bernardo. A correspondência ligou-se regular e de todo insuspeita. Os espias do padre não descortinaram o segredo nem se empenhavam zelosamente nisso; antes se espantavam de que o soberbo e contraditório pai da menina lhe impedisse o casamento com um dos mais ricos jovens da Beira.

Na linguagem de Ricardina transluzia sempre aquele moderado entusiasmo que não inculca paixão superior à temperatura da íntima estima. A de Bernardo Moniz, com breves intercadências de resignação, era, pelo ordinário, arrebatada. Insistia ele agora em tolher-lhe os votos, facilitando-lhe planos de fuga, mas ela, perdoando às instâncias do amor desvairado, tinha-lhe enfim rebatido a pertinácia, escrevendo que lhe seria menos doloroso fugir de casa que do mosteiro, onde sua mãe se encerrara. Conformou-se o académico durante alguns dias; mas vencida a prudência pela saudade, renasciam os queixumes e propósitos de se recolher ao Buçaco.

A notícia da perigosa enfermidade de D. Clementina, atuando sobre aquela espécie de lacerante egoísmo de Bernardo Moniz, desentranhou-o de si para o converter todo a compadecer-se de tão afligida menina. Consolativas foram então as suas cartas. As expressões eram fagueiras como as do irmão já adulto que distrai e acaricia a irmãzinha chorosa à beira do esquife da sua mãe. À notícia da morte de Clementina, seguiu-se o silêncio de duas, semanas, bem que a freira, escrevendo ao irmão, lhe pedia,

que explicasse ao seu amigo o silêncio de Ricardina, forçado pela doença e mais ainda pela incessante companhia das religiosas, que se revezavam ao pé dela, noite e dia.

Prosseguiu a correspondência depois com a mesma regularidade. Os sentimentos da noviça eram já diversos quanto a professar. Tinham feito grande abalo no seu ânimo as derradeiras palavras da mãe: “espera” quando acabava de louvar o exaltado amor de Bernardo. Facilmente pensou a filha que vinham inspiradas do Céu as ordens da moribunda, santificada por vinte anos de secretas angústias, a tempo que todos a julgavam tão criminosa quanto feliz. Deliberada, pois, a protrair os votos, enquanto, pudesse. Ricardina referiu a Bernardo as palavras da mãe e a promessa de ir rogar a Deus que os unisse. Reanimou-se o académico.

No princípio de Fevereiro daquele ano de 1828, o abade de Espinho passou em Lamego, caminho de Amarante, onde tinha o irmão morgado. Procurou a filha, disse-lhe benignamente que lhe perdoava os desgostos recebidos por causa dela, e contou que ia espairecer com o seu irmão, por

sentir-se morrer na solitária residência da abadia. No objeto da profissão disse que o mundo ainda podia dar muitas voltas. Ricardina decifrou do misterioso destas possíveis voltas do mundo que o seu pai se ia amolecendo a favor de Bernardo, quer por eficácia das orações da sua mãe, quer por se ter desavindo com Eugénia. Assim o comunicou a esperançada menina ao estudante.

Corridos quinze dias, voltou de Amarante o padre, acompanhado de um sobrinho, filho segundo do seu irmão. Chegados a Lamego, seguiram para o convento. O abade apresentou à filha seu primo Gaspar Botelho de Queirós, que ela ainda se lembrava de ter visto na infância em Espinho. Sucedeu à visita da apresentação a da despedida. Iam ambos para a Beira. Isto nem levemente insinuou desconfianças em Ricardina. Mas, passados dias, recebeu ela, incluída na carta do pai, uma do seu primo Gaspar, recheada de galantarias e devaneios de um coração amante. O abade pelo seu lado, confirmando à filha o conteúdo epistolar do sobrinho, significava-lhe o desejo e a deliberação feita de a ir buscar ao convento para os casar, logo que a dispensa viesse da nunciatura.

Foi embate que desvairou o espírito sereno de Ricardina, tão forte e discreta em mais apertados conflitos! Revelou a Bernardo as desventuras sobrevindas quando começava a criar esperanças; pedia-lhe que a não julgasse capaz de faltar à sua palavra. E dado que o pai a quisesse tirar do mosteiro não sairia; e, se a prelada e o bispo a mandassem obedecer, então fugiria para onde o esposo da sua alma quisesse. Explosão de fogo que o cegou! Não precisava o académico de outro aviso. Dispensa-se de esperar que as condições estipuladas se realizem. Rasga com jubiloso delírio o véu do segredo aos seus irmãos. Não os consulta nem quer conselhos. Comunica-lhes a sua felicidade e agasta-se porque os vê melancólicos. O médico receia resultados funestos; o teólogo acha imoral o feito da fuga e abominável a profanação do mosteiro. Refuta-os o jurista: ao primeiro impugna com o mistério em que há de ficar o destino e paragem de Ricardina; ao teólogo apoda-o de ignorar o que seja profanação, não pensando ele em pôr pés debaixo dos tetos sagrados da clausura.

Procura o condiscípulo confidente das cartas. Pede-lhe fervorosamente proteção como se nisso lhe fosse a vida.

Consegue senhorear-se de uma quinta convizinha de Lamego, onde o amigo tem caseiros. Ao mesmo tempo circunvaga nos arrabaldes de Coimbra em pesquisa de uma casa bem insulada, e cingida de arvoredos. Por terceiras pessoas de segura confiança aluga a mais apropositada vivenda à orla esquerda do Mondego. As árvores estão nuas e tristes, o rio vai torvo, as aves não cantam quando o céu está em luto. Aquilo é inspirativo de fastio e amargura; mas o seu delírio deleitou-lhe magicamente o que dias antes lhe pareceria estância de degredo. Não há senão dois criadores: Deus e o amor.

Mobilado o prédio com as melhores alfaias que um, seu confidente escolheu, partiu para a quinta suburbana de Lamego. Ao mesmo tempo eram avisadas a irmã do académico e Ricardina. A noviça esperava algum lance arrojado; mas muito aquém da temeridade realizada. Trespassou-a frio e febre de medo. Queria ofender-se da precipitação do passo, e mandá-lo sair de tão perto do convento; mas o coração reprovava as demasias de tão severa prudência. Propriamente a freira se admirava do hiperbólico juízo da sua amiga, malsinando-lhe de

ingratidão caprichosa o desamor com que respondia aos tratos do pobre jovem. E a falar verdade, Ricardina gostava de ser repreendida para se ir compenetrando do pesar de ingrata.

Graças ao poder da sensibilidade, respondeu cordialmente a noviça ao ditoso Bernardo; todavia não se dispensou de lhe reprovar a vinda intempestiva, segurando-lhe que somente fugiria na extrema certeza de ser levada do convento para casar com o primo. A condição verificou-se depressa. Anunciou-lhe o pai, irritado pelo silêncio dela, que se, preparasse para sair no prazo de oito dias. O remate da carta merece traslado: “Quero castigar tua irmã mostrando-lhe que és mais rica e feliz que ela. Hei de comprar-te um palacete em Viseu, e dar-te sege. Passarás com o teu marido lá o Inverno, e eu, que hei de brevemente ser nomeado deão da Sé, irei também para lá. Faz-me a vontade sem me desconsolar com as tuas criancices; que tu me dirás ainda que és a mulher mais afortunada do mundo. O teu primo Gaspar é a bondade em pessoa, e jura-me que nunca hás de arrepender-te de ser sua esposa”, etc.

A fuga estava delineada. Encarregara-se a freira do traçado por ter recolhido as tradições de deserções, mais ou menos antigas, daquele colmeal de virgens cansadas de fabricar mel para os anjos. De Ricardina todas as religiosas formavam conceito sem laivo de desconfiança. Deixavam-na as superioras deter-se na cerca até noite, suavizando-lhe as asperezas claustrais, já pelo afeto que lhe tinham, já por devoção com a memória da mãe, e não menos pelo empenho de verem o seu hábito franciscano vestido em menina tão luzidamente aparentada.

A cerca tinha uma porta da serventia do hortelão e outra dos carros. A evasiva era fácil por ali, à hora em que o pomareiro, ocupado no seu lavor, deixava descuidadosamente a chave na porta do seu uso. Prevenido do dia e hora, Bernardo Moniz transferiu-se de noite, de S. Sebastião de Arneirós para Lamego, onde o condiscípulo preparara a resguardada hospedagem. Grande parte da manhã do dia aprazado, passou-a Ricardina ajoelhada na claustra à beira da campa da mãe. Lá se ajoelharam de par com ela as mais reformadas franciscanas, aguardando entreaberta de a consolarem. Assistiu ao refeitório sem

tocar na sua ração; ouviu ler as piedosas admoestações no púlpito, concernentes às delícias da virgindade e da magnificência com que o divino esposo esperava no paraíso celestial as suas esposas.

Às quatro horas abraçou a sua amiga, cujas lágrimas borbulhavam dignas da saudade da outra. O frio era glacial; mas Ricardina, com o rosto e o coração em fogo, se tiritava, era de medo. Anoiteceu. A demora da noviça impressionou a prelada, unicamente receosa de algum acidente. Mandou as criadas acerca, a tempo que o hortelão vinha perguntando se faltava alguém, porque encontrara, ao sair, a porta aberta. Estrondeou grande e confusa grita no mosteiro. Espreitaram-se os recantos todos da cerca. O espanto não dava lugar a nenhum outro sentimento. Ia-se já virando do avesso o bom nome da noviça no espírito da comunidade. Até certo ponto era natural a mudança. As freiras ecléticas, quer dizer, as que tinham um poucachinho de crítica e filosofia para entenderem que o bem e o mal estão ouro fio na condição humana, diziam que Ricardina era filha do abade de Espinho, e herdara o pecado da mãe, esperando talvez a

idade própria de lhe herdar a contrição. As místicas propendiam a crer que andava influência demoníaca naquele sucesso, bem como em outros mais feios de que a memória lhes não era esquiva.

Como quer que fosse, a indignação monástica recresceu, e logo naquela mesma noite se enviou aviso ao prelado, ao corregedor e ao juiz de fora. Todos os avisados dormiram a trancos, até que no dia seguinte se começaram a mexer as justiças seculares e eclesiásticas, mandando devassar no convento e vizinhança. A devassa tirou a limpo que, por volta de onze horas da noite, um barco atracado em frente da Régua recebera duas pessoas e derivara rio abaixo, a quatro remos. O corregedor avisou os parentes da noviça, e estes fizeram um próprio ao abade, como a pessoa idónea para rastrear a peugada dos fugitivos.

Quando o próprio chegou a Espinho, estavam Bernardo e Ricardina em Vila Nova de Gaia, esperando transporte — o rápido transporte da caleça — para Coimbra. Ao fim do segundo dia de viagem, apeavam nos Fornos, e entravam cavalgando jumentos, por veredas mal trilhadas entre matas de pinheiros, caminhando a sul, para onde os guiava

o académico irmão da religiosa, desde que apearam da caleça. Ricardina entrou na casa triste à margem do Mondego. Bernardo ajoelhou-se aos pés dela, que se assentara quebrantada num canapé. Tomou-lhe as mãos regeladas, aqueceu-as no ardor da sua respiração e disse:

— Nunca te hás de arrepender, esposa da minha alma?

— Não, meu querido amigo — respondeu ela firmemente.

— E se a desgraça te perseguir?

— Tu me defenderás... Pois a desgraça não estará cansada?

— Que pergunta! A desgraça cansada! Teria ela come.

CAPÍTULO X

A SORTE

O abade de Espinho, vencido o impulso de ir em pessoa a Coimbra, sem ter sobre o certo o destino da filha, pediu à justiça de Viseu providências e ordens de captura para o académico Bernardo Moniz, raptor de Ricardina Pimentel. O corregedor duvidou passar mandados de prisão sem certeza de ser réu aquele que o autor não indiciava com provas sequer diminutas.

O corregedor pertencia ao bando liberal: está explicada a hesitação, sabido que os três irmãos Monizes eram dos mais exaltados amigos da revolução, à qual o corregedor visiense devia a magistratura. Apesar disso, mandou devassar do estudante arguido, e colheu que Bernardo Moniz vivia, como sempre, em Coimbra com os seus irmãos e dois criados, sem companhia de senhora alguma, no caso da indigitada fugitiva do convento. juntava o magistrado de Coimbra que Bernardo frequentava os bancos escolares

assiduamente, e das aulas ia para casa, onde procedia como estudioso exemplar de académicos melhormente morigerados.

O padre Botelho de Queirós, tendo ouvido ler a resposta à deprecada, irrompeu em diatribes contra os dois magistrados, taxando-os de desprezadores da honra das famílias, razão de serem inimigos do altar e do trono — malhados enfim. Repelido severamente pelo corregedor, bramiu:

— Se o Sr. D. Miguel não vier cedo fazer-me justiça, eu a farei pelas minhas mãos.

— Há carrascos legais, Sr. Abade... — atalhou o magistrado. — O Sr. D. Miguel, se voltar ao trono absoluto, estou que os patíbulos serão tantos que será preciso, Vossa Senhoria, funcionar...

— O Sr. Corregedor... — contrariou o padre com sangue de Queiroses aferventado nas artérias palpitantes.

— Que quer dizer?

— Que, se estivesse fora deste tribunal, levava duas bofetadas.

O corregedor gritou pelo meirinho geral e deu voz de preso ao abade. Cercou-o possante quadrilha de águazis, que o levou às boas para a cadeia. A favor do padre saíram incontinente o bispo D. Alexandre Lobo, à frente dos fidalgos da sua cor política. Manteve-se o magistrado integerrimamente, instaurando processo ao petulante ameaçador dos homens constituídos no sacerdócio da justiça.

Em 22 de Fevereiro ainda estava preso o abade de Espinho, à espera, desde o fim do mês anterior, que o citassem para julgamento. Era um tigre em jaula, remetendo sanhudo às grades, e revolvendo-se no leito da insónia, ou recruzando a saltos o estreito pavimento do seu recinto.

— Eu hei de sair de aqui um dia! — rugia ele aos seus visitantes. — Hei de nadar em sangue!

No dia 24, chegou a notícia a Viseu do desembarque do regente D. Miguel, logo aclamado rei absoluto. Sabido isto, ordenou o abade que lhe abrissem as portas da cadeia. O carcereiro não reconheceu a legitimidade da ordem. Neste no meio o previsto corregedor ia entrouxando para o caso urgente da fuga.

No dia 30, chegou a nova de ter sido formado novo ministério, em que entrou o bispo D. Alexandre, protetor do abade. Divulgada a noticia, o corregedor sumiu-se, e o padre Leonardo cobrou a liberdade. Para Coimbra é que o ódio lhe atirava as esporadas mais penetrantes. Recorreu às novas autoridades, requerendo a captura de Bernardo Moniz. O vice-reitor Pinheiro, figadal inimigo dos liberais, lançou espias ao académico e não logrou mínima prova ou sequer indício. O abade insistia, e as autoridades recusavam-se à perseguição, talvez temerosas dos congressos demagogos de alguns centenares de académicos. Este medo condizia com um assalto de embuçados que cercaram o abade, por noite, debaixo das torres da Sé Velha, e lhe fizeram lampejar perto dos olhos as lâminas dos punhais, intimando-o a sair de Coimbra. Acobardou-se o agredido e saiu para a sua abadia, no propósito de planear mais estrondosa vingança.

Neste tempo, a parte liberal da academia reunia-se nos seus clandestinos esconderijos sob o nome de Clube Republicano Escolástico, disposta a resistir à perfídia do regente, já demonstrada nos actos iniciais de governo

absoluto. Era notório que se preparava uma deputação do corpo catedrático e do cabido de Coimbra, enviada a felicitar D. Miguel. Constava que os lentes eleitos seriam os dois mais entranhados inimigos dos estudantes que se tinham manifestado contra o insurgente marquês de Chaves. Grassou outrossim o boato de que os dois lentes adrede escolhidos, Mateus de Sousa Coutinho e Jerónimo Joaquim de Figueiredo, coligiam uma lista dos académicos suspeitos, a fim de os fazer punir e riscar da Universidade, delatando-os ao infante.

Expedidas as notícias aterradoras numa sessão de duzentos académicos nomeados maçonicamente os “Divódis”, surdiu uníssono o grito de morte aos dois lentes. Bernardo Moniz, à hora da conjuração funesta, pernoitava emboscado entre as árvores já floridas, onde Ricardina lhe desprendia o ânimo da paixão política. De nenhum peso lhe eram no espírito embevecido em tanto amor as convulsões da república. Quando os irmãos o chamavam às velhas práticas de despotismo e liberdade, furtava-se às enojosas questões e dizia:

— Meus amigos, a política é boa distração para quem não ama. A mim que me importam liberdades? O que eu quero é amar livremente. Achei a felicidade. Acabaram-se as minhas pendências com o mundo.

E assaz o provava, refugiando-se noturnamente para os silêncios do seu bosque apenas quebrados pelo dulcíssimo dialogar de beijos mais que de palavras. Já ele tinha obtido por intervenção do seu contemporâneo Domingos Joaquim dos Reis, filho do poderoso capitão-mor de Sintra, e afilhado da infanta D. Isabel Maria, a certeza da licença para esposar-se com Ricardina, sem impedimento da recusação do abade. Louco da ventura em que ela via o honesto amor do seu leal amigo, voltou para Coimbra antes do romper do dia, e encontrou os irmãos ainda a pé.

— Vocês já se ergueram?! — perguntou ele espantado.

— Ainda nos não deitámos — respondeu o médico fundamente triste.

— Que tens? — disse Bernardo Moniz. — Porque mandaram chamar-me!?... Vocês estão fúnebres! Esperam

ser riscados? Isso que faz? Precisaremos nós do grau de bacharéis para viver?

— Estás longe de compreender a nossa agonia — disse o teólogo.

— Fala, homem! Histórias do abade?

— Não. Sabê-lo-ias, se cá tivesses passado esta noite, a mais horrorosa que ainda tivemos.

— Vocês?!

— Sim... Sabias que nos reuníamos esta noite por causa da deputação?

— Sim, sabia...

— O Mateus e o Figueiredo foram votados à morte.

— Era de esperar essa rapaziada — objetou Bernardo. — E vocês não se opuseram?

— Quisemos; mas sufocou-nos a maioria.

— É uma tolice que não pode ir avante — volveu o jurista. — Na primeira reunião irei falar.

— Vais tarde, Bernardo. Os lentes foram condenados a morrer no caminho de Lisboa.

— É horrível; mas então!... Vocês definham-se por Isso?... Provavelmente hão de tirar-se à sorte os executores... É isso que vos aterra? São duzentos os sorteados...

— Já se tiraram...

— Quantos?

— Treze.

— Quem saiu? Algum de vocês!? — perguntou impetuosamente Bernardo.

Calaram-se os irmãos, olhando um no outro com os olhos húmidos. Bernardo levou as mãos ao seio onde sentira o trespassar de uma lança. Tinha lido a resposta nas lágrimas dos irmãos. Avançou de salto para eles; olhou-os muito de frente, e desafogou estas vozes roucas:

— Sou eu um dos sorteados?

— És — conclamaram os irmãos, abraçando-o.

— Oh meu Deus! Isto é impossível! — exclamou Bernardo caindo sobre os joelhos. — Valei-me, meus irmãos, que eu não posso ir... eu não tenho coração onde entre o pensamento de matar um homem...

O médico levantou-o, achegou-o do peito, e disse-lhe:

— Há um remédio.

— Qual?

— Foge... foge com ela.

— Fugir...! — acudiu Bernardo espavorido do alvitre.

— Sim, fugir; porque bem sabes os artigos dos estatutos dos “Divódis”; colaboraste neles. Lá diz que o sorteado para o efeito de máximo perigo, se se recusar, será morto e execrada a sua memória. Isto são palavras; mas há aí homens capacíssimos de executá-las à letra. Podes tu com a execração? Foge com a vida. Nós te defenderemos; nós te desculparemos; mas foge, e quanto antes, porque hoje são 16, e a deputação parte no dia 18. Foge para Espanha. Onde quer que estiveres, lá irá ter o teu património. Passados anos, a tal execração estará esquecida, e tu talvez louvado pela tua prudência. Foge, Bernardo...

— Não! — bradou energicamente o sorteado com as faces já demudadas da lividez em que lhas alvejara o refluxo do sangue ao coração. — Não fujo! A palavra “execração” soa-me pior que “morrer”. Lembraste bem: fui um dos colaboradores dos estatutos: não redigi esse artigo; mas aprovei-o. É necessário que eu vá!

Deteve-se por momentos silencioso e arquejante; em seguida saltaram-lhe dos olhos as lágrimas em torrentes, e os soluços pareciam um arrancar fulminante da vida. Os irmãos diziam-lhe palavras consoladoras.

— Deixai-me chorar! — exclamou ele. — Isto não é cobardia... é ela que me está apertando e matando o coração... a minha pobre Ricardina.

— De maneira que — interrompeu o médico sinceramente maravilhado — tu choras a perda de Ricardina como se o condenado a morrer fosses tu!

Bernardo olhou para o irmão e pensou para si que o médico, dizendo uma coisa trivial, parecia inspirado.

— Que é que te repugna? — insistiu Francisco Moniz — , é matar? Não mates. Vocês são treze. Dois tiros matam dois

homens. Outros dois tiros assustam os deputados, catedráticos, que não foram votados à morte. Restam nove homens para conter em respeito os caleceiros. Porque não hás de pertencer aos nove da missão incruenta? Deixa-me sorrir, que não é muito para chorar o caso. Além de que vocês vão mascarados com lenços. Quem há de conhecê-los? Se não entrever desastre imprevisto, espero que vocês entrem cada um na sua casa desassombradamente.

Reanimava-se Bernardo ao compasso das confortadoras e algum tanto facetas razões do médico. O teólogo permanecia triste, cabisbaixo, e sempre enxugando choro, às ocultas do irmão.

— Bem! — disse reanimado o jovem. — Lembraste, Francisco; a intervenção possível de um desastre.

— Sim.

— Conjeturemos que se realiza a péssima hipótese.

— De que modo?

— Que eu sou morto, ou me expatrio para não ir ao patíbulo dos sócios de Gomes Freire.

— Que pessimista!

— Supondo. Vamos conversar tranquilamente. Morto ou fugitivo, deixo ali Ricardina. Que lhe fareis?

— Diz-nos a tua vontade, se queres que persistamos na hipótese péssima.

— A minha vontade...

Demorou-se na resposta, porque os soluços o embargaram.

— A tua vontade — prosseguiu o médico — é que ela volte para um mosteiro?

— Não.

— Pois quê?

— Que digam ao meu pai e a toda a gente que ela era minha esposa clandestina. Se for necessário, falsificareis uma certidão de casamento; dareis muito dinheiro a um vigário que a passe. Isto é possível, meus bons amigos? É possível? — clamava ele, abraçando-os.

— É — responderam simultaneamente os irmãos. — Ricardina irá para nossa casa.

— Respiro, meus irmãos! Agora, perdoai-me as lágrimas e absolvei-me da fraqueza. Lá vou expiar a leviandade de me intrometer na política, já quando tinha toda a minha inteligência e afetos empregados no santo amor daquele anjo! Prevariquei levado pelas torrentes. Agora, serei assassino, visto que a dignidade e bravura dos nossos irmãos políticos se quer assim recomendar à posteridade. Deixo-me ir acorrentado para uma infâmia que nunca nos será perdoada, ainda mesmo que as nossas cabeças passadas do cadafalso a um espeque fiquem pedindo caridade e misericórdia aos juízos dos vindouros.

— Que estás aí fabulando cadafalsos! — interrompeu o médico.

— É que eu insisto na pior das hipóteses. Os cadafalsos vêm aí...

— Vêm?

— Pois vocês não ouvem já o ranger das rodas que tecem as cordas de esparto? Vão às masmorras, se querem ver os carrascos já arremangados, para subirem ao tablado. Isto é coisa clara. Os cadafalsos vêm. E se eles não

servirem para os assassinos políticos, onde estão vítimas mais beneméritas? O feito que vamos praticar será dos reservados no livro V para castigo de outro mundo?

— Mas que doidos serão vocês, treze homens, se se entregarem aos quadrilheiros!... — redarguiu Francisco Moniz.

— Tens razão — sorriu Bernardo — , treze homens não se deixam assim agarrar, quando a Providência não vai atrás deles.

— Dizes bem — interveio o teólogo — , dizes bem. Bernardo... Se a Providência Divina não for atrás deles.

CAPÍTULO XI

MEMÓRIAS DOLOROSAS

Neste mesmo dia, foi intimado Bernardo Moniz para comparecer irremissivelmente em designada hora da noite no clube. O aprazado pediu aos irmãos que o representassem e no seu nome recebessem o plano da emboscada.

— Não sei se será a última noite que dou a Ricardina — disse Bernardo. — O homem do coração primeiro; depois o assassino; são coisas que se compadecem perfeitamente.

— Não vás à quinta — obstou o médico.

— Que não vá?!

— Que intento levas? Dizer a Ricardina que na seguinte noite vais esperar a deputação? Tens coragem de lho dizer? Tencionas convencê-la da necessidade política de tal empresa?

— Não: Deus me livre que ela me julgasse capaz de tal. Uma mulher pode lá compreender sem horror estas heroicas infâmias?!

— Bem. Mas terás a superior valentia de passar com ela as horas chegadas ao transe do assalto, sem que a tristeza te acuse? Se podes encarar serenamente Ricardina, vai. Se receias de ti, poupa-te a essa entrevista. Eu iria mais depressa trucidar o corpo catedrático e os verdeais que sujeitar-me a tal dilaceração.

— Pensas bem — condescendeu Bernardo. — Não vou. Irás tu dizer-lhe que estou ligeiramente incomodado na cama, donde não posso sair dois dias. Nem sequer posso escrever-lhe... Não posso.

Bernardo já com muito esforço vingava represar as lágrimas; todavia, dos irmãos não as escondia ele, porque o tremor da voz, a cada instante cortada e desfalecida, o denunciava. O que o médico fazia, sem auxílio do consternado teólogo, era pintar-lhe a facilidade da façanha e o segredo inviolável dos comprometidos.

De aí a pouco entraram dois dos sorteados, íntimos de Bernardo: um era Domingos Joaquim dos Reis, jovem de 20 anos, índole branda e triste; o segundo, de 22 anos, gentil rapaz, estudante distinto, e de condição faceta, chamado Carlos Lidoro de Sousa Pinto Bandeira. Abraçaram-se taciturnos, desluzidos do menor lume de entusiasmo, pedindo tacitamente coragem uns aos outros. Neste lance; sobreveio outro sorteado, Bento Adjuto Soares coiceiro, de 24 anos possante, destemeroso, sedento de perigos, e bom para zombar deles na aresta da voragem. Entrou representando a passagem de Orestes, famoso baile trágico, que ele tinha visto representar no Teatro de S. João em Agosto do ano anterior. Figurou-se ele de Pílades apresentando a urna com as cinzas de Orestes. A urna era o gorro; e as cinzas eram castanhas piladas que ele depunha aos pés de Egisto. que vinha a ser Bernardo. Depois, voltando-se para o filho do capitão-mor de Sintra, exclamou:

— Faze tu de Clitemnestra, ó Reis, que és bonito!

O jovem olhava triste para as truanices de coiceiro. Os outros pareciam invejar-lhe o grande ânimo ou a carnívora

crueldade.

Quase agastado da indiferença do auditório, Bento Adjuto compôs sisudamente o aspeto e disse:

— Temos homens ou meninas? Podemos contar com treze irmãos juramentados, ou faz-se votação nova?

— Quem te disse que a nossa seriedade é medo? — respondeu com hombridade Bernardo Moniz. — Se não rimos das tuas pilhérias, a culpa é tua, coiceiro. Dá-nos cenas mais salgadas, se podes.

— Folgo de altivez! Sim, senhor! — volveu coiceiro. — Parecias-me agora grego ou romano pelo tom e pela postura!

— Português, somente — replicou o médico, satisfeito do aprumo do irmão.

Seguiu-se uma prática ordenada a discutir a matéria que na reunião noturna havia de votar-se. Era simplesmente o local da emboscada; que o restante fora decidido na véspera. À proporção que se afogueava o assunto, ardentemente debatido por coiceiro, os três consortes ganharam o entusiasmo próprio dos anos, e saíram do

quebranto em que os atonizara menos o medo das leis que a repugnância de matar sem o incentivo do extremo ódio.

Assim discorrendo, passaram juntos o dia. Ao jantar, brindaram à liberdade, transportados pela eloquência espartíaca de coiceiro. O teólogo saíra da mesa com qualquer disfarce, porque as lágrimas o tornavam indigno daquele repasto de homicidas, laureados à grega e romana. Ao entardecer, entraram, um a um, os outros seis dos nove sorteados para a imolação das suas vítimas.

Eram o barcelense Delfino António de Miranda e Matos, chegado momentos antes de Barcelos , Urbano de Figueiredo, o algarviense Francisco do Amor, o irrequieto filho do Porto, António Correia Megre, Domingos Barata Delgado, Manuel Inocêncio de Araújo Mansilha, de Vila Real, António Maria das Neves Carneiro, do Alentejo. Faltavam dois, cujos nomes a tradição conserva, e o melindre pede que não se escrevam.

Tocaram-se de novo os copos impulsados pela veemência de que já todos se tinham conflagrado, sem exceção de Bernardo Moniz, que se distinguiu a beber. Queria esquecer-se; queria passar da temulência ao crime,

turvejando o coração para que a imagem de Ricardina Pimentel não transparecesse nele. Noite alta, saíram separados e circularam pelas alfurjas lamacentas dos “Paços Confusos”, onde negrejava o casarão quase subtérreo das suas assembleias.

Os treze “divódis” sorteados juraram cumprir as deliberações da Junta. Voz contrária ao acordo feito não se levantou nenhuma. Planearam o assalto e as medidas de segurança na retirada. Treze homens eram de sobra para matar dois; urgia, porém, amarrar os caleceiros e criados, incutindo com a sobra força terror aos outros deputados, menos odiosos e por isso isentos da pena última.

À uma hora da manhã debandaram os conjurados. Quando Bernardo chegou a casa, já Francisco Moniz tinha voltado do retiro de Ricardina. Referiu ele que a senhora se afligira com a inesperada notícia; mas sossegara e confiara no médico, rogando-lhe muito que de manhã lhe desse aviso do estado do enfermo. A carta que ela recebeu no dia seguinte escreveu-a Bernardo. No post-scriptum dizia duas palavras das suas melhoras; o restante, que era muitas páginas, continha um pungente recordar-se da sua infância,

desde pastorinho de um rebanho do seu pobre pai, desde aprendiz de pintura, através dos anos escuros da sua juventude, alheio das alegrias que o ouro levara à quinta dos seus avós. Que lhe fazia a ele riqueza? Sempre triste e sonhador nos benefícios da morte, sempre a desejá-la, até àquela hora roubada aos prazeres do Céu, se o Céu os tinha iguais à felicidade humana — hora suprema em que ajoelhara aos pés da mulher amada por espaço de catorze anos, primeiro com o amor do inocente, depois com a paixão do homem, arrancado à mortalha de um hábito.

Ricardina leu alvoroçada a longa carta em que apenas se lhe transluzia palavra de esperança. Devia de estar muito escurecida e excruciada de maus presságios a alma que se empenhava tanto em desafogar vagamente angústias sem justificado nem claro motivo! Manteve-se Ricardina todo o dia pensativa e chorosa, ideando conjeturas despropositadas até ao desatino de entrever a possibilidade de ser aborrecida do homem a quem não dava o contentamento absoluto. A suspeita seria incompatível com a inocência, se Ricardina ignorasse do coração humano as revelações que a triste mãe lhe fizera no convento,

contando-lhe, com expansão de amiga, o castigo da sua cegueira.

E, como durante o dia não recebesse notícias de Bernardo, nem às dez da noite o médico tivesse ido explicar-lhe a tristeza do irmão, Ricardina, às onze horas, ordenou a um criado que lhe ensinasse o caminho e casa do seu amo. Espantou-se, mas não a contrariou o servo. Saiu Ricardina, a pé, atravessando os choupais que entremeavam por distância de légua e meia. Soavam três horas da manhã, quando o criado lhe mostrou a janela do quarto de Bernardo Moniz. Via-se luz pelos resquícios das portas entrecerradas. O criado bateu. Abriu-se outra janela, e saiu o médico perguntando. Respondeu o criado conhecido. Desceu Francisco Moniz atemorizado e perdeu a cor e a voz quando viu Ricardina.

— Aqui... — balbuciou ele.

— Venho ver Bernardo... — disse a senhora entrando e subindo ofegante de cansaço.

— Jesus! — murmurou Moniz.

— Que é?! — exclamou ela, aterrada pela hesitação do médico. — Ele está pior?

— Não, minha senhora, não está; mas...

Ricardina subiu pressurosamente as escadas; e, como no primeiro andar ficasse perplexa sem saber por qual dos lados entraria, chamou Bernardo em gritos aflitivos.

O teólogo, que vinha então saindo do seu quarto, deu com ela de rosto, e disse a meia voz:

— Sra. D. Ricardina, entre, entre. O meu irmão não está em casa; mas volta daqui a poucas horas. Peço-lhe encarecidamente que não levante a voz; porque será perigoso saber-se que o meu irmão Bernardo não está em casa.

— Mas aonde está? — murmurou Ricardina a tremer.

— Queira sentar-se e sossegar. Conversaremos de espaço.

— Mas diga-me pelo amor de Deus que é isto? Ele escreveu-me uma carta muito amargurada... Ai! que o meu coração me disse que havia uma grande desgraça.

— Grande desgraça, não, minha senhora — interveio o médico. — O mano Bernardo foi tratar de certos negócios respetivos à política; não podia deixar de ir esta noite; mas na volta das dez horas da manhã está em casa. Descanse, menina. Perigo não terá nenhum, se os seus gemidos não chegarem à casa deste lado, onde moram estudantes, e podem suscitar desconfianças.

— Então o pai procura-me? — interrompeu ela sem entender de outra sorte o perigo das desconfianças.

— Não, minha senhora. O seu pai está na abadia — prosseguiu o médico, logrando prender-lhe o agitado espírito. — Dizem-nos cartas da terra que ele tem ataques de fúria e ameaça o nosso velho pai de lhe queimar as casas; mas, querendo Deus, a proeza não lhe será fácil, salvo se, como lá julgam, ele capitanear algumas guerrilhas que já se movem na Beira a favor de D. Miguel absoluto. Não é, porém, de esperar que o pai de vossa Senhoria, além de sacerdote, cavalheiro, e sobretudo ministro de paz, se manche nas demasias populares, sobrepondo em si toda a responsabilidade das malfeitorias que se praticarem. O seu pai não será tão rancoroso que, sabendo que a Sra. D.

Ricardina é esposa do nosso irmão... Não tardará que seja. Vi uma carta do capitão-mor de Sintra anunciando ao filho que na volta do segundo correio, viria a provisão régia para se realizar o casamento, sem intervenção do pai de vossa Senhoria.

Prolongou-se a prática, em que D. Ricardina escassamente falou, até às seis da manhã. Queixou-se ela de forte dor de cabeça. O médico e o teólogo saíram da alcova de Bernardo, pedindo-lhe que conciliasse o sono. Eram sete horas, quando Ricardina caiu num marasmo sonolento com intermitentes de dormir e despertar sobressaltado.

À mesma hora, uma légua além de Condeixa, no sítio chamado Cartaxinho, saíram de súbito à comitiva da deputação treze homens armados, com os rostos mascarados ou cobertos de lenços. Pararam as caleças em frente das clavinas abocadas aos peitos dos condutores. O agressor que parecia acaudilhar a jolda aproximou-se das caleças, com a arma inclinada sobre o antebraço esquerdo, cotovelo levantado, e o dedo no gatilho.

— Saltem cá fora! — bradou ele.

Os lentes e os cónegos apearam.

— Sigam para além — disse Bento Adjuto, apontando para uma charneca na ourela esquerda da estrada.

Os treze formaram filas ao lado dos deputados, de três inocentes meninos parentes deles, e dos caleceiros e criados. Dados alguns passos, maniataram os arneiros e criados. com ameaça de os arcabuzarem se boquejassem um gemido. Em seguida emboscaram-se com os outros na espessura de árvores mal folhadas ainda.

— Deitem-se em terra! — ordenou coiceiro.

Enquanto os deputados se estiravam, exclamando clamorosas súplicas, Bernardo acercou-se do companheiro que cavalgara um possante cavalo do deão, e disse-lhe:

— Queres matá-los todos?!

— Sei o que faço — respondeu Bento Adjuto.

— Mas não é isso que se tratou.

— Amarram-se? — perguntou Megre.

— Nada de amarras, nº 5 ! — respondeu o comandante, que assim se arvorara por se ter em conta de mais

sanguinário. — Segurem-nos a punhal e tiro!

Detonou a descarga de cinco arcabuzes. Os crânios dos dois lentes, Mateus e Figueiredo, abriram largas fendas por onde esvurmava o cérebro sanguento.

Aos outros! — bradou coiceiro.

— Isso é atroz! — atalhou Bernardo.

— Aos outros! — repetiu o chefe. — Leva rumor. Nº 2!

Outra descarga de três tiros feriu gravemente os cónegos, e levemente os dois meninos. Bernardo remessou o bacamarte, exclamando:

— Isto é infame!

— Não se alteraram as ordens — redarguiu coiceiro. — Os outros não morrem... não apenas avisados. Agora, fujamos!

E desataram em velocíssima corrida pelas gandras marginais da estrada.

— E a lista dos acusados? — perguntou Matos.

— Deve estar nos baús — disse coiceiro. — Voltemos atrás!

Voltaram às caleças; arrombaram os baús; encontraram papéis, que rasgaram, e, entre a roupa, alguns saquinhos de dinheiro.

— Ser-nos-á necessário? — exclamou um dos treze.

— Deve ser... — respondeu outro, dando o exemplo de embolsar um dos sacos.

— Outra infâmia! — murmurou Bernardo Moniz, rompendo a fuga com os dedos fincados na cara, e afastando-se dos companheiros.

— Olha que não é esse o itinerário! — lhe bradou Urbano de Figueiredo.

— Já não recebo ordens — replicou o beirão, cosendo-se com uma ribanceira.

— Deixá-lo ir — disse coiceiro. — A ocasião é má para o fazer entrar na ordem... Sigam-me.

Três dos treze detiveram-se um momento, indecisos sobre seguir Bernardo ou coiceiro. Decidiu-os pelo primeiro o

apoio que lhe tinham dado na repugnante e desnecessária crueldade afeiada pela ignomínia do roubo. Uniram-se, pois, os quatro nomes que ninguém ouviu nos pregões levantados desde o Limoeiro até à forca, no dia 20 de Junho de 1828. Um dos três, que o seguiram, era António Maria das Neves Carneiro.

A minudenciosa descrição dos factos decorridos desde o crime até ao suplício, na morosa agonia de três meses, é alheia do nosso intento. Escreveram pouco do feito reprovadíssimo os coevos. Propriamente os liberais esconderam o rosto para lhes não bater a bofetada dos inimigos. As lágrimas, derramadas no seio das famílias, cobertas de vilipendioso crepe, não bastaram a fazer levantar olhos piedosos às cabeças de Matos, Megre e coiceiro, expostas nos ângulos da forca.

Não paremos diante deste espetáculo, leitor. Se tem filhos, se um dia os há de afastar longe de si, onde os braços do seu amor não cheguem para salvá-los, pense e chore. Depois, estreite-os ao coração, deixe que eles se revejam nos seus olhos embaciados de lágrimas, e diga-lhes:

— Todos estes jovens tinham mãe ou pai que os choraram. Até a sepultura lhes foi defesa; porque não houve aí pai que ousasse pedir os ossos do seu filho. E, se a tivessem, o estigma de indelével desonra seria tal sobre a pedra dos infamados, que o insulto do mundo responderia aos gemidos da oração.

CAPÍTULO XII

ESPERANÇAS

Às onze horas chegaram a Coimbra dois soldados de cavalaria a todo o galope, noticiando o assassínio dos doutores e a captura de cinco estudantes, devida ao povo das aldeias vizinhas, alvoroçadas pelos brados de uma mulher que testemunhara a carnificina, e aos soldados dos esquadrões do general Agostinho Luís, que passara na conjuntura de se apinhar o povo na estrada.

Os “divódis” ainda projetaram sair afinados ao encontro dos presos, e arrancá-los; mas paralisou-os não já o medo, se não a geral manifestação do ódio público a tão covarde feito. Além disso, a máxima parte da academia liberal, não juramentada no clube republicano, estigmatizou a protérvia, ao mesmo passo que tremia de ir incorrer nas suspeitas da justiça.

Francisco Moniz estava na Rua da Calçada, quando a nova se divulgou. Foi um dos que incitaram o clube a um rasgo de heroica desesperação. Os aplausos esfriaram logo que os académicos realistas e a gente cordata saíram armados vociferando contra os assassinos .

Moniz foi encontrar o teólogo fulminado pela nova dos cinco presos. Ricardina, já também avisada pelo seu criado, pusera as mãos à frente dos dois irmãos de Bernardo, pedindo-lhes a verdade do que soubessem.

— Senhora — exclamou o médico — , tenha calma! A nossa situação é tão horrorosa, que eu não sei que lhe diga... senão “coragem”! Por tudo quanto há sagrado, lhe peço em nome de Bernardo que não agrave com as suas lástimas a deplorável situação em que nos vemos. Bernardo e mais doze mataram dois homens. Cinco foram presos. Não sabemos se ele aí vem nos cinco. Se não vier, há ainda esperanças de salvação... Se é um dos cinco — Ricardina já não ouviu a última condicional. Desfalecera, amparada nos braços de Francisco Moniz, quando caiu hirta e lívida, expedindo um arranco dilacerante.

— Salva-a, se puderes... — disse o médico ao irmão, e saiu.

Foi à Ponte, coberta de académicos e povo. Contrafez-se, quando um amigo lhe disse: “Cuidado, que te denuncias!”

Perguntava serenamente se já viera notícia dos nomes dos presos, e quantos eram. Cinco, todos sabiam; mas ninguém dava a certeza dos nomes.

Ao meio-dia, entraram os presos por entre as turbas que voz em grita levantava “vivas” a D. Miguel I. Francisco Moniz examinou o trajo dos cinco presos, que traziam as caras ainda cobertas, excetuando coiceiro, que entrou sem o lenço, sorrindo aos conhecidos, e zombando sarcasticamente dos insultadores.

Respirou o médico. Nenhum dos quatro vestia como seu irmão. Correu a casa, encontrou Ricardina de joelhos, ao lado do teólogo, que também orava. Abraçou-os ambos, e clamou sofreando o júbilo:

— Não é nenhum dos cinco... Salvou-se...

— Salvar-se-ia?! — perguntou o irmão desconfiado. — Não será ainda preso, ou denunciado pelos cúmplices?

— Bem fundado receio! — obtemperou Francisco Moniz. — Que resolves tu?

— Que fujamos.

— Será bastante para nos denunciarmos.

— E pensas que nos salva o ficar? Crês que Bernardo volte a Coimbra? Nunca mais. Se pôde fugir, procuremo-lo na nossa casa. Que nos disse ele? Lembras-te? Que levássemos esta senhora a casa do nosso pai.

Ricardina seguia com um vivo movimento de olhos o diálogo dos dois; mas o restante da fisionomia parecia marasmado. O médico atentava nela suspeitoso de maus sintomas. Incitou-a com perguntas; mas nem sequer respondia soluçando. No entanto, o pulso batia aceleradíssimo, e as faces conservavam a compostura não indiciativa da demência, chamada espasmódica. Levaram-na ao quarto de Bernardo.

Neste comenos, voltou um académico vizinho com a notícia de terem sido presos quatro estudantes no Rabaçal, dois na Ega e um em Pereira .

— Isto agora é horrível! — disse o médico ao irmão, chamando-o à escada para que Ricardina o não ouvisse. — Estão presos doze. Falta um... Que esperanças temos de que seja este o nosso?... Então é certo que está tudo perdido, não é?

— Ainda mo perguntas.

— E agora? Fugir?

— Não. Esperemos que chegue Bernardo. Quem o há de socorrer no cárcere?

— E não seremos nós também presos?

— Decerto... E esta desgraçada? Que há de ser de Ricardina?

— Já resolvi, porque tive um presságio de tudo, há poucos momentos. Ricardina sai daqui com o seu criado, à noite. Vai direita para nossa casa.

— Bem; mas hás de tu acompanhá-la.

— E deixar-te?

— Sim. De que me serves tu? Vai apresentá-la ao nosso bom pai. Conta-lhe tudo. Vai; mas acautela-te, que o abade

não saiba que ela chegou. Entra de noite, pelos caminhos menos trilhados. Aí estão os nossos cavalos.

— E terá ela forças? — obviou o teólogo.

— Há de tê-las. Diz-lhe que Bernardo fugiu para casa. Mente-lhe. A questão é tirá-la daqui. Não há nada mais infernal que saber ela que Bernardo está preso e arriscado à forca. Tira-ma de Coimbra, que o nosso pobre irmão suicida-se, despedaça-se contra os ferros, se souber que Ricardina aqui está contando-lhe os dias da vida...

Entrou Francisco Moniz, entalado de soluços, que em vão forçava reprimir, no quarto de Ricardina.

— Que é? — clamou ela.

— Boa nova!

— Qual? — acudiu Ricardina erguendo-se ainda com as mãos erguidas.

— Bernardo foi para casa. Está livre.

— Quem o disse?

— Um enviado que ele mandou. À noite partimos para Espinho. Vamos encontrá-lo.

— Vamos? ô Virgem Nossa Senhora! Ó alma da minha santa mãe, que me ouviste! Vamos encontrá-lo? Tem a certeza disso? Vamos?

— Sim, minha senhora, tenho a certeza de que ele está a caminho de casa e livre de perseguição.

— Ó meu Deus, quanto sois bom para os aflitos! — exclamou ela, ajoelhando outra vez, debulhada em lágrimas.

Quem poderia dizer o tormento de Francisco Moniz naquela hora!

Até ao cair da noite, as notícias vindas confirmavam o boato da prisão dos sete estudantes; mas não se diziam nomes nem sinais. O médico entrou à hora em que o irmão devia sair com Ricardina. Despediu-se a chorar de ambos, e disse ao ouvido do irmão:

— Ampara os dias do nosso velho pai, que perde dois filhos. Assim que souberes que eu fui preso, emigra. Olha sempre por esta infeliz senhora, e... — Fez uma breve pausa e continuou: — Devo dizer-te que Ricardina é mãe, se a dor lhe não houver matado o feto. Bernardo já o

suspeitava, e com razão. Aviso-te disto para que te abstenhas de a recolher nalgum convento em tal estado. Não sei dizer-te o que devas fazer. Pensarás, segundo as circunstâncias. Tem tu ânimo; segue os conselhos da tua virtude.

Partiram caminho de Viseu. E, ao mesmo tempo, Francisco Moniz, esforçado pela deliberação de arrojar-se aos perigos, montou a cavalo e saiu pela estrada de Coimbra. Chegou a Condeixa à meia-noite. Indagou dos presos, e soube que estavam em ferros quatro, capturados no Rabaçal. Teve meios de os ver na madrugada, quando saíam do cárcere para meio da cavalaria e povo armado. Não estava seu irmão entre eles.

Perguntou pelos três que tinham sido agarrados na Ega e em Pereira. Disseram-lhe que, afora os nove, todos tinham fugido por arte de Satanás. Ourou-se-lhe a cabeça de alegria. Renasceu naquele momento! Orou: sentiu a precisão de crer que brilhava um reflexo divino na exultação da sua alma. Lembrou-se da sua mãe, que morrera chorada dos pobres, porque, ainda em tempo de

pobreza, repartia o pão dos seus filhos pelas criancinhas mais indigentes.

— Agora, guiai os meus passos, minha santa mãe! — disse entre si levantando ao céu os olhos orvalhados de doces lágrimas.

Meditou sobre o caminho de casa mais desempeçado de perigos. Era-lhe já aprazível a vida e a segurança. Temia-se de encontrar povo, que o suspeitasse, e perseguisse. Confiava muito no cavalo, mas receava-se das balas. Aventurou-se com o espírito confiado e enlevado na santa alma da sua mãe. Como a desgraça, a um tempo, escurenta e ilumina este confuso caos da razão! Internou-se num caminho travesso que, ao fim da tarde, o conduziu a Santo António de Cântaro, nove léguas distante de Viseu.

Ao outro dia, por noite, chegou a casa, ladeando as montanhas vizinhas para não passar na estrada próxima da residência abacial. Ouviram os de dentro o tropel de cavalo. Correram Ricardina, os irmãos e o velho ao pátio. O teólogo lançou-se-lhe aos braços, exclamando:

— Perdido?

— Não, salvo.

— Onde está?

— Não sei. Está salvo. Sei tudo quanto queria.

Ricardina, que ouvira o rápido diálogo, lançou-se entre os irmãos, perguntando:

— Ele não veio?

— Há de vir, talvez hoje, talvez amanhã. Está vivo, minha senhora! E estar vivo é tudo.

CAPÍTULO XIII

NORBERTO CALVO

Bernardo Moniz, António Maria das Neves Carneiro e os dois inominados fugitivos , quando ouviram o tropel de cavalos e grita do povo a distância tão curta que apenas se interpunha o rescaldo de um outeirinho, desceram por barrocas precipitosas procurando o sopé da escarpa que entestava com um ribeiro fundo, cortado por ponte de um arco.

Chegados ao rio, lançaram-se à corrente, e foram ao arrepio até ganharem, acobertados pelos salgueiros, o arco da ponte. A este tempo, já o alarido e tinir das espadas nos ilhais dos cavalos soava perto deles ao alcance de tiro. Cingidos com o arco, fincados às pedras escorregadias dos limos, e com a água pelos peitos, ouviram a estropeada da cavalaria que passava a trote pela curvatura da ponte vacilante. Os aldeãos corriam na frente dos cavalos, galgando a ladeira da outra margem, e opinando

desencontradamente. Uns diziam: “Ficam já atrás!”, outros teimavam que os tinham visto passar num teso distante dois tiros. A maioria decidiu-se pelo testemunho ocular, e redobrando a velocidade da carreira, transpuseram todos de roldão as penedias e pinheirais que recortavam o horizonte.

— Não sei qual das mortes é mais suave, se a da pólvora quente se a da água fria... Hei de consultar o corpo catedrático... — disse António Maria Carneiro, tiritando em convulsões glaciais.

— Parece-me que esta morte é a mais ignominiosa das duas — observou Bernardo.

— Séneca morreu num banho; mas banho de água tépida — disse Carneiro.

— Os Romanos sabiam morrer confortavelmente — disse o padre.

— Vamos ver se ainda conservamos a natureza de focas? — disse Carneiro. — Declaremo-nos animais anfíbios, e vamos um pouco para terra.

— Parece incrível — disse o outro inominado — que vocês, depois de uma hora de molho, ainda tenham sal! Eu declaro-me estúpido como um carapau.

— Sejamos cordatos — volveu António Maria — . Parece-me acertado que não nos deixemos matar, ou pescar, que importa o mesmo, se não é pior. Sair daqui é temeridade; passar para acolá é prudência, porque ali reflui menos água, e poderemos esperar algum tempo a ver se o inimigo retrocede.

— Pois vamos para além — concordaram, atravessando de mãos dadas até se acocorarem cosidos com o pilar em frente.

O padre, passada meia hora de silêncio nos caminhos e montes, pediu que o deixassem espiar de um alto por entre os rochedos.

— Vai — disse António Maria — , mas não faças como a pomba da arca. Em vez de ramo de oliveira, traz algum fruto destas árvores paradisíacas.

— Bolotas, por exemplo?

— Boletas, é mais português. Ceva-te, e conduz as que te sobram.

Volveu o futuro comandante do corpo legionário da Junta suprema. dizendo que não vira fôlego vivo.

— Nem morto? — perguntou António Maria. — Convencidos de que somos anfíbios, convinha saber se também somos carnívoros. Qual de vocês não comia agora um boi?

— Eu por mim — disse Bernardo — não tenho sombra de apetite. O homem é uma rija monstruosidade, não te parece?

— Rija e abominável... — acrescentou o alentejano. — Esta força que nos permite encarar sem lágrimas a nossa situação, que é? Impassibilidade de tigre que estende as garras sobre o cadáver da presa e encara destemido o caçador que lhe faz a pontaria às espáduas. Nenhum de nós se lembrou ainda que está desgraçado e perdido para sempre?

— Todos se lembrariam... — murmurou Bernardo.

— A perdição relativa — emendou o padre.

— Que é a perdição relativa? — perguntou Carneiro.

— É a comparada ao aproveitamento que se perdeu. Eu não acho abominável a valentia da alma, que sobreveio à fraqueza de um vil feito. Quando a tristeza me cravar as unhas, hei de sacudi-la. Tenho ao meu favor que o remorso de assassino me não há de entrar no peito com ela.

— Mas a honra, a pátria, a família?... Que coisas são estas, padre? Poderemos jamais restaurá-las?

— Não sei. Conservemos a vida.

— Boa palavra! — disse António Maria. — Segue-se portanto deliberarmos acerca do nosso destino. Para onde vais tu, Bernardo?

— Para minha casa, e de lá não sei para onde.

— E tu, padre?

— Para onde os fados me levarem.

— César era mais cristão, que disse Deus e não fados. Quo Deus impulerit. E tu? — perguntou ao inominado.

— Que sei eu! Não tenho mãe, nem pai, nem irmãos Leva-me contigo.

— Eu vou para o Alentejo, e de lá para Espanha. Mas é forçoso que sigamos daqui avante separados. A união pode perder-nos. Quem quiser juntar-se comigo, e quinhoar do meu pão, espere-me ou espere na raia de Espanha.

Ao cair da tarde, abraçaram-se e deram o último adeus com os olhos enxutos . Três léguas arredadas do ponto em que se afastaram pensou Bernardo Moniz que teria palmilhado, quando, ao romper da manhã, se sentiu desfalecer de cansaço e extenuação. Não obstante a sua crença da rija monstruosidade do homem, pensou que a morte lhe não deixaria ver as alvoradas de mais um dia. Figurou-se-lhe uma visão que lhe dulcificava a morte. Ricardina com a cara caída para o peito, amarelida e arregoada de lágrimas já frias, ia também morrer. Os objetos mostravam-se-lhe todos à feição da sua agonia. As nuvens alvacentas, as estrelas esmaecidas, as boninas, as árvores, os fraguedos, os córregos, tudo se lhe desfazia num vórtice de cinzas, que lhe regirava em redor da cabeça aturdida. O desgraçado apertava as fontes e cerrava os olhos. Queria reabri-los para os levantar à piedade do Céu. Recrudesciam-lhe as angústias; mas as do coração não as sabia extremar das

outras. Pendeu a face sobre os joelhos, enclavinhou os dedos sobre a cabeça, e disse entre si:

— Quem me dera morrer...

Nasceu o Sol. Os primeiros raios aqueceram-lhe as mãos. Espertou da letargia, com renovado alento, como se anjos andassem nos infernos desta vida em busca de uns infelizes que Deus ainda não condenou. Ergueu-se cambaleando, encostado às árvores, que o ajudavam a ensaiar as forças. Olhava à volta e ao longe. Quem lhe poderia dizer onde estava? A distância de meia légua viu uns coruchéus de torres por entre nevoeiros. A vinte passos de distância alvejava um trilho de pé posto que descia da serra por entre olivedos, e se espraiava num caminho espaçoso.

— Estou perto de uma estrada e de uma vila — pensou Bernardo. — Perdi-me, provavelmente. Caminhava para a serra, e estou numa chã povoada. Quando sair gente aos campos, serei preso. Mas, se volto a embrenhar-me nas matas, lá me colherá a morte. Que importa aqui ou além?

Viu passar dois caminheiros na estrada. Apalpou as algibeiras. Tinha ouro que chegue para comprar o segredo

e a piedade de um pobre. Aproximou-se do caminho. Atravessou-o para um bosquete de olmos. Esperou largo tempo. Ninguém passava. Assomou na revolta da estrada um cavaleiro a trote.

Primeiro, o fugitivo recuou para a espessura dos olmos; depois, sem temor nem alento, levado automaticamente pela indiferença de morte ou vida, aproximou-se da estrada, disposto a perguntar ao viandante que terra era aquela.

O passageiro, a poucos passos de distância, deu tino do outro que o esperava, apoiado o ombro contra uma árvore. Sofreou as rédeas do macho, estacando-o de súbito.

Bernardo Moniz não lhe via senão os olhos; que o viageiro se envolvia num farto capote de saragoça, e as abas do chapéu lhe cobriam os ombros. A paragem repentina do macho e a fixidez do cavaleiro deviam aterrar o foragido; mas nem de leve o abanaram. Desencostou-se da árvore, deu dois passos vacilantes para o outro, e disse:

— O senhor faz favor de me dizer que terra é aquela onde se vê uma torre?

— Ó Sr. Doutor!... — bradou o assombrado passageiro, deixando cair as bandas do capote. — É Vossa Senhoria?... É o Sr. Doutor?

E, dizendo, apeou de um salto, e correu para Bernardo Moniz que lhe abria os braços, exclamando:

— Tu aqui, Norberto!... Que vens fazer? Onde estamos nós?

— Perto de Condeixa, senhor.

— De Condeixa?! Ó meu Deus! Pois eu estou em Condeixa? Andei mais de três léguas e estou no mesmo ponto donde fugi!

— É meia légua daqui lá... — disse Norberto. — Querem ver que vossa senhoria...

— Acaba, meu amigo!... Perguntas-me se sou um dos desgraçados estudantes que mataram os lentes?

— É que ali atrás encontrei muita gente no sítio onde os mataram, e fui ver o sangue. Valha-me Deus!... Vamos embora daqui, porque andam esses caminhos até Freirigo cheios de povo na cola dos estudantes, e já lá vão para

Coimbra nove, que eu ouvi dizer. Salte para cima do macho, Sr. Doutor. Vamos sair da estrada por este caminho de cabras até arribarmos lá prá serra. Ande depressa que não vá o Diabo armar das suas. Vossa Senhoria está a perder a cor... Valha-me S. Pedro.

— Não como há dois dias, sinto-me a desfalecer... — murmurou Bernardo.

— Há aqui que comer, graças a Deus. Os alforges trazem provimento. Toca a sair da estrada, que é o principal.

Bernardo Moniz cavalgou ajudado pelo ombro de Norberto Calvo. Subiram o escarpado trilho por onde o fugitivo descera à estrada, e contornearam a parede de uma devesa de carvalhos até encontrarem passagem para dentro. Depois, como a bouça era entremeada de grandes clareiras, visíveis dos picotos da montanha eminente, prosseguiram até se embrenharem num pinhal, cujas ramarias estilavam ainda o orvalho da noite.

Apeou-se Bernardo nos braços do confidente de Ricardina, e voltando-se peito com peito abraçou-o com efusão de lágrimas, exclamando:

— Foi Deus que te enviou no meu socorro, meu amigo!

— Agora é comer! — disse Norberto, despejando os alforges. — Ainda temos meia galinha, dois salpicões cozidos e pão branco. Vinho não no há; mas bebe-se água, que corre lá em baixo um regato. Ande-me, Sr. Doutor! Coma bem, se tem vontade. Olhe esta perna de galinha; vá misturando com o salpicão. Se quiser água, vou-lha buscar nas abas do chapéu. De fome já não morremos hoje. O pior é o macho, que não come rama de pinho; mas o descanso também é mantença.

Recobrou cores o estudante assim que deglutiu os primeiros bocados.

— Para onde ias, Norberto? — perguntou Bernardo.

— Para Coimbra.

— O teu amo já sabia da morte dos lentes?

— Não, senhor; pois como havia de ele saber, se eu fiquei atónito, quando mo contaram ontem à noite na estalagem de Porto Coelheiro!

— Mas que caminho trouxeste de Viseu para aqui?

— É que o meu amo mandou-me à Redinha com carta a um fidalgo não sei para quê. Acho que é coisa de partidos pra se levantarem guerrilhas por todo o reino; que eu também desconfio que o Sr. Abade o que quer é saber se está em Pombal o corregedor que fugiu de Viseu quando meu amo saiu da cadeia.

— Mas que ias tu fazer a Coimbra?

— Ia ver a fidalga. Vossa Senhoria já casou com ela?

— Ainda não.

— Pois é preciso casar, senão arrenego-me, e vai tudo cos diabos. É ao que eu ia.

— E sabias onde ela estava?

— Não; mas o meu objetivo era procurar o Sr. Doutor, e dizer-lhe: “Quero ver a minha menina; diga-lhe que está em Coimbra o Calvo.” Morra eu, se ela me não mandasse logo entrar!

— Mandava, Norberto; mas, se a quiseres ver, hás de ir a casa do meu pai, onde ela deve estar a esta hora.

— Vossa Senhoria que me diz! Em casa do seu pai!?

— Sim.

— Oh! Com mil diabos! Se o abade o sabe! Olhe que ele já tem mais de trinta homens a receber soldada para saírem armados à primeira ordem. Só lá em casa tem sete de Midões a comer e beber e a ganhar doze vinténs por dia. Os outros estão à espera que eu os vá reunir. E ninguém me tira da cabeça que a primeira faxina é em casa de vossa Senhoria; depois não sei se escapará a família da Reboliça, e mais tem lá casada a Sra. D. Eugeninha. Diz ele que os há de perseguir até os meter no Inferno aos fidalgos lá da parte da senhora fidalga velha que Deus lhe fale na alma. De maneira que a Sra. D. Ricardina foi mal guiada lá para Espinho; que não vá isso assanhar mais o pai e ir aí o diabo a quatro!

Prolongou-se a conversa animada. Combinaram sair de noite, e seguir a estrada até encontrarem vereda transversal que por entre serranias os levasse ao Criz. Ao meio-dia, Norberto foi a Condeixa sob o disfarce de saber notícias dos estudantes presos. Proveu-se de alimentos, arraçoou o macho fartamente, e voltou ao pinhal onde deixara Bernardo Moniz enroupado no seu capote.

Assim que escureceu, tirou o bacamarte do arção, escorvou-o com pólvora nova, acomodou o estudante, agasalhando — lhe as pernas entorpecidas da submersão em que as tivera debaixo da ponte, saiu à frente do macho, e disse:

— Vamos lá com Deus! O Sr. Doutor, se vir que nos sai gente, não espere por mim. Esporas ao macho, e não olhe para trás. Eu lá irei ter, se me deixarem. E se eu por cá der a ossada, diga Vossa Senhoria à Sra. D. Ricardina que o Norberto sabia ser amigo.

CAPÍTULO XIV

PLANOS DO ABADE

Acredita-se que os nove estudantes processados guardaram inviolado segredo, por mais induzidos que foram a declarar os cúmplices. Ainda assim, a Justiça, devassando, achou provas convincentes da cumplicidade dos quatro. E não era preciso grande faro para ir na pista de Bernardo Moniz, combinando-se os indícios por maneira insólita nos casos contingentes.

Primeiro as ideias políticas. Depois a notória amizade entre Bernardo e Domingos dos Reis. Além disto, a frequente hospedagem que os Monizes davam ao maior número, se não a todos os presos. Acrescia o testemunho de académicos vizinhos que deram fé e notícia dos extraordinários movimentos na casa dos Monizes, durante a noite da véspera, e durante o dia do assalto. Por última e máxima prova, o desaparecimento inesperado dos dois

irmãos com criados e cavalos, sem de antemão terem anunciado a alguém o propósito.

A prova máxima para a Justiça não era assim mesmo concludente. Alguns estudantes saíram logo de Coimbra, sem leve incriminação no inescusável atentado: para intimidá-los bastava a restauração do absolutismo, contra o qual se tinham arregimentado, e a maior ou menor convivência com alguns dos presos. Muitos saíram e voltaram 2 a concluir formatura cinco anos depois. Outros emigraram e desistiram de graduar-se. Porém de todos os Monizes e mormente de Bernardo, a justiça conimbricense formou logo conceito idóneo e bastante a expedir secretas ordens de prisão ao juiz de fora de Viseu, levadas por águazil que jornadeou toda a noite de 19 para 20 de Março.

O esbirro chegou a Viseu no dia 20 às duas horas da tarde, e Bernardo Moniz, à vista de Viseu, endireitou para Espinho por atalhos montanhosos já conhecidos desde a infância, enquanto Norberto seguia estrada direita, e chegou de noite à residência. Quando entrou à presença do amo, cresceu para ele o abade, exclamando:

— Estava cá morto por ti, homem!... Que diabo de demora!

— Aqui estou, meu amo.

— Esperava-te já de manhã.

— Encravou-se o macho, e tive de esperar três horas que aparecesse ferrador. Aqui está a resposta.

E entregou-lhe uma carta.

— Que ouviste por lá dizer? — disse o abade, lendo rapidamente.

— Dos lentes? Mataram-nos não sei quantos estudantes.

— E sabes que o Bernardo foi dos matadores?

— Não ouvi nada disso, fidalgo.

— Pois foi. Já está em Viseu ordem de prisão para todos. Cheguei de lá agora. Amanhã ou depois cerca-se a casa, e, se eles lá estão, como já tive notícia, vão todos malhar à forca, que nem Deus nem o Diabo lhes pode valer.

— E a fidalga? — atalhou Norberto, apiedando o rosto.

— Que vens tu cá falar-me nessa mulher perdida?... Se eu a lá encontrasse..., essa quem na enforcava era eu no galho de um castanheiro. Eu não tenho filha nenhuma, percebes?

— Sim, senhor.

— Então nem mais palavra a tal respeito! — ordenou rispidamente o abade.

— Não que vossa senhoria tem razão — remediou Norberto. — Eu disse isto; mas não é por querer que vossa senhoria perdoe à menina nem a ele. Quem primeiro lhe atira, se o vir, é cá o Calvo. Lobrigue-o eu que à forca não vai ele. Qual forca? Isto de homens ricos não vão à forca. O melhor é dar-lhe cá o passaporte para o outro mundo, e pô-lo logo a responder de facto e direito, como o outro que diz.

Jubilou o abade, riram-se-lhe olhos e dentes, e desbordou-lhe a ternura do seio nesta doçura de falas quase segredadas:

— Olha cá, Norberto! O meu homem hás de ser tu sempre! Não me fio do Frazão nem do Torto, que são bravos, mas muito brutos. Vamos arranjar o plano. O que tu

disseste é o que eu quero. O Bernardo, se estiver aí, há de morrer.

— Pudera! É como Vossa Senhoria diz.

— O juiz de fora de Viseu já hoje queria mandar cercar-lhe a casa, e consultou-me a esse respeito; mas eu, que não tinha o meu plano traçado, convenci o juiz a esperar até depois de amanhã à noite, para eu lhe preparar os meios de não perder a diligência, espionando primeiro se eles aí estão. Logo que cheguei, me contou o Torto que ouvira dizer que esta madrugada, ainda não se via bem, tinham passado pelo menos três pessoas a cavalo e duas ou três a pé, acolá pelo caminho das Rechousas. Não podiam ser senão os três e mais os criados. Bem estamos. Pilhados são eles; mas o meu empenho é que o Bernardo morra. Como há de ser isto? Dá lá a tua ideia, Norberto.

— A minha ideia, Sr. Abade, não lha dou já. Deixe-me Vossa Senhoria pensar duas horas, que ainda há muito tempo. Vou cear alguma coisa e depois hei de dar uma volta cá pra certas congeminências. Quero ver as entradas e saídas da casa da Fonte. Eu logo vejo por onde eles hão de querer fugir; e aí é que é atirar-lhe à cara; mas de modo

que a gente não fique culpada na morte; porque a Justiça não há de querer isso.

— Que me importa a mim a Justiça?

— Pois sim; está visto que o fidalgo tanto se lhe dá como se lhe deu; mas diz lá o outro, melhor é que se não saiba. Deixe-me cá o Sr. Abade; que eu gosto de me sair bem das coisas em que me meto, e até agora não me saí mal.

— Pois vai, vai lá fazer as tuas descobertas: mas olha te não vejam.

— A mim? Hão de ter bom olho... Até de manhã ou até logo, Sr. Abade. Vossa Senhoria vai-se deitar?

— Vou que estou moído; mas assim que for dia vem chamar-me.

Norberto ceou e saiu. Foi para casa da mãe e levou-a consigo. A menos de oitavo de légua demorava o majestoso palacete dos Monizes, levantado sobre o terreno da antiga quinta.

O amigo de Ricardina mandou a mãe bater à porta. Saiu um criado, perguntando quem buscava.

— Diga ao Sr. Dr. Bernardo que está aqui a velha.

O criado ia dizer que não estava em casa o Sr. Doutor, quando Bernardo o mandou retirar da janela, e disse à velha que esperasse.

Desceu ao pátio e abriu o portão.

— Está ali o meu Norberto que lhe quer falar, Sr. Doutor — disse a velhinha.

— Vá dizer-lhe que ninguém o vê neste pátio, e que venha cá.

Enquanto a velha levou o recado, Bernardo subiu, chamou Ricardina. e desceu com ela a tempo que o Calvo chegava com o rosto oculto num cobrejão, por debaixo do qual se viam os dois canos da clavina.

— Entra, Norberto — disse Bernardo, comovido — , aqui tens a tua amiguinha de infância, que te vem agradecer.

Ricardina deu-lhe as mãos, que ele não ousava aceitar nas suas. Forcejou ela por tomar-lhas, e disse banhada em alegre choro:

— Como poderei eu pagar os favores que te devo, Norberto!

— Vamos ao caso fidalga... — disse o criado roçando as pálpebras com o punho direito da véstia. — Olhem que isto está muito mau. O juiz de fora vem depois de amanhã cercar esta casa porque já chegou ordem de Coimbra para serem todos presos. O Sr. Abade, se não vier, manda gente com os milicianos, e olhe que a ideia dele é ver se o matam, Sr. Doutor, antes de vossa Senhoria ser preso. Eu que lho digo é que o sei tão bem como estarmos aqui todos os três. Agora o que devem fazer é pôr-se ao largo. Toca para Espanha o mais tardar depois de amanhã, senão está tudo perdido.

Ricardina tremia, trespassada de glacial terror. Bernardo aconchegou-a do seio e disse-lhe:

— Minha filha, não tenhas medo, que o teu Norberto ainda nos salvou desta vez. Entre amanhã e depois prepara-se tudo, e vamos para Espanha. Obrigado, honrado homem! Deus te pague com as alegrias de salvar da forca o futuro marido da tua querida menina. Mas olha, Norberto, sabes tu que nos custa deixar-te? Queres tu vir connosco? Queres

ser um amigo da nossa família, um irmão que a tua probidade nos deu?

— Vem, vem, Norberto! — interveio Ricardina — e deixa à tua mãe e os teus sobrinhos o dinheiro que quiseres.

— Tudo que quiseres — confirmou Bernardo.

— Já, não posso ir... — disse o criado — , mas, passados alguns dias, lá vou ter onde estiverem Vossas Senhorias. Acho que ainda sou cá preciso... E, com isto, adeusinho. Não me posso demorar. Andem depressa com os arranjos, que não há tempo a perder. Não deixem nada de valor à vista dentro do palácio, porque o Sr. Abade tem lá por casa todos os criminosos e ladrões que não podem ir às suas terras, à espera da ocasião para fazer estardalhaço por essa Beira fora. Adeusinho, fidalga, até mais ver.

Ricardina e Bernardo abraçaram-no. Ao tempo que o cingia ao peito, o estudante introduziu-lhe na algibeira da jaqueta um rolo de dinheiro, que trouxera quando desceu com Ricardina. Norberto fez pé atrás e disse, tirando o rolo:

— Isto que é, Sr. Doutor?!

— É da tua mãe e dos teus sobrinhos. Se recusares aceitar o que é dos pobres, fazes uma ação má, e quase um roubo à tua família.

— Pois, bem haja! — disse Norberto. — Bem pobrinhos são todos!

E retirou-se a depor nas mãos da sua mãe todo o dinheiro recebido, dizendo-lhe:

— Peça muito a Nossa Senhora que guarde esta boa gente dos seus inimigos.

A família de Bernardo esperava ansiosíssima as novidades levadas por Norberto. O ancião, que ainda ignorava as ameaças que rodeavam os filhos, assim que ouviu dizer que iam fugir, e a casa havia de ficar abandonada ao saque, rompeu em clamores, pedindo a Deus que lhe acabasse a velhice tão amargurada. Aquietaram-no as súplicas de todos e as admoestações um tanto severas do filho Francisco, arguindo-o de demasiadamente egoísta do seu descanso, quando nada menos que a forca lhe ameaçava os filhos.

Desde logo começaram a encher baús com as preciosidades de mais vulto, que eram sacas de dinheiro em ouro, a máxima parte da grande herança, que o velho muito se saboreava de ver amoedada, contando-a e recontando-a com o júbilo não de avaro, mas de pai que deixava riquíssimos seus filhos, tão pobremente nascidos e criados.

Ao romper do dia tinham encaixotado a bagagem que devia ser transportada em duas cargas. O medo estimulava a energia de todos; o velho Moniz, porém, atirara-se desanimado para um velho catre, e continuava a pedir a Deus em silêncio que o deixasse acabar na cama onde tinha nascido.

CAPÍTULO XV

COMO O SENTIMENTO DA GRATIDÃO FEZ UM TIGRE

Uma criada dos Monizes, como desse tino do rebuliço de baús que se arrastavam, fechavam e abriam, e não recebesse aviso nem preceito de calar-se, contou ao outro dia ao seu conversado o acontecido, dando-lhe a entender que os amos ou tratavam de fugir com medo ao Sr. D. Miguel ou então iam esconder as riquezas para lhas não roubar a tropa.

Esta notícia, atravessando em segredo vários ouvidos, chegou aos do abade ao escurecer, já tão aumentada que lhe disseram estar tudo pronto em casa dos Monizes para fugir de noite. O padre Leonardo Botelho de Queirós expediu um urro, e chamou a gritos Norberto e os mais façanhosos réus que tinha refugiados em casa.

— Sois onze homens! — disse ele. — Algum de vocês será tão fraco e cobarde que não se atreva a deitar a mão

aos matadores dos lentes de Coimbra que iam beijar as mãos ao Sr. D. Miguel I? Se ai está entre vós algum que tenha medo, pode retirar-se.

— Quem é que tem medo aqui? — perguntou o Torto, correndo com os olhos os dez companheiros, que pareciam indignados da suspeita aviltadora do abade.

— Aqui ninguém tem medo! — bradou o João Rolhas de Midões.

— Pode dizer Vossa Senhoria à vontade o que quer de nós, que estamos às ordens — acrescentou o Isidro Cambado, esfregando as mãos calosas, que davam o som ríspido de duas lixas friccionadas.

Conclamaram todos então com diversos brados as manifestações ruidosas da sua bravura. O abade prosseguiu:

— Saibam vocês que eu esperava amanhã por noite tropa de Viseu para prender os Monizes, que mataram os lentes; mas acabo de saber agora que eles fogem esta noite. Se lhes não acudirmos, amanhã já ninguém os pilha. São vocês capazes de os prender?

— Somos! E é já! — saíram várias vozes da turba.

— Se os prenderem — continuou o padre — , o Governo do Sr. D. Miguel há de saber pagar o serviço que fazem à moral pública, ao trono e ao altar. Os que tiverem crimes serão perdoados, que lho prometo eu, e além de perdoados eu os gratificarei liberalmente.

— Está dito — ulularam os beneméritos das prometidas graças e mercês.

— Nesse caso vão cear, e armem-se.

Retiraram para a cozinha, afora Norberto Calvo, que ficou, obrigado por um aceno que lhe fez o amo.

— Rapaz! — disse-lhe o abade, pondo-lhe a mão no ombro — , entrego-te o comando desta gente. O que ontem dissemos a respeito do Bernardo, torno a repetir-to. Lá tu, como coisa tua, diz aos de Midões que lhe atirem a segurar. O Frazão e o Torto já sabem que a minha vontade é essa. Confio de ti o bom resultado da empresa. Vocês são onze: e eles, além de não serem tantos, nem têm armas nem estão prevenidos. Vai à adega, e distribui aguardente pelos homens, para que vão bem quentes.

— Não é preciso mais nada, fidalgo?

— Mais nada.

— E se os homens quiserem roubar a casa?... Vossa Senhoria bem sabe que tudo isto são ladrões de estrada.

— Deixa-os lá: não te importes com isso. Eu não quero saber lá do que eles fazem.

— Mas, enfim, como por aí os têm visto cá em casa de vossa Senhoria... é mau que eles roubem.

— Lembraste bem, homem! O ódio até me cega que não vejo senão a minha vingança... O que eu quero é o sangue do canalha que me roubou a filha do convento e ma reduziu à sua vil condição, entendes?

— Sim, senhor.

— Vê se tens mão dos homens, caso eles queiram roubar.

— Farei o que puder — concluiu Norberto.

Enquanto os da malta ceavam e segredavam entre si uma visita à burra dos Monizes, que eles traziam desde muito de olho, Norberto, saltando de várzea em várzea, descalço, e

lavado em suor da rápida corrida, foi dizer à mãe que avisasse o doutor de que a sua casa era assaltada à meia-noite por dez homens; mas que juntamente com os dez ia ele.

— E não lhe diga mais nada, senão que eu vou também — rematou o Calvo.

Bem informado tinha dito o abade que os Monizes possuíam poucas armas e poucos homens de defesa. Ainda assim eram sete. O teólogo opinou que fugissem imediatamente todos. Contestou Francisco, arrazoando que não havia tempo de carregar baús, nem, se partissem, evitariam que os salteadores alojados na abadia, picando-lhes a retaguarda, se não senhoreassem da bagagem, cuja defesa era impossível por homens mal armados, contra dez facínoras de ofício.

O que a todos afligia era a presença de Ricardina. Bernardo meditava em transferi-la para casa segura na vizinhança. Perto de ali demorava uma família de lavradores e padres, aparentados com os Monizes. O alvoroço de todos não dava largas a discussões. Ricardina, pálida de terror, aceitava tudo contanto que Bernardo se não separasse dela. O

teólogo reduziu-a a dispensar-se da companhia do seu irmão, visto que a falta dele perigava muito a defesa da casa. Convieram em sacrificar à necessidade as lágrimas da senhora. Abraçaram-se os dois soluçando ansiadamente.

Saiu o teólogo a levar Ricardina e o velho a casa dos padres, cuja amizade e parentesco, sendo capaz de muitas provas, vacilou em tomar conta da filha do sanguinário abade, cuja notória fereza os atemorizava, e nem eles simpatizavam grandemente com o procedimento da fugitiva noviça. Sem embargo da repugnância, deram agasalho ao velho e a Ricardina, recomendando-lhes de antemão o maior segredo, por medo que tinham da cólera do abade.

Quatro irmãos e três criados eram os preparados defensores. Lembrou o teólogo que se tocasse a rebate na sineta da capela, assim que os salteadores fossem pressentidos. Aprovou-se o alvitre. Acrescentou um velho criado que se incendiassem as medas de palhas que estavam na eira para que as freguesias vizinhas acudissem pensando que era fogo; e argumentavam em pró da sua lembrança dizendo que o povo não acudiria, se soubesse que eram ladrões, e se ficaria a dar tiros lá de longe,

socorro que não valia de nada. Pareceu excelente o parecer do criado.

Bernardo encarregou-se de fazer sentinela no ângulo do muro, onde se abria um mirante gradeado sobre o caminho. Por volta da meia-noite, soou-lhe ao ouvido atento uma toada rumorosa de passos e vozes. Deteve-se até divisar os vultos e o lampejar dos cigarros. Acolheu-se então a casa, mandou incendiar as medas e tanger a fogo na sineta da capela. Os salteadores, acaudilhados por Norberto Calvo, estacaram, logo que o rebate e o clarão das labaredas estrugiu e rompeu, simultaneamente.

— Há fogo na casa! — disse Norberto.

— Estamos como queremos! — exultou o Torto. — Eles hão de sair cá fora, e vêm-nos às mãos como coelhos da toca.

— Salta dentro, rapazes! — disse Frazão.

— Tu é que mandas? — perguntou o Calvo. — O patrão deu-me o governo a mim.

— Então que fazes? — disse o temível celerado, apoiado pelos hóspedes do abade.

— Que faço? Estou cá a malucar, que isto não está bom como tu pensas. Daqui a nada está aí povo que se não há de mexer ninguém.

— Isso cá fica pela minha conta — disse um dos sicários de Midões. — Duas balas a cantar-lhe pelas orelhas metem o povo em casa.

— Aqui não há generais nem soldados! — clamou outro da falange em rebelião contra o absolutismo do comando. — Cada qual faça o que quiser; eu vou por aqui.

E, trepando por uma olaia encostada ao muro, saltou das ramadas ao pomar, seguido de todos os seus conterrâneos. Faiscaram duas escorvas nas janelas da casa, e as balas bateram nas parreiras, lascando os caibros.

Os invasores correram a cingir-se com a casa, rodearam-na a coberto da espingardaria, e saíram ao eirado onde ardiam as medas. O rebate continuava, já respondido pelo toque de duas freguesias próximas. No entanto, os três criados da abadia, correndo ao longo da fachada do palacete, entestaram com uma porta estreita, contígua à capela. Os pujantes Frazão e Torto levaram-na às recuadas, quebrando

a lingueta da fechadura. Mas, ao entrarem pelo outro lado da eira, afuzilaram três tiros das janelas, e logo o Torto, saltando para trás, disse que uma bala lhe tinha dado na canela. E, ao mesmo tempo, avançando enfurecido, bradou:

— É pr'aqui, rapazes!

Neste comenos, cinco dos de Midões, obedecendo ao conselho de João Rolhas, o mais previsto e afamado em assaltos, remeteram com uma porta, que se lhes figurou a mais fraca. Era, com efeito, a entrada do palheiro. Ao segundo embate as almofadas racharam. Um deles meteu o braço e levantou uma aldraba.

— Não vos disse eu? — gritou o do alvitre. — Atirem fogo cá pra dentro, que o palheiro chega ao teto.

Quatro homens arrancaram gabelas das medas que ainda não ardiam, acenderam-nas nas outras incendiadas, e remessaram o fogo ao palheiro. Norberto Calvo confrangeu-se até à medula dos ossos. Entendeu que o palacete ia arder, e os cercados ou morriam no fogo ou caíam varados de balas, quando saíssem.

— Que é do Calvo? — perguntou o Torto ao seu companheiro.

— Disse que ficava a ter mão no povo, que não chegasse para cá.

— Tem medo, o valentão — observou o outro rindo. — Olha que chefe nos deu o Sr. Abade!

— Estão aqui estão fora da lura — disse o Rolhas inventor do incêndio. — Agora repartam-se vocês pelas portas da casa... Olha como eles perdem tiros! Que bestas! — E notava judiciosamente o de Midões, ouvindo o estampido quase perpendicular, e o chofrar das balas num tanque próximo, onde se espelhavam as labaredas das medas.

O que fizera a zombeteira observação caiu fulminado por um pelouro que lhe vazou o ventre. O tiro não podia ser feito de cima. A pontaria vinha de frente.

— Olha que nos atiram do lado de além! — disse Frazão, apontando para um arvoredo mais entenebrecido aos olhos deles, aproximados das fogueiras.

— Já por ai está povo!

Correram cinco em direção do bosque. Não viram nada. Norberto Calvo internara-se entre uns choupos, a cevar um dos dois canos despejados da sua clavina. Estava contente da pontaria; mas o coração retalhava-se-lhe a cada lufada de fumo que golfava das frestas do palheiro. Pensava ele que Ricardina estava ali; e, no meio dos ímpetos ferozes que lhe saíam à flor da cara em suor de sangue, pedia à Virgem do Céu que salvasse a sua ama.

Já não eram rolos de fumo, senão de chamas, que iam rompendo o sobrado do primeiro andar, estalando os fechais, os bafrotes e o vigamento. Os Monizes e os criados estavam no segundo pavimento, e só repararam do fogo quando a fumarada toldou o ar e lhes ofegou a respiração. As serpentes de lume, já enroscadas nas alfaias do primeiro andar, medravam nas tintas e óleos, crepitando.

Às vezes, pensavam que as portas fendidas a machado abriam fenda ao roldão dos invasores. Enganavam-se. Era o fragor dos móveis a ruírem nas lojas, assim que as traves estalejavam. Os sinos tangiam sem cessar; mas o povo, aconchegado em grupos, nos pontos mais eminentes dos arredores, a cada surriada de espingardaria, lembrava-se

dos seus filhos, das suas mulheres, do sossego das suas casas, e recuava até ganhar outro ponto e observação menos arriscado. Ainda assim, os mais audazes despejavam as suas caçadeiras, gritando: “Acudam! Acudam!”

Os salteadores respondiam enviando lá para o escuro de onde vinha o alarido balas não de todo perdidas; porque o silvar de um pelouro nas ramagens do arvoredo era que farte prova de não ser desprezível o socorro, visto que os ladrões o temiam. Entretanto, debandavam os aldeãos, como se desdenhassem da vitória. O posto dos assediados era, só comparável, na aflição, ao de Norberto Calvo.

Bernardo Moniz foi de aviso que rompessem todos ao portão, e arrostassem com os salteadores.

— Morrer queimados — . dizia ele — ou morrer a tiro importa o mesmo.

— Vamos sair; mas não juntos — obstou o médico. — Abram-se a um tempo as seis saídas da casa, e cada qual rompa, não contra eles, que são muitos; mas vamos chamar o povo, que há de socorrer-nos em nos vendo fora.

Salvemos as vidas; mas não esqueçamos que estão aí quatro baús com toda a nossa fortuna!

— Depressa, que daqui a pouco estamos asfixiados! — exclamou Bernardo. — Quem nos dá balas?

— Temos pólvora somente — disse o padre, e, apontando para os três criados, continuou: — Estes homens deram mais de cinquenta tiros ao ar. Eu bem lhes dizia.

— De que nos servem as balas? — disse Francisco Moniz. — A nossa salvação é fugir, não é atacar.

Neste lance, ouviram um grande tropel de quem subia a escada de comunicação para a parte da casa por onde as línguas de fogo já espadanavam nas ombreiras das janelas.

— Aí estão! — exclamou o teólogo.

— Fidalga! Fidalga! — ouviram eles gritar.

— É Norberto! — disse Bernardo Moniz.

Era. Era ele, atabafando o lume pegado na jaqueta e esfriando com as mãos as longas barbas crestadas.

— A fidalga? — exclamou ele.

— Não está aqui — disse Bernardo.

— Está fora?

— Está.

— Que fazem os senhores? — disse o Calvo, sacudindo os braços freneticamente, e batendo com a coronha da clavina no tabuado. — Querem aqui morrer? Que diabo de defesa foi esta? Porque não saíram logo que pegou o fogo? Saiam, saiam, pelo amor de Deus ou do Diabo!

— É o que íamos fazer — disse o médico. — Vão abrir-se as portas, para não sairmos juntos; parece-te o melhor?

— Vá então, depressa; que por este lado já mal se pode sair.

— Temos outras portas.

— Então, repartam-se — clamou Norberto. — Sr. Bernardo, havemos de sair juntos, por este lado por onde eu vim.

— Mas tu vinhas a arder... — objetou o estudante.

— Vinha; mas não ardi. Cá me entendo. Logo lhe direi porque vamos por este lado. Vossa Senhoria atire dois

saltos assim que passar pelo fogo. Havemos de sair pela porta da capela, que está a arder. É já!

Bernardo acompanhou-o, quase afogado de fumo, e sentindo estalar e gretar lume os degraus da escada. Passaram por um corredor estreito à tribuna da capela, que começava a esboroar-se pelo tabique divisório do restante edifício. A frágil porta, em que o artista alardeara engenho de lavores, sem olhar à robustez, tinha saltado em rachas, batida por uma espécie de catapulta que os inventivos Frazão e Torto arranjaram com o cabeçalho de um carro metido de pontoada à franzina madeira.

— É por ali! — disse Norberto, apontando a porta e levando consigo Bernardo.

— Estão lá dois homens.

— Bem sei… são os criados do abade.

— E eu não tenho arma.

— Nem é preciso. Venha.

O clarão interior mostrou a Frazão e Torto o seu companheiro, que levava pelo braço o raptor de Ricardina.

Exclamava Norberto:

— Rapazes, vinde cá! Aqui está o homem!

Os dois criados, pensando que Norberto lhes pedia socorro para o prenderem, entraram, de clavinas aperradas, dispostos a cumprir as secretas ordens do patrão; mas, apenas deram o primeiro passo dentro da capela. Norberto bateu o cão dos dois canos com o intervalo necessário para duas pontarias. O Torto caiu de borco, ao mesmo tempo que o cérebro lhe espirrava à face do outro, que se mantinha em pé cambaleando. Fez ainda fogo Frazão. Norberto expediu um rugido, e cresceu sobre o moribundo, cortando-lhe as veias jugulares a golpes de punhal.

— Foram-se! — disse Norberto, ligeiramente agitado.

— Estou ferido! — disse Bernardo.

— Aonde?

— Neste ombro direito.

— Não há de ser nada. Pode saltar o muro?

— Talvez possa.

— Se não puder, vai às minhas costas.

Atravessaram o vasto pátio. Os restantes salteadores tinham corrido a defender as saídas do outro lado. Ninguém os viu. Chegados à parede, Norberto perguntou a Bernardo:

— Sabe ir de aqui para casa da minha mãe?

— Sei.

— Vá de rastos, se for preciso, para que o não vejam. Vossa Senhoria está perdido, se o abade sabe que ficou vivo. A Sr.ª D. Ricardina há de sabê-lo, e mais ninguém. Fuja por esse mundo fora, senão a Justiça agarra-o. Olhe que eu tinha ordem de o matar, e vou dizer que o vi morto. Se o Sr. Doutor não estivesse ferido, ia já por a fora até Espanha; mas é preciso curar-se; e a Justiça vai dar com o senhor em casa do Diabo. Bata à porta da minha mãe, que há de estar a pé, e diga-lhe que o esconda, que eu amanhã, assim que puder, lá vou ver essa ferida.

Dobrou-se Norberto rente com a parede. Bernardo subiu-lhe às costas, e foi-se alteando ajudado pelo apoio. Vingou dobrar a parede, saltou e foi caminho da arribana.

Assim que o sangue lhe arrefeceu, Bernardo insinuou a mão esquerda entre o seio e a camisa, para sondar o tamanho da ferida. Encontrou banhada em sangue uma medalha, em que se moldurava o retrato de Ricardina. O contacto do sangue, coagulado na frescura do metal, coou-lhe às entranhas um estremecer de supersticioso pavor.

— Não te verei mais, Ricardina? — disse ele entre si.

E de ali até à choupana, nem imagem de irmãos, nem de pai, nem o esplêndido horror do incêndio lhe travaram da alma. Não pensou se os irmãos estariam em luta com os assassinos, se o pai viria caminho das ruínas para lhes abraçar os cadáveres. Via Ricardina; e parava a instantes, perguntando à desvairada alma:

— Porque não hei de ir eu buscá-la?.

CAPÍTULO XVI

E O SOL NASCIA FORMOSO!

Desandando para o lado do edifício, onde os de Midões discutiam o modo do saque, e vigiavam as avenidas, Norberto exclamou:

— Rapazes, um já está morto na capela! O Bernardo já vos não faz mal; mas o Frazão e o Torto lá ficaram a escutar a cavalaria! O homem era teso, que mandou os dois ao Inferno! Vocês tenham cuidado convosco, que os Monizes são de má raça. Três dos nossos já lá vão!

— Não há de ficar vivo nenhum deles, ou eu não sou o Isidro Cambado!

— Fiquem vocês, que eu vou dar uma vista a certa porta que não está guardada — recomendou Norberto.

E, desviando-se cosido com as paredes vazadas de lavaredas e catadupas de faíscas, internou-se no arvoredo,

de onde a sua fiel clavina cuspira a primeira bala com tão certeiro tiro. Corridos alguns segundos, abateram teto e paredes da capela atroadoramente. Norberto esperava ansioso aquele efeito previsto, para poder asseverar que Bernardo Moniz jazia soterrado no entulho. O contentamento redobrou-lhe as delícias de se estar agachado entre dois troncos de carvalho com a clavina à cara, espiando o lanço de proteger a fuga dos cercados.

Escancararam-se a um tempo as portas, sobrepostas a três patins que ornamentavam com simétricas escadarias o portal do palacete. Assim que o primeiro vulto assomou no limiar, reparou Norberto que dois tiros o fizeram recuar; se vivo, se morto, não pôde ele entrever. Ao mesmo passo, pelas outras portas saíram quatro vultos, a grandes saltos em direitura ao bosque, onde Calvo se entranhara. Por entre eles começou então o salvador de Bernardo a cortar nos perseguidores dos fugitivos com tal destreza e olho que os mais dianteiros, encontrados pelos zagalotes que lhes batiam no peito, fizeram pé atrás, duvidando entrar no escuro, onde lhes relampagueava o afuzilar das escorvas.

O teólogo, outro irmão e três criados julgavam-se já cortados pelo fogo que lhes saía da carvalheira, quando Norberto lhes bradou:

— Fujam, que sou eu!

— O meu irmão Bernardo? — perguntou o teólogo.

Norberto, para que os criados o não contradissessem, respondeu:

— Ficou morto.

À volta de um dos feridos no seguimento dos que fugiam juntaram-se todos os outros. É que Isidro Cambado, arrancando a repelões o colete ressumado de sangue, rugia:

— Mataram-me!

Norberto saiu da moita, rodeou por longe e surgiu no ângulo da casa por onde se escapulira.

— Cá pelo meu lado ninguém se pirou! — bradava ele. — E vocês deixaram-nos ir?!

— Com dez milhões de diabos!... — bramiu raivoso um de Midões. — Já morreram quatro; anda ver o Isidro

Cambado, que está a expedir!

Norberto aproximou-se do grupo e observou:

— Bem vos dizia eu, que isto não estava bom! Ora aqui tendes!... Morreu só um deles!

— Dois! — emendou um dos cinco de Midões.

— Então que é do outro? — perguntou o Calvo.

— Há de lá estar dentro daquela porta — e apontou para o patim contra o qual atiraram, assim que assomou o primeiro vulto. — Se eu lhe não meti a bala na arca do peito, venha já um raio que me parta!

Norberto galgou as escadas e viu, à brilhante lumieira das traves acesas, o cadáver de Francisco Moniz. Desceu vagarosamente e disse com mal dissimulada pena:

— É verdade... Lá está morto o médico... Agora que querem de aqui? Vamos embora. A casa parece-me que está sem fôlego vivo. Ou vocês querem ir lá dentro? Arranjem agora a ficar debaixo das paredes que é o que falta... Eu cá de mim vou-me esgueirando. Leve o Diabo a empresa! Ora vejam se, à conta de matar o Bernardo, valia a pena

deixarmos mortos quatro homens valentes como torres! Do Frazão e do Torto não fica no mundo casta! Enfim, o Sr. Abade assim o quis... Agora tomem o meu conselho... Os que fugiram podem cair sobre nós com o povo, e não nos deixam uma orelha, que nós somos já poucos e não temos provimento. Os sinos lá tornam a tocar, rapazes... Pisguem-se!

Conspiraram todos no aplauso da retirada proposta. Ao repontar do dia, chegaram centenares de homens armados. Encararam despavoridos no local onde horas antes tinham visto o palacete dos Monizes. Era um acervo de rumarias, entre as quais os criados procuravam os cadáveres de dois dos seus amos: que do mais velho e do teólogo sabiam eles que uns lavradores os tinham recolhido, dando-lhes enxergas onde se atirassem a chorar.

À mesma hora, Ricardina Pimentel, cedendo ao medo clamoroso dos padres em cuja casa a hospedaram, aceitou o violento alvitre de acolher-se à Reboliça, onde sua irmã e parentes não corriam perigo de serem atacados também pelos incendiários. Os padres aventaram logo que o assalto era vingança do cruel abade e inferiram acertadamente que

sorte igual e provocada lhes poderia decretar o rancoroso pai de Ricardina sabendo que eles a tinham asilado e furtado às suas iras. Por sobre isto, já os padres sabiam que de Viseu ia sair tropa em busca dos Monizes, acusados de assassinos dos seus honrados mestres. Não havia piedade que resistisse a tantos impulsos para guarda e salvação das suas pessoas, tendo eles, de fora parte, em conta de desonesta a sua hóspede.

Portanto, compeliram com razões e frases agastadas D. Ricardina a buscar refúgio na proteção de Eugénia. Foi a pobrezinha. Levaram-na. Ia tão areada, tão sem siso e sem consciência da sua desgraça, que não há aí compará-la senão a padecente que se deixa levar sem acordo e já sem sentimento para a estrangulação do patíbulo. De ali em diante, a demência ou a morte; se lhe não estivesse reservado o máximo suplício: a vida com a razão.

A casa da Reboliça distava do incêndio três quartos de légua. Ao entreluzir da manhã, Eugénia, marido e cunhados ainda contemplavam os rolos denegridos de fumo, relampadejando a espaços uns vasquejos arroxados. Da velha torre solarenga, onde tinham subido, viam os

diferentes caminhos convergentes ao espaçoso terreiro da casa, e num deles enxergaram dois vultos a cavalo.

— Vem gente acolá... — disse Eugénia.

— É verdade — confirmou o marido. — Lá vem uma mulher... não te parece?

— Tem jeito disso.

— É provavelmente o filho do Silvestre e mais a mulher, que vêm fugindo. Vou ao portão.

— Vou contigo — disse Eugénia.

Quando abriram a porta, já Ricardina descia das andilhas amparada nos braços do padre que a acompanhava.

— Ah! — exclamou a esposa de Luís Pimentel, reconhecendo a irmã. — És tu, Ricardina? Donde vens! Como estás aqui, desgraçadinha!?

A interrogada não respondeu nem se lançou nos braços da irmã, que parecia obedecer ao amoroso impulso de abraçá-la. Manteve-se imóvel, com os braços caídos, e os olhos no chão a borbulharem lágrimas. A palavra desgraçadinha,

proferida pela sua irmã, soou-lhe como insulto contrafeito em piedade.

— Ricardina! — disse Eugénia, tomando-lhe as mãos frigidíssimas. — Não me respondes? Donde vens?

O padre entremeteu as suas explicações:

— Esta senhora — disse ele em conclusão de comprido aranzel — na minha casa não estava segura, se o pai soubesse que lá parava. Vossas Senhorias bem sabem — prosseguiu voltado para Luís e para o velho irmão de Clementina — que o Sr. Abade de Espinho não é homem de meias medidas, e melhor é ter por inimigo o Diabo e não ele. Era capaz de mandar-me arrasar a casa, à conta de eu recolher esta senhora... Enfim, acompanhei-a até aqui. Não pode estar em melhor casa e em melhor companhia. O Sr. Abade respeitará Vossas Senhorias; e aos pobres padres filhos de lavrador é capaz de os fazer em postas. E que gente ele lá tem azada para o efeito! O Rolhas, e o Cambado de Midões, não falando no Norberto Calvo, que é capaz de dar um tiro no nosso Senhor Jesus Cristo!

Ricardina levantou os olhos contra o padre, e abaixou-os sustendo a custo o impulso que a instigava a defender o protetor de Bernardo. Eugénia, ouvidas as explicações, olhou para Luís Pimentel.

— Bem. Queira entrar, prima Ricardina — disse ele. — Depois veremos o que há de fazer-se no seu benefício.

O padre deu de esporas, contente do desempeço da desonesta. Eugénia tomou o braço da irmã e conduziu-a a uma saleta, onde Luís as seguiu.

— Como estava a prima Ricardina em casa de Silvestre? Nós pensávamos que tivesse ido para Coimbra... — disse Pimentel.

— Vim de Coimbra antes de ontem — respondeu a cunhada.

— Com Bernardo Moniz?

— Não.

— Seria certo, como dizem, ser ele um dos assassinos dos lentes?

— É mentira.

— Mas há ordem de prisão em Viseu para ele e para os irmãos.

Ricardina rompeu em choro desfeito, pedindo ao primo que lhe soubesse alguma coisa de Bernardo.

— Mas ele está na casa da Fonte? — perguntou o primo.

— Sim, está.

— E quando chegou?

— Antes de ontem à noite.

— A prima está casada com ele?

— Ainda não — respondeu Ricardina.

— É admirável!... — disse Luís. — Um homem de tal nascimento que esperava? A Sr.ª D. Ricardina estaria no caso de ser a manceba de um filho de Silvestre da Fonte?! Agora compreendo o motivo da vingança do seu pai.... O que Bernardo imediatamente devia fazer, se fosse homem de tino e de coração, era, à custa de muitos contos de réis, casar-se com a senhora, para evitar desgraças e escândalos; ir a Roma, se fosse necessário, e pedir ao Santo Padre que os casasse...

— Não se trata disso agora... — atalhou D. Eugénia, compadecida do angustiado aspeito da irmã. — Olha se mandas algum criado indagar o que se passa... É impossível que os Monizes não fugissem de casa assim que começou o fogo!

Luís Pimentel saiu da antessala, e encontrou fora o pai, que lhe disse mal encarado:

— Não nos convém cá esta mulher!... Vês o exemplo na casa dos Monizes? Pois conta com o abade à frente dos salteadores, assim que lhe rosnar a estada da filha aqui. Vai pensando em mudá-la, que eu testilhas com o pai não as quero, e principalmente agora, que ele levanta consigo trezentos homens na Beira, se quiser.

— Mas que se há de fazer a esta pobre senhora, que para além do mais é minha cunhada e sobrinha do meu pai?

— Não sei; não quero saber. O que tu sabes é que o abade nos ameaça; e logo que se lhe abra ocasião, vinga-se de ti, que o trataste mal, e havemos todos de pagar os teus arrufos. Ora faz de conta que o Bernardo Moniz, à conta de estar aqui tua cunhada, se nos mete pela porta dentro!

— Isso de modo nenhum! — protestou Luís Pimentel. — Mando-o escorraçar pelos lacaios se cá vier... Mas o pai pensa que ele, se escapasse hoje, põe mais o pé nestes sítios? Das duas uma: ou se desterra, ou se deixa enforcar.

A ponto chegou um criado dos Pimenteis, que vinha de espreitar de longe o incêndio e a peleja na casa da Fonte. Contou o que ouvira dizer aos convizinhos dos Monizes: que o entulho da capela sepultara três cadáveres; que no eirado estavam dois, e outro numa loja de todo carbonizado, sendo um dos mortos Bernardo, e o outro Francisco Moniz.

Pimentel subiu a informar a esposa; mas tão sem piedade da cunhada falou em voz alta, que Ricardina, atenta ao mínimo rumor, escutou e ouviu.

— Que foi? — exclamou ela correndo em vertiginosos saltos para o primo. — Mataram o Bernardo? Que disse aí, primo?... Mataram-no?

— É o que me contou agora um criado que vem de lá — respondeu placidamente Luís.

Ricardina expediu, uns após outros, espantosos gritos, sem palavra articulada. Remessava-se de ímpeto contra as portadas da janela, impulsada pelo intento do suicídio. Retrocedia repuxada por Eugénia, cujos braços cediam ao debater-se frenético da irmã. Luís Pimentel, mais cauto que condoído, pedia-lhe que não desse tamanhos brados. A infeliz não dava tento da observação: sobrava-lhe infernos para que na sua alma não coubesse mais aquele espicaçar afrontoso do bárbaro que a mandava sufocar os gritos. Eugénia fitava o marido com reprovador silêncio, quando ele trejeitava em sinal de aborrecido de tais lástimas. Sebastião Pimentel bufava de raivoso contra a vergonha de se estar carpindo na sua casa a envilecida amante de Bernardo Moniz, do filho de Silvestre da Fonte, do antigo pastor de cabras... que lhe rejeitara sua filha Matilde.

Quem não viu, nem quis ver Ricardina, foi Carlos Pimentel, o noivo repelido. Ouvia-lhe os clamores, e fechava os ouvidos para não lhos ouvir. É que na sua alma, onde uma vez se abrira a imagem de Ricardina, sombra de outra imagem, não pudera ainda delir-se-lhe a saudade.

Caiu alfim sucumbida. Já não se lhe ouviam sequer os soluços. Devia de estar exulcerado aquele seio que espirara fogo. Caiu aos pés da irmã, que a não pôde amparar no baque. Levantaram-na sem acordo. As faces estavam frias; mas as lágrimas deslizavam ardentes do rescaldado sangue que lhe arfava nas veias do colo.

— E se ela morria... — exclamou Eugénia lavada em lágrimas.

— Era uma felicidade para ela e para nós — disse de si consigo Luís Pimentel.

Desculpe-se-lhe o mental solilóquio. Luís, sobre ser descendente de D. Ordonho I, rei das Astúrias, tinha-se em conta de provável herdeiro do abade de Espinho, quer o sogro morresse de uma apoplexia, quer de uma bala — morte provável no juízo do genro. O acabar-se ali Ricardina forrava os Pimenteis de uma vergonha, e, pior ainda, de uma co-herdeira.

Não condenemos os pensamentos de ninguém, antes de os examinar de raiz. Olhemos antes para o céu daquele dia 26 de Março de 1828. Que formoso nascia o Sol! Que

chilreado de aves, e perfumado das auras pernoitadas nas urnas das flores! Há de se pensar que o Criador daquela manhã tinha sido o mesmo que fizera as trevas e os homens da noite passada!.

CAPÍTULO XVII

ENTRE A DEMÊNCIA E A MORTE

— Conta-me lá isso outra vez, Norberto! — dizia o padre Botelho de Queirós, fechado com o caudilho da jolda no seu quarto. — Então tu mesmo viste.

— Saberá Vossa Senhoria que vi com estes dois o Bernardo a descer as escadas de dentro da capela... sim, as que vêm do coro.

— Bem sei, e nessa ocasião o Torto...

— E o Frazão, que estavam à espreita, cresceram sobre ele. O que eu ouvi cá de fora foi quatro tiros ao mesmo tempo; e, quando entrei lá dentro, estavam todos três mortos. De aí a pedaço desabou o teto e as paredes da capela, e lá ficaram enterrados todos. O entulho tem mais de seis palmos sobre a soleira da porta. Olhe, meu amo — continuou o Calvo, coçando a orelha direita — , o que me

levou dos diabos foi ser eles e não eu que matou o tal Bernardo...

— Enfim, o que eu queria fez-se; e a ter ele de matar alguém, antes aos outros do que a ti, que sempre foste o meu homem.

— Isso são favores; mas o que vossa senhoria quiser de mim, ainda que seja ir ao Inferno e voltar...

— Bem sei, rapaz... E também viste o médico?

— Lá estava todo queimadinho como um carvão...

— E os outros? Esses não se lhe põe mais olho...

— Sim, a esta hora onde irão eles?

— Agora, sabes que tens de me fazer um grande serviço?

— Às ordens, meu amo!

— Hás de ir a Coimbra saber onde pára a Sr.ª D. Ricardina.

— E Vossa Senhoria... — Norberto conteve a pergunta, por temeroso de imprudência.

— Que ias tu dizer?

— O que quer que eu lhe diga à senhora? — emendou ele o impulso de perguntar o que queria à fidalga.

— Quero que lhe digas coisa nenhuma. O que tu vais é saber onde ela pára; que eu depois lhe direi onde ela há de ir parar. A Casa da Estopa, no Porto, fez-se para as perdidas da laia dela.

Norberto olhou para o abade, e baixou os olhos coriscantes que podiam atraiçoá-lo.

— Quando quer Vossa Senhoria que eu parta?

— Já, almoça e vai. Monta no macho ruço, que é mais andador.

Norberto recebeu as últimas ordens e partiu para Viseu. Andada uma légua, encontrou os milicianos, cujo alferes lhe perguntou donde era.

— De Espinho — disse ele — , sou criado do Sr. Abade.

— A casa da Fonte é perto de lá?

— Muito perto. Os senhores, ainda que eu seja confiado, vão prender o Bernardo Moniz?

— Que lhe importa a você?!

— É que se vão a isso, escusam de ir, que ele foi morto a tiro esta noite.

— Por quem?

— Lá por uns homens.

— E o Francisco estará lá?

— Também morreu.

— E o padre que também era estudante?

— Desse ouvi dizer que fugiu.

— A diligência há de cumprir-se até voltarmos com a certeza do que este homem conta — disse o meirinho-geral ao alferes.

— Passem muito bem — concluiu Norberto. Chegou a Viseu. Pôs o macho na manjedoura, comprou unguentos num a botica, e por atalhos da serra foi a casa da sua mãe. Era meio-dia. Bernardo Moniz estava sentado na enxerga da velha, que lhe lavava o ferimento: era superficial, bom de cicatrizar sem intervenção cirúrgica.

Norberto, depois de exordiar incutindo ânimo no seu amigo, contou-lhe o restante da tragédia, quanto ao irmão assassinado. De Ricardina disse-lhe que não pudera saber nada. Referiu-lhe o encontro que tivera com a tropa, e terminou deste modo:

— A ferida não presta. Vossa Senhoria esta noite faz jornada, e vai para Espanha. Tenho às minhas ordens o macho em que o patrão me mandou a Coimbra saber onde está a fidalga, porque a quer mandar para a Casa da Estopa. Logo que o Sr. Doutor esteja em Espanha, volto para casa, e digo ao abade que ninguém me deu notícias da senhora. Depois, mando recado à fidalga, e digo-lhe que se prepare que a vou levar ao Sr., Doutor. Vou à cavalariça, aparelho dois machos, e por aqui me sirvo. Logo que chegarmos à raia, mando os machos ao dono, e boas-noites... Lá vou para onde Vossas Senhorias forem.

Bernardo, no apogeu da comoção, beijou as barbas grisalhas de Norberto, e quase caiu de joelhos à frente do incansável valedor, que tantas vezes torcera e partira o grilhão de ferro que o chumbava à sepultura.

Ao cerrar da noite, Norberto voltou a Viseu, apossou-se do macho e voltou a lugar indicado na estrada de Moimenta. Era nado o Sol quando chegaram a Moreirinhas, e ao cair da noite estavam na Praça de Almeida. De madrugada, Bernardo passou a fronteira, e Norberto voltou a Viseu. Chegado à abadia, saiu-lhe ao encontro o padre, exclamando:

— Perdeste o tempo: não podias saber nada.

— Nada, meu amo.

— Ela, a perdida, estava em casa dos Pimenteis...

— Como assim? — acudiu sinceramente espantado o Calvo.

— É o que te digo: de casa dos Monizes passou para a dos padres do Sobral, e de lá para a Reboliça.

— E agora?

— Já os mandei avisar que lá vou buscá-la pelas orelhas, e que se preparem para uma festa como a dos Monizes.

— Oh! cos diabos! que franciscanada! — exclamou o criado, revolvendo no espírito os recursos do seu tão

afortunado engenho.

— Quando é a pega? — perguntou ele.

— Ainda não sei: estou a ver o que os Pimenteis fazem de hoje até amanhã. Se ma entregarem, vai de ali debaixo de prisão, com um oficial de Justiça, para o Porto; senão, vamos a eles, que chegou a hora de saldar contas. A eles! — concitou Norberto, esfregando os joelhos.

— Esta gentalha de brasão e sem brasão há de afinal saber quem são Botelhos de Queirós — bradou o padre. — Roubaram-me as filhas? Perverteram-mas, fizeram-lhes odioso o seu pai, que as enriqueceu? Pois bem: hão de pagar-mas caras eles e elas. Enquanto eu tiver gota de sangue, hei de cuspi-lo na cara de quem envergonhou a minha. Oh, se hei de!... Eu sou Botelho de Queirós, por pai e mãe. Vão a Amarante saber como até as mulheres da minha família se vingam ... Os covardes, se começarem nesta ilustre linhagem, não há de ser por mim.

Norberto era auditório indigno do trágico monólogo. Esbugalhava os olhos a ver se lhe atinava com o intento, ou, mais sobre o certo, imaginava o que havia de fazer para

arrancar Ricardina de casa dos Pimenteis. O que mais lhe urgia era poder falar-lhe ou conseguir que a mãe a visse. Aproveitando o lanço favorável, enviou a velha à Reboliça. Era já noite. A velha voltou dizendo que todas as portas estavam trancadas. Norberto saiu, fora de horas, e afoitou-se a vizinhar das solarengas torres dos Pimenteis, afortalezadas com duas peças de artilharia e as suas atalaias que sobrerroldavam, na incerteza do ataque. A distância de vinte passos trovejaram-lhe um quem vem lá! Como ele não respondesse, silvou-lhe uma bala por cima da cabeça, escodeando a cortiça de um sobreiro, cujas lascas lhe roçaram as barbas. Desanimou Norberto Calvo, e retrocedeu dizendo entre si:

— Se estes diabos me matavam, quando eu ando aqui só para fazer bem!

Ao outro dia, Sebastião Pimentel, intimados os caseiros para guarnecerem a casa, enviou um mensageiro ao abade com a seguinte nota: “Que D. Ricardina de Queirós já não residia naquela casa. Que o entregarem-na a um pai cego de ódio seria ação reprovada e indigna de Pimenteis. Que o conservarem-na, também impugnava ao seu pundonor. Pelo

que, deliberaram enviá-la para mais de cinquenta léguas de distância, e tomavam ao seu encargo dar-lhe os necessários alimentos, no mosteiro onde ela provavelmente ia recolher-se. Dito isto", concluía Sebastião Pimentel, "as providências estão dadas para resistir aos assaltos, venham eles donde vierem, já que a fidalguia de certos homens os não embaraça de ameaçarem de morte os seus próprios parentes."

E, em testemunho de verdade, assinavam os três Pimenteis, pai e filhos, o cartel enviado ao neto da senhora de Amarante que matava homens a tiro. Norberto Calvo rodeava ansiadíssimo o patrão, esperando palavra que o elucidasse.

O abade concentrou-se, ponderando o apelo feito à sua clara geração, e sentiu-se brandamente descido da contraditória soberbia dos seus foros. Não respondera ao mensageiro: mas despedira bem galardoados os paladins da sua honra, enviando-os a Midões, com promessas de os proteger diante de el-rei nosso senhor, e redimi-los das culpas que os traziam transmontados e a corso.

De feito, Ricardina, sem leve constrangimento, aceitou o destino que a sua irmã lhe ofereceu; porque bem sabia ela que, passado algum tempo, por força tinha de fugir daquela casa para esconder os sinais da maternidade. Eugénia, subordinada pelo sogro e marido, aconselhou-a a recolher-se num mosteiro de Lisboa, onde as suas desventuras seriam sempre ignoradas, se ela as ocultasse, como lhe convinha. Prometeram-lhe recursos para viver largamente, e quantas diligências pudessem para que o pai lhe perdoasse e a readmitisse à sua estima.

Tudo agradeceu Ricardina: tudo lhe parecia melhor do que a presença do seu cunhado, e as lástimas do tio, que se apercebia de gente e balas, sem contudo espancar o medo de morrer queimado e entulhado nas ruínas do seu solar.

Quando Norberto ouviu o zumbido do pelouro, já Ricardina levava duas léguas andadas, caminho de Lisboa. Acompanhava-a o velho capelão dos Pimenteis na liteira, autorizado a enclaustrá-la no mosteiro mais ajustado ao intento, combinando-se em Lisboa com o seu solicitador de causas, sujeito com família, em cujo grémio Ricardina havia de ser depositada sem dizer de quem era sobrinha, para

obstar a esclarecimentos prejudiciais à dignidade de todos e à admissão no mosteiro. Nem esta condição ignominiosa rebateu a quebrantada senhora.

Há uma espécie de insensibilidade, que, ao meu juízo, é o existir intermédio da demência e da morte. A noite, que se faz na alma, não tem orvalho de lágrimas. Sente-se o peso do coração, é bronze que está dentro a estalar as fibras sobre que pesa; mas palpitações não dá nenhuma. O espírito estremece de agonias, que mais parecem paroxismos do arranque final que dilacerações morais. Nesta rara espécie de desgraça, os enfermos estão sempre inclinando-se maquinalmente para a terra, pensando que a terra lhes entremostra o leito do repouso eterno. Tanto lhes faz Deus como lhes fez até àquele derradeiro degrau, donde não há olhos que O contemplem. A Providência perdeu já a força de se fazer sentir. Os que aí chegaram já tinham visto a sua fé conculcada a pés de verdugos, que se dispensavam .de temor divino ao apertarem a corda da asfixia. Se o morrer é beneficência celestial, não há aí outra por amor da qual os desamparados devam pôr as mãos

agradecidas. Os que não blasfemam, chegados tão abaixo, são anjos.

Perdoem-me as pessoas muito espirituais, se eu creio enganadamente que a santificação começa na hora em que o padecer amordaça a oração nos lábios, e da tempestade interna já nem sequer relampeja esperança do Céu, nem revérbero das fogueiras inconsumptíveis do Inferno.

CAPÍTULO XVIII

O QUE FEZ A IGNORÂNCIA DO ESTILO FIGURADO

Perdida a esperança de averiguar o destino de Ricardina, enviou Norberto sua mãe à raia de Espanha a uma terra chamada Espejo, onde Bernardo Moniz pactuara esperar-lhe o filho. O itinerário e instruções da mensageira eram procurar Paulo de Campos, que assim se nomeara desde Almeida o estudante, e dizer-lhe que D. Ricardina fora remetida a um convento por enquanto ignorado de Norberto; mas que tão depressa lhe descobrisse a paragem assim iria buscá-la, se ela quisesse sair. Acrescentou a velha, de aviso do filho, que o Sr. Dr. Padre Moniz estivera por um nada a ser preso pela tropa de Viseu por causa da morte dos lentes. Por último, levava-lhe a notícia de ter passado deste mundo o Sr. Silvestre, três dias depois que soube da morte dos dois filhos e do perdimento da sua casa com tudo o que tinha lá dentro.

Bernardo Moniz ouviu, em pé, de braços encruzados, estas notícias ensartadas umas nas outras à competência de aniquiladoras. Ouviu e... viveu. Parece que as diferentes lanças se empeciam, porfiando cada qual a primazia de lhe varar de um golpe o coração. O expatriado tirou de um cinto de anta algumas peças, e mandou-as pela velha ao filho, com ordem de despender o necessário com a fuga de Ricardina, se porventura lhe descobrisse a paragem. Frustravam-se a Norberto quantos expedientes lhe sugeria o zelo e desesperação de aventar o convento em que Ricardina fora internada.

A torva misantropia do abade não dava ansa a perguntas. Donde procedia ao sanguinolento clérigo a tristeza, é mistério. Abismos de certas almas são inescrutáveis. Onde não coa a luz do céu é tudo trevas a entendimento de homem. Se o exulceravam as serpes do remorso, ou o queimavam sedes de vingança maior, são teses que demandariam interrogá-lo a ele. Ninguém ousava. Norberto, se alguma vez aventurava palavras vagas, respeito às ruínas do palácio quer perguntando se ainda ninguém mexera no entulho, quer indagando quem tomaria

posse dos bens dos Monizes, não vingara tirar-lhe resposta animadora de outras perguntas. Um dia porém, o Calvo arrojou-se a cortar direito através de medos e respeitos perguntando ao abade:

— Que será feito da fidalga?

— Que fidalga?

— Da Sr.ª D. Ricardina?

— Essa mulher morreu! Não me fales mais nela se queres continuar nesta casa.

— Morreu! — exclamou Norberto pondo as mãos.

O padre voltou lhe as costas.

O rústico não entendeu o figurado da resposta, e percebeu que D. Ricardina realmente era falecida. Escondeu-se a chorar; mas o ódio ao abade sobrepujava os sentimentos ternos. A índole, naquela hora, propendia-o mais ao sangue do que às lágrimas. Afogueou-lhe por momentos a cabeça o pensamento de vingar Ricardina, cortando os fios da vida ao implacável algoz de tantas pessoas; mas desse crime

inútil o salvou a lembrança de Bernardo Moniz, que o esperava em Espanha. No mesmo dia, despediu-se do amo.

— Porque te vais da minha casa? — inquiriu o abade.

— Porque não quero servir mais Vossa Senhoria — respondeu secamente Norberto.

— Um criado que me serviu vinte e seis anos pode deixar-me!.

— Perdoará, Sr. Abade; não tenho remédio senão sair.

— Faze o que quiseres. Criados não faltam.

— Bem sei, Sr. Abade.

— Pois se sabes, rua!

— Já cá vou — disse o Calvo, saindo.

Passou por casa da sua mãe, abraçou-a, deu-lhe metade das suas soldadas, e partiu para Espanha. Chegado a Espejo, soube que Paulo de Campos saíra para Oviedo, e deixara secreto recado para ser lá procurado. O aparecimento de espiões portugueses nas fronteiras de Espanha motivara o internar-se nas Astúrias o estudante, deixando o aviso do

seu destino a um espanhol liberal que o julgava emigrado político.

Em Oviedo o encontrou Norberto dirigido pelas informações do espanhol, a cujos parentes Bernardo fora recomendado.

— Ricardina?! Vens sem ela, meu amigo?! — exclamou o foragido.

Norberto encarou-o com a cabeça altiva, e disse vigorosamente:

— Vossa Senhoria é homem?

— Se sou homem! Porque me fazes semelhante pergunta?

— Tem ânimo?

— Tenho!... Que vais dizer-me?

— Olhe lá! Eu gosto de um homem, que este, ainda que todos os diabos do Inferno se levantem contra ele, não dê de si! Nas ocasiões é que se mostra quem vai coa cara para diante, e não há nada que o faça ir a terra!

— Conta comigo para tudo, Norberto! — disse Bernardo entusiasticamente, persuadido da precisão de algum arriscado arrojo a fim de tirar Ricardina das presas do pai. — É necessário voltar a Portugal?

— Deus nos guarde disso! — atalhou o Calvo. — Se o lá pilhassem, enforcavam-no!

— Então que é?

— Que é, Sr. Doutor? É que a Sr.ª D. Ricardina...

— Que é?

— Morreu.

— Quê? — bradou Bernardo apertando as fontes com as mãos convulsivas, e oscilando nas pernas, que fraquejavam gradualmente, a ponto de vergarem.

Norberto cresceu para ele, apertou-o pela cintura, e, amparando-o na queda, exclamou:

— Então que homem é o senhor? Tem ânimo ou não tem? Sr. Bernardo, pela alma do seu pai e do seu irmão, não seja fraco! Eu vim aqui para estar com vossa senhoria nesta ocasião, e olhe que nunca mais o deixo. Hei de ir com

o meu amigo para toda a parte. A minha pobre ama morreu; mas cá fica o senhor para eu lhe dar toda a minha vida e coração. Sr. Doutor!... então!... Volte a si, e seja forte; que não há remédio senão ter paciência!

Bernardo Moniz não o ouvia. O Calvo, conquanto lhe visse os olhos muito abertos, e sentisse o arquejante respirar de vaporação ardente, apalpava-lhe o coração, receando não lhe ouvir os latejos.

— Se me ele morre nos braços!... — dizia entre si o aflito amigo de Ricardina, debulhado em lágrimas.

CAPÍTULO XIX

TÁBUA DE SALVAÇÃO

O procurador dos Pimenteis, em Lisboa, recebeu a nova da remessa de uma menina, e o pedido de hospedá-la na sua casa enquanto o seu capelão lhe preparava mosteiro ou recolhimento. Ricardina chegou depois da notícia. Receberam-na as senhoras da casa afavelmente, conduziram-na ao seu quarto, e, por delicadeza, deixaram-na sozinha assim que a viram em dolorosa luta consigo mesma para reter e ocultar as lágrimas.

O capelão confiou ao hóspede a tragédia da filha do abade; porém, rápido na história e austero nas observações que lhe embrechava, pusera o objectivo em desviar de Ricardina a piedade das senhoras, porque não sucedesse a comiseração estorvar a entrada no recolhimento. Não obstante o extremado infortúnio dela, sem amiserar-se com implorativos queixumes, careou a indulgência, e mais que tudo a calorosa simpatia de uma brasileira, que viuvara em

Lisboa, e frequentava a casa do solicitador, seu agente na liquidação dos bens. Era D. Ifigénia senhora já de 50 anos, triste, e sempre remordida mais de remorsos que de saudades de uma filha única, morta de desgosto em seguimento de um noivado a que fora compelida pelo pai. A pungente dor da mãe era não ter querido proteger a filha, quando ela suplicava o seu auxílio. De aqui porventura, procedeu o inclinar-se benigna às desgraças de Ricardina, e o desculpá-la quando a rígida esposa do procurador, diante das suas filhas, e a ocultas da hóspede, encarecia a criminalidade e as funestas saídas da desobediência aos pais.

Insinuou-se a viúva no ânimo de Ricardina, tão carecida de coração caridoso que, sobre perdoar-lhe, chorasse com ela. Passavam horas uma com outra, e disso comprazia-se grandemente a dona da casa. Era a melhor maneira de trazer as filhas donzelas arredadas da hóspede suspeita de peste contagiosa. As lágrimas das pecadoras, sem exceção das contritas, são peste. Ricardina contou sua vida à brasileira. Quando não podia falar, soluçava. Era então que ela sentia o calor de outro coração, e ouvia as palavras

"desgraçada menina!”. Não há aí maior nem mais rara consolação que mulher criminosa e sem família encontrar alma estranha que a console!

Recolheu-se, uma tarde, o capelão e disse-lhe:

— Sr.ª D. Ricardina, consegui a sua entrada no Recolhimento de S. Cristóvão.

— Não vou — respondeu a senhora.

— Não vai?!

— Não.

— Então que há de ser de si?

— O que Deus quiser. A minha irmã que me desampare... Eu não lhe pedi nada. Expulsaram-me... obedeci.

— Mas a senhora está sem amparo de alguém.

— Paciência. A morte é amparo... — disse Ricardina.

O capelão noticiou a Luís Pimentel a rebeldia da sua cunhada. Reuniu-se a família, tirante Eugénia, cuja tristeza e compaixão da irmã despraziam ao sogro. Deliberaram

avisar o abade, menos por deferência que por medo. O padre Leonardo Botelho de Queirós respondeu que não conhecia a pessoa de quem lhe falavam; que tivera duas filhas; mas que ambas eram já mortas e esquecidas.

Os Pimenteis não replicaram. Investiram o seu capelão de autoridade para abrir mão do negócio do recolhimento e dizer à Sr.ª D. Ricardina que continuasse a dispor da sua vontade própria; que eles declinavam sobre ela a responsabilidade das consequências. Assim lho transmitiu fielmente o capelão, juntando da sua lavra um malogrado discurso sobre a contumácia do vício, e uma não menos gorada declamação profética das supervenientes desgraças da perdida senhora.

O profeta fez sorrir uma das testemunhas do seu zelo: era a viúva brasileira.

— A senhora ri-se? — exclamou o clérigo, pasmado do descoco.

D. Ifigénia aconchegou do peito Ricardina, e disse ao padre:

— Adoto esta infeliz pela minha filha. Poderá cair em grandes desgraças; mas decerto não há de lá ir pelos

abismos que o Sr. Padre profetiza.

Em Junho de 1828 saíram para o Rio de Janeiro D. Ifigénia e Ricardina Pimentel. Naquele tempo, já a filha adotiva da caridosa viúva escondia da família hospedeira os sinais infalíveis do seu delito. Da sua amiga não lhe dizia o pejo que os escondesse. Confessara-se-lhe aquela alma, hora por hora, da sua vida. Se a honestidade sofria quebra no conceito da confidente, a misericórdia aumentava. Pelo que, a viúva deu-se pressa em sair de Lisboa, deixando ainda em litígio o mais valioso da sua herança.

Em Setembro daquele ano, Ricardina aligara à sua a existência de um anjo. Tinha um filho, ao qual a viúva, sua madrinha, nomeou Alexandre. A criancinha viera ao mundo entre dois amores que se davam as mãos para o acalentarem. Era belo e mavioso ver a mãe ajoelhada com ele para o depor no regaço da viúva, que o estremecia. Ricardina julgava que a alma da sua mãe pedira a Deus a inspiração de caridade extremosa que santificara o coração da sua benfeitora.

CAPÍTULO XX

OBRAS DO TEMPO

Agora, leitores, no dobar de quinze anos, vejam de um relance de olhos a situação dos personagens desta narrativa. O abade de Espinho, em 1832, era dedo num dos mais pingues cabidos de Portugal. Solicitava então uma mitra no ultramar, com bons auspícios de lhe ser dada. Constou que a nomeação estava caminho de Roma, quando, vencida a causa do infante, o deão de *** emigrou para Roma, esporeado pelo receio da retaliação de algum dos dois Monizes, vindos para o Porto na expedição da Terceira. Viveu regalado e gordo até 1840, em Roma, onde morreu aos 55 anos de idade. Por descuido dos fantasmas que costumam atormentar os pecadores nas derradeiras vascas, o ex-deão Leonardo Botelho de Queirós morreu, pouco mais ou menos, como um justo, consentindo que o confessassem e ungissem. Legou os seus sacos de ouro e prata aos expatriados que lhe assistiram na doença. A nenhum

cabedal, que ele fazia da sua alma, infere-se da sovinaria do testamento quanto a sufrágios. Ali, no seio e na cabeça do catolicismo, nem sequer mandou que lhe rezassem duas missas, nem uma! E morreu sem visões de larvas que o houvesse naquele leito! Quer-me parecer que os fantasmas têm medo de certos moribundos.

Eugénia Pimentel, desoprimida do sogro, saboreava-se em delícias maternais, educando sua filha Matilde, galante menina de 14 anos que já estava prometida a um titular da Beira.

Bernardo Moniz vivia em Luanda, advogado com grandes créditos e medianos lucros, conhecido pelo Dr. Paulo de Campos. Nunca se desfez do pseudónimo, porque os legítimos nome e apelido soavam repugnantes aos ouvidos dos mesmos liberais que tacitamente aprovavam a justiça infligida aos dez cobardes assassinos dos lentes. Quando Bernardo Moniz sondou o ânimo das primeiras autoridades liberais chegadas à África, relembrando-lhe o desatino dos académicos de 1828, viu que a restauração da liberdade não indultara a memória dos enforcados, que uma cegueira juvenil pervertera.

Perguntando a um delegado, que devia ter sido seu contemporâneo, o destino que tiveram os cúmplices dos justiçados, ouviu proferir o seu nome com desprezo.

— E que é feito desse homem? — perguntou o advogado de Luanda.

— Mataram-no por causa de um rapto. O tal Moniz abrangia os crimes às gabelas!

— E uns irmãos que frequentavam a Universidade com ele?

— Estavam inculpados na morte dos lentes; mas um que era médico morreu a tiro; o outro emigrou, e pareceu-me ouvir dizer que militara no cerco do Porto, e morrera nas linhas de Lisboa.

Norberto Calvo negociava em comestíveis, e ganhava para si que farte, e para o seu amigo quando os salários da advocacia escasseavam às primeiras necessidades. Além disto, era sargento quartel-mestre da força do presídio, honras que lhe preparara Bernardo ensinando-o a ler e escrever.

Ricardina, no decurso de quinze anos, tinha perdido a sua mãe adotiva, de quem herdara os poucos bens que restavam a D. Ifigénia, defraudada pelo seu procurador em Lisboa e por algumas quebras comerciais do Rio. O espólio da defunta orçaria por três contos de réis. Aos 33 anos, D. Ricardina Pimentel, formosura inquebrantável a golpes de paixões tantas e tão variadas, esteve a pique de morrer de enfermidade do coração. Os médicos mandaram-na para a pátria, condicionando-lhe a morte, se permanecesse no Brasil. Estava ela então em S. Paulo com o filho, que começava o curso de Jurisprudência. Levantou de ali para Portugal, no propósito de assentar a sua residência em Coimbra por amor da formatura de Alexandre Pimentel. Corria o ano de 1844, quando o filho de Bernardo Moniz se matriculou no 1º Jurídico.

Uma tarde pediu-lhe sua mãe que a levasse a passear com ele. Ao passarem na Sofia, D. Ricardina ia olhando atentamente para as portas e janelas do lado ocidental da rua. Deteve-se enlevada numa casa onde ela pernoitara dezasseis anos antes.

— Seria esta? — dizia ela entre si.

E contemplava uma janela que lhe parecia ter sido a de Bernardo, combinando reminiscências erradas talvez, ou exatas por casualidade.

— Que está a mãe a ver? — perguntou Alexandre.

— Nada, filho.

— Nada? Mas os seus olhos choram.

— É da impressão do vento.

E foi caminhando. Alexandre acreditou-a. Que tinham que ver as janelas daquela casa com as lágrimas da sua mãe? E aqui vem de molde avisar o leitor de que Alexandre da sua linhagem sabia o que a sua mãe lhe dissera com perdoável inexatidão: Que era filho de um provinciano já falecido quando ele nascera. que o seu pai se apelidava Pimentel. que a sua madrinha socorrera a indigência da mãe. Ricardina contaria sem pejo os seus desventurados amores a estranhos; mas ao filho não pudera. Há o que quer que seja sacratíssimo no vínculo da alma maternal à pureza de ouvidos e coração de filho. A inocência da criança incute mais pudor e medo no seio da mãe que o escárnio insultador da sociedade. A mulher delinquente mostra a

descoberto em pleno mundo os estigmas do rosto, e forceja por escondê-los dos olhos dos seus filhos. Além de que, Ricardina sabia que inexorável vilipêndio denegria a memória de Bernardo Moniz. O inocente menino teria de tragar iniquíssimos afrontamentos se fosse conhecido como filho do assassino, que devia à fuga o ter-se desviado do caminho da forca.

Estas seriam as duas causas que lhe represaram as expansões, quando ela ia ceder ao ímpeto de contar sua vida ao filho, para, a toda a hora, lhe poder falar no pai.

— Não há em Portugal parentes seus ou do meu pai? — perguntava Alexandre.

— Nenhuns. Morreram todos, meu filho.

Um dia, entraram para o gabinete de estudo de Alexandre dois condiscípulos. Ricardina costurava na sala imediata, e ouviu falar de Viseu. Levantou-se e foi de mansinho escutar. Falavam de namoros e conquistas inocentes, conquistas de cartas, de ramalhetes do último baile, de trancelins de cabelo. Um dos dois visitantes, que figurava 17 anos, contava entre guinadas de riso desdenhoso a sua

desventura, com uma Matilde, filha do morgado da Reboliça.

— Se vocês vissem o cavaco que ela me deu no baile do António de Albuquerque! — referia ele. — Hei de mostrar-te, Alexandre, uma luva que ela me deixou apanhar no pátio. Oh! que beijos eu dei na luva! Trouxe-a sobre o coração um mês, e todas as manhãs beijava a ditosa pele de carneiro que roçara o cetim daquela mão que afinal... me espremeu a alma até fazer espumar o suco da última crença.

— Mas que te fez ela afinal? — perguntou Alexandre.

— Que me fez? Pergunta aqui ao Osório o que ela me fez.

— Casou com um visconde — disse Osório — , mas foi constrangida. Obrigou-a o pai, porque este casamento estava pactuado há cinco anos. A rapariga não queria, a mãe era pela filha, guerreavam-se em casa as duas potências, até que o pai venceu, levando a filha a sopapos para os braços do visconde, que tem 50 anos e muito dinheiro. A pobre menina não tem culpa. Que querias tu

que ela fizesse? Que fugisse de casa para ti? Fosses lá ver como o pai a tinha a sete chaves no quarto da torre. Disse ele ao meu tio que lá naquela casa havia fado mau para as mulheres, e contou histórias antigas que davam romances.

D. Ricardina arquejava com o ouvido aposto ao espelho da fechadura. A conversa estendeu-se até horas de estudo, sem deslizar da gravidade do assunto. Os dois beirões falaram sempre. Alexandre, que não tinha casos concernentes ao intuito da palestra, escutava-os mais impaciente que distraído.

Assim que saíram, Alexandre disse a sua mãe:

— Tomara eu que estes rapazes me deixassem! Tiram-me o tempo sem me entreterem. Eles estudam como ricos, e eu devo estudar como pobre. Quando se formarem, lá têm as suas casas; e eu hei de ir buscar vida como quem não tem outros recursos.

— Deus te abençoe, meu filho! — disse Ricardina afagando-lhe os longos cabelos negros que lhe ondeavam, consoante a moda, sobre os ombros. — Estuda, estuda; mas não me adoeças. Ainda temos um conto e trezentos mil réis

em dinheiro para a tua formatura. Depois, irás advogar, que é um bonito modo de vida, ou pedirás um emprego... Que te contaram os teus amigos? — perguntou a mãe, adoçando a voz com um sorriso.

— Coisas lá de uma menina, que deu a luva a um deles, e casou depois com um visconde. Ora veja, minha mãe, que histórias! Que me importa a mim que a Sr.ª D. Matilde desse as luvas, e casasse com um visconde velho?

D. Ricardina falsificou em sorriso a tristeza com que escutava seu filho, o primo daquela Matilde que não lhe importava.

— Mal sabes tu!... — dizia ela de si consigo. — E há de ir até fim da vida este anjo sem conhecer seus parentes!

Não há para que nos demoremos em particularidades no decorrer dos cinco anos do estudante em Coimbra. Uma tão-somente sobreveio a enlutar o coração abafado, sem respiráculo por onde saíssem lágrimas a pedir consolações do filho. Pensava Ricardina que a sua irmã Eugénia, se soubesse que ela vivia, lhe não poderia negar afeto de irmã. Pensava em diversos modos de fazer-lho saber; mas todos

eles desfechavam na penosa necessidade de romper o segredo da sua vida passada. Esclarecê-lo era fomentar-lhe dores e vergonhas não sabidas, sem compensação de mínimas vantagens.

Cursava Alexandre o 4º ano, quando o condiscípulo de Viseu lhe contou que a mãe da viscondessa morrera de saudades de Matilde, porque o visconde a levara para Lisboa, dizendo que a filha do famigerado abade de Espinho não podia ser boa mãe.

— Mas quem era esse abade de Espinho?! — perguntou Alexandre. — Tu contas-me essas tragédias como se eu fosse lá da tua romântica Beira, que me parece uma Calábria!

— O abade de Espinho — explicou Osório — era um salteador famoso, um incendiário cruelíssimo, um assassino professo, que morreu em Roma, para onde emigrou antes que o espostejassem os liberais. Este abade era, enfim, o avô da viscondessa. Já entendes?

— Entendo. Contam-se tais maravilhas da tua província, que Frederico Soulié, se lá viesse, havia de pensar que Os

Dois Cadáveres são um idílio bom para despertar nas raparigas o amor às boninas do monte!

D. Ricardina, que escutara o diálogo, enxugou as lágrimas assim que ouviu os passos do filho.

— A mãe chorava?! — notou Alexandre, remirando-lhe os olhos mal enxutos.

— Chorei, Alexandre... Ouvi lá dentro o teu amigo contar-te que morreu de saudades da sua filha uma pobre mãe... Só compreende bem essa mortal angústia quem for mãe como eu!

— Ah! A mãe escuta o que se diz no meu quarto? — volveu o jovem sorrindo. — Então já sabe também que eu tenho os meus namoros...

— Os teus livrinhos, meu filho.

— Não terei eu coração, ó mãe? — perguntou Alexandre, sorrindo ainda com a mão no peito.

— Se tens, meu amor! Tinhas, se a tua mãe to não roubasse... Sabe Deus quanto me custa ver que foges de mim para os livros... — respondeu ela graciosamente,

beliscando-lhe o pavilhão da orelha. — Olha, meu Alexandre, as tuas cartas de amores são os diplomas dos teus prémios. Revê-te neles...

— De que serve isto? — disse ele, apontando para quatro painéis em que a mãe lhe moldurara os brasões literários.

— De que serve?... Que pergunta, filho!

— A mãe verá que tudo isso presta menos que quatro cartas de namoro, escritas por quatro senhoras namoradas a quatro deputados namoradores.

— Não gracejes, Alexandre! O Governo, assim que vir os teus prémios, coloca-te num bom emprego.

— Para lá vamos...

CAPÍTULO XXI

VANTAGENS DE CINCO PRÉMIOS

Para lá vamos, disse Alexandre Pimentel.

Foram. O bacharel formado requereu uma delegacia, documentando a petição com as cinco certidões dos seus prémios. Esperado — respondeu o ministro da Justiça. Requereu um lugar subalterno na Secretaria do Reino. Esperado — respondeu o ministro do Reino. Requereu pela Marinha a diretoria de uma alfândega no ultramar; requereu por todas as repartições, desde auditor até escrivão de direito. Esperado: era o escarro que expectoravam os ministros nos diplomas de Alexandre Pimentel.

D. Ricardina estava pobre. Moravam num quarto andar da Rua dos Calafates. O casaco de Alexandre mostrava as coçadas costuras. A senhora não ia à missa à míngua de sapatos. O filho, beijando as lágrimas da mãe, dizia-lhe:

— E os meus prémios?... Se o pergaminho tivesse mais consistência, fazíamos sapatos dos diplomas, minha mãe... Não chore, não chore, que eu amanhã começo a ganhar um cruzado.

— Em quê, meu filho? — acudiu a mãe.

— Vou ser revisor e tradutor num jornal político. É trabalho de noite. Depois, assim que puder vestir-me, vou praticar advocacia; e, assim que souber vender conselhos e tirar ladrões e assassinos das garras da Justiça, a minha posição e a sua melhoram.

Assim aconteceu, quanto à primeira parte do seu programa. De tradutor e revisor, ao fim de quinze dias, afidalgou-se com o foro grande do artigo de fundo. Rebateu a política do Governo, num ponto controvertido de direito prático, obtida prévia licença do redator-em-chefe. Os seus artigos, remunerados pela admiração geral, e vitoriados pelo silêncio dos contendores, fizeram o prodígio de lhe erguer o estipêndio a novecentos e sessenta réis diários!

Alexandre, entregando a sua mãe as primeiras seis moedas, das quais deviam duas na tenda e duas no empenho de

alguns cobertores, exclamou:

— Abençoados diplomas! Neste país só é pobre quem não teve cinco prémios na Universidade!

D. Ricardina chorava porque os olhos do filho reluziam envidraçados de lágrimas. Ao segundo mês, Alexandre vestiu-se na Rua dos Algibebes, e obteve advogado famoso que o admitisse à prática. Frequentou o escritório assiduamente três semanas, e não voltou.

— Porque não vais, filho? — perguntou D. Ricardina.

— É vida que me não serve, minha mãe. A moeda que se bate no balcão dos curadores da Justiça queimar-me-ia os dedos. A minha ambição fica muito aquém da infâmia que entesta com a mediania. Imaginemos que seis moedas mensais são a riqueza de uma consciência sossegada. Vivamos assim... Ando agora a pensar em escrever livros. O pior é que não tenho uns que me era necessário ler... Começo amanhã a ir estudar na Biblioteca, onde se lê de graça.

— Mas que livro vais tu escrever, filho?

— Eu sei cá! A história universal do mundo, e de outras partes mais.

— Isso é graça, Alexandre!

— É desgraça, minha mãe!

Começou o bacharel a folhear livros enormes na Biblioteca e a respigar apontamentos para um livro que devia intitular-se: Legislação da Península Hispânica. Um seu condiscípulo, a quem ele comunicou o intento, avincou o nariz profético e disse:

— Ninguém te compra isso.

— Não?

— Palavra que não!... Sabes fazer novelas?...

— Eu sei cá!... Novelas!

— Se não sabes, traduz do francês. Era empresa de dar dinheiro uma tradução barata das obras completas de Paul de Kock, em voluminhos de oito vinténs. Pode ser que eu te arranje editor aí a quatro moedas o volume, se não puderes publicar pela tua conta.

— Obrigado! — disse Alexandre — não me despeço do favor.

Sem embargo, continuou a coligir subsídios para a Legislação da Península Hispânica, e a escrever artigos que os acionistas da gazeta começavam a classificar de maçadores razão de muito recheados de erudição e borbulhas em latim que comiam na paciência de quem lia. Avisaram-no os colegas.

Alexandre lembrou-se de que tinha mãe. Aceitou a correção, e expurgou os seus artigos de latim, e de tudo que trescalasse à podridão da sabedoria. Deram-lhe os emboras pelo progresso, e aumentaram-lhe quatro mil e oitocentos réis à mensalidade.

— Minha mãe! — exclama ele — já sei como se vai ao Potosi, sem sair da Rua dos Calafates. À proporção que eu me for bestificando, aumentam-me o salário. Peça a Deus que me faça trevas na cabeça com a rapidez com que fez a luz. Ó malditos diplomas, que viestes provar que eu não era um parvo! Onde estaria eu agora, se esses cinco papéis não trouxessem estampada a minha incapacidade! Cada nova

prova de tolo que eu for dando rende-me oito vinténs por dia!

Começava-se a nomear o incógnito redator de certa gazeta. Grassava o boato de que ele era uma singular criatura que lia as obras dos historiógrafos de Espanha do século XI, em latim! Os que falavam piormente português chamavam-lhe excêntrica, talento aproveitável que se estava abastardando em leituras capazes de encruar o estômago de um ogre. Os seus contemporâneos filhos de Lisboa, tinham-se desviado dele; porque é lícito a todo o homem cortar as suas relações com pessoas mal enroupadas num casaco indicativo de precisar reforma. Não no faziam por mal: é costume de Lisboa, à competência com as usanças de toda a terra em que o pano coçado, se bate de chapa nos olhos, é mais oftálmico do que as flechas ardentes do Sol a pino.

Depois que ele saiu melhormente aforado do algibebe, e ganhou nomeada de estilista enérgico e polemista respeitável, os seus condiscípulos atravessavam do Marrare para em frente a saber da sua saúde.

— Vou bem — dizia ele.

— Olha que tens já um nome! — encarecia-lhe o alvitrista de Paul de Kock.

— Tenho já um nome?

— Tens.

— Ainda não é bem o nome que eu preciso. Há certos tolos encartados que me não deixam subir.

— Que ratão! Onde vais? À Biblioteca?

— Vou.

— Olha se estudas os olhos daquela viuvinha, e deixa os bacamartes... Aquilo é que é livro. Tem duzentos contos. Não a conheces?

— Eu conheço lá ninguém que tenha duzentos mil réis?

— Que ratão!... Aquela viúva é a viscondessa da Gandarela. É osso que traz cem cães à volta dela.

— E tu? És o número noventa e nove?

— Que ratão! Eu não lhe faço a corte.

— Ah! não? Querias por isso que os cães fossem cento e um para te distraíres, não é isso? Adeus... Cá vou ver a

viúva da matilha.

— Que ratão!

CAPÍTULO XXII

OS “DEZ-RÉIS” DA VISCONDESSA

Instigado pela curiosidade, Alexandre Pimentel levantou os olhos para o primeiro andar da viscondessa da Gandarela, na Rua de S. Francisco. A viúva assim que deu tino do olhar petulante do desconhecido, voltou o rosto de golpe com um sobrecenho entediado da ousadia.

O escritor entendeu que ultrajara os duzentos contos daquela senhora, e a si mesmo se foi repreendendo. Quando saiu da Biblioteca, viu a viscondessa na sacada ao mesmo tempo que uma mendiga, com um filho no braço esquerdo, e outro pela mão, e mais dois aconchegados do seu capote esfarrapado, pedia esmola à fidalga. A vinte passos de distância, viu Alexandre retrair-se da janela o formoso osso dos cem cães na linguagem apologética do seu conhecido.

— O enojo chegou a ódio — disse ele consigo, julgando que a viscondessa fugira da janela para não ser segunda vez insultada pelo olhar fixo de um pobre diabo.

Ao avizinhar-se, porém, viu-a reaparecer, atirar à pobre uma moeda de dez-réis, e recolher-se fechando as portadas. A moeda, remessada à toa, rolou pela rua, e foi bater e parar aos pés do escritor. Alexandre abaixou-se, apanhou-a levou a mão à algibeira, deixou ficar a moeda, e foi depor na mão do filhinho, que a pobre tinha ao colo, uma libra. A mendiga esbugalhou os olhos e exclamou:

— Que é isto, meu senhor?

— É a esmola que lhe atirou a Sr.ª Viscondessa da Gandarela.

— É impossível, meu senhor! — disse a pedinte. — A fidalga nunca me dá senão dez-réis!

Alexandre seguiu seu caminho, dizendo entre si:

— Quem tem duzentos contos dá de esmola dez-réis a uma pobre que é mãe de quatro filhos!

E orvalharam-se-lhe de consolativas lágrimas os olhos. A mendiga aproximou-se do portão, e perguntou a um criado de casaco de galões verdes se a fidalga lhe deitaria uma libra por engano.

— Uma libra! — disse o espantado guarda-portão.

— Espere você, que eu vou perguntar à Sr.ª Viscondessa.

— Um senhor que ia passando — explicou a mulher — foi que levantou a libra e ma veio dar, dizendo que era a esmola que a Sr.ª Viscondessa me atirara da janela.

A fidalga mandou dizer ao criado que não dera a libra, e que soubesse que história de libra era essa. Insistiu a mendiga nas explicações dadas, e retirou-se bem convencida da legítima posse da sua fortuna, deixando o deslindar do enredo a quem melhor competisse.

Era natural estimular-se a curiosidade da fidalga mal o porteiro lhe disse que um sujeito guardara os dez-réis e dera o soberano. Tinha sabor de romance uma coisa assim desusada e original nos fastos da caridade!

— Conheces o homem que apanhou os dez-réis? — perguntou a viscondessa da Gandarela ao criado.

— Conheço de vista, minha senhora. Eu ainda o vi levantar o dinheiro; mas quanto era não enxerguei.

— Seria pessoa das minhas relações?

— Nada, não, Sr.ª Viscondessa. É sujeito que eu nunca vi nesta casa, nem no tempo do Sr. Visconde que Deus haja. Ele anda mal arranjado de fato, e não me cheira a grande pessoa... Há mais de dois meses que ele passa por esta rua, duas vezes pelo menos.

— A que horas?

— Para o lado do convento passa todos os dias às onze, e para o Chiado aí pelas três, se vossa Excelência quiser, eu, assim que o lobrigar, mando recado à Sr.ª Viscondessa.

— Quero — terminou a viúva.

Ao mesmo tempo, Alexandre Pimentel dizia a D. Ricardina:

— Minha mãe, recebi esta manhã os trinta e seis mil réis de ordenado. Tenho aqui trinta e um mil e quinhentos, porque dei a cinco pobres uma libra. Era uma mulher com

quatro filhos, a quem uma grande e rica fidalga deu dez-réis... É verdade, tenho mais os dez-réis da fidalga, sobre a quantia dos trinta e um mil e quinhentos.

— Então quem é a generosa ricaça que prodigalizou tamanha parte da sua riqueza aos cinco pobres? — perguntou D. Ricardina sorrindo.

— É a Sr.ª Viscondessa da Gandarela, que a minha mãe não conhece nem eu, senão de saber que são cem os pretendentes a renovar-lhe as delícias do casamento. É uma divindade que pôs os seus divinos dedos neste pedacinho de cobre safado — continuou ele, fazendo regirar a moeda sobre a mesa. — Veja como é a caridade dos ricos... e das ricas... o que mais espanta!

— Pois, filho... é assim, é!... Dá tudo o que tiveres na vontade, porque as esmolas têm bênção do Céu. Parece que Deus restitui o que a gente dá aos seus filhos pobrezinhos.

No dia seguinte, às onze horas, o guarda-portão fez sinal. A viscondessa assomou na janela, e, cravando os olhos no desconhecido, lembrou-se de o ter visto no dia antecedente a encará-la com insolente fixidez. Notou, ainda, que ele ia

passando, sem levantar a vista da calçada. Examinou-o fitamente pelas costas, e conveio na observação do criado: que não cheirava a grande pessoa. Isto não obstante, quis saber quem fosse a criatura singular que deu quatro mil e quinhentos pelos seus dez-réis. No caprichoso intento, ordenou ao criado que indagasse.

Às três horas, a viscondessa estava na janela. Acertara de passar o incógnito com um seu condiscípulo, conhecido da viúva. O cavalheiro lisbonense cortejou a ilustre dama; Alexandre tocou levemente na aba do chapéu, ladeando ligeiramente os olhos para a senhora cortejada.

— Hás de ir hoje procurar — disse a viúva ao criado — o Sr. Mesquita, e pedir-lhe que entre na minha casa, quando passar.

O bacharel Mesquita passou imediatamente e fez-se anunciar à Sr.ª Viscondessa.

— Não se ria da minha curiosidade, Sr. Mesquita... — começou a viúva, referindo a singular passagem que lhe espertara vivo desejo de saber quem era o homem que passara com ele.

— É o redator do jornal *** Foi meu condiscípulo. Chama-se Alexandre Pimentel. É pobre. Nasceu no Brasil. Vivia com a mãe em Coimbra. É talento de primeira ordem. Passa as manhãs na Biblioteca a parafusar numa obra que há de escrever, quando tiver recursos com que a possa publicar. Não sei dizer a Vossa Excelência onde mora. Creio, porém, que deve ser em casa menos de modesta; porque em Coimbra tinha muitos amigos que ele convidava para sua casa; e sei que em Lisboa não convida nenhum. Requereu vários lugares, que lhe não deram; porque Alexandre Pimentel é um celestial doido que não quis nunca pedir nem receber cartas de proteção para os ministros. Dizia ele que a sua vida sem mácula e cinco prémios sem favor no curso dos seus estudos eram ou deviam ser a máxima habilitação. Antes de fazer-se revisor e tradutor, dizem-me que chegou a trazer as botas rotas. Agora, vive regularmente do seu estipêndio de jornalista. Não advoga, porque diz ele que o advogado é um mercenário de ladrões poderosos; e que, se o não for, apenas encontrará pobre que lhe procure o seu patronato. Não posso dar outros esclarecimentos a Vossa Excelência.

— Mas dá-me a sua palavra de cavalheiro que não há de revelar ao seu condiscípulo esta minha curiosidade?

— Oh! Sr.ª Viscondessa, minha senhora!... Vossa Excelência imagine que conversou comigo sonhando. Nem sombra de revelação a tal respeito.

À volta de quinze dias, o bacharel Alexandre Pimentel recebeu aviso do Ministério dá Justiça que a sua Majestade houvera por bem despachá-lo delegado do procurador régio da comarca de ***. Maravilharam-se ele e os seus amigos! O boato corrente era que o Governo, assoberbado pela gazeta oposicionista, amordaçava daquele modo o grave, e por isso mesmo, formidável escritor.

Os correligionários do articulista fizeram-lhe saber as atoardas circulantes a respeito da sua apostasia. Alexandre Pimentel, surdo aos clamores da sua mãe, demitiu-se. O conselheiro Albuquerque procurou a viscondessa da Gandarela, e disse-lhe à puridade:

— O afilhado da vossa Excelência demitiu-se antes de tomar posse da delegacia. O ministro ficou chofrado, e perguntou-me se eu andava a dar forças à oposição,

abrindo oportunidades de se divulgar que o Governo comprava com delegacias os adversários políticos. Emudeci, por me ser defeso autorizar-me, no bom conceito do despachado, com o juízo da vossa Excelência. Colhi informações com o particular intento de averiguar se a opinião da vossa Excelência era exata. Com efeito, os próprios antagonistas de Alexandre me asseveraram que o rapaz entrara na ruim vida política forçado pela necessidade; e que se demitira da ótima colocação, compelido pelas picuinhas dos correligionários, que precisam dele, se antes lhe não invejaram o despacho. Como quer que seja, o jovem é digníssimo da proteção da vossa Excelência, e eu beijo as mãos à Sr.ª Viscondessa todas as vezes que for honrado com as suas ordens a favor de homens tão beneméritos.

CAPÍTULO XXIII

A RODA DA FORTUNA

A viscondessa tinha insónias. O seu espertar, se adormecia fatigada em devaneios, era sobressaltado. Aquele homem pálido, triste, trajado de escuro, absorvido no lavor de todos os dias, honrado pelos gabos de pessoas insuspeitas, acorrentado voluntariamente à galé política; aquele homem, sobretudo, que depusera nas mãos da criancinha maltrapida o seu pão de oito dias, que lhe queria a ela?! Que significação dera ao acto de liberalidade incoerente com a sua pobreza? Quis repreender-lhe a mesquinharia, ou possuir a esmola que partira das suas mãos? Eram estes os despertadores das suas noites desveladas, os quais, somados pelos que bem conhecem os algarismos do coração, davam a santa e infernal trivialidade do amor.

Se as virtudes, aliadas ao rosto insinuativo, justificavam o pendor da rica viúva para o jornalista, escusado é dizer que a viscondessa da Gandarela o amava como quem não tinha

amado ainda, no atravessar vinte anos tristes. Os seis da infância não lhe lembravam; os outros seis do colégio conventual recordava-os com amargura; três do pavor do marido que o seu pai lhe destinara; dois de casada, sem carícias alentadoras da mãe, afastada violentamente de si e morta de saudade; dois anos de viúva, a pensar incessantemente na ventura que tinha sonhado, se um dia fosse livre; e os dias e as noites sucediam-se e não lhe deixavam uma hora de grata memória.

A liberdade, pois, que montava para a sua felicidade? Esta interrogação acabou desde o momento em que ela, na ausência do conselheiro, seu agente no despacho de Alexandre, disse:

— Que admirável homem!

E via-o passar com a usual gravidade e suprema indiferença. Perguntava a viscondessa que razão tivera aquele homem para encará-la uma só vez. — É verdade que eu voltei a face com um gesto de impaciência — pensava ela — , mas quantos aí há de ilustre sangue que teimam em receber os desagrados com rosto de mártires e pensam elevar-se com abjeções? E, se acontecesse aquele homem

odiar-me ou desprezar-me? Pois um pobre que dá uma libra de esmola, e rejeita um lucrativo despacho por salvar a sua dignidade abocanhada, importa-lhe porventura que eu seja rica? Se ele me considerasse bela! Se eu o tivesse impressionado e ofendido com o desdém, quando ele olhava para mim, não é natural que reparasse em me ver constantemente na janela há quinze dias?!

E que pensava Alexandre Pimentel, vendo, se via, a viscondessa na janela? Umas vezes ia pensando nas leis dos Turdetanos escritas em verso, ou na distinção ainda incerta de procônsules e protutores. Outras vezes nos doze livros da Lex Wisigothorum, ou na coleção dos Cânones dos concílios. Alma regurgitada de sabenças tamanhas, apenas surgiria da sua modorra se a viscondessa caísse da janela à rua, ou desse dez-réis a cinco pobres. Aqui está. A indiferença do literato não mareava a incontestável beleza da fidalga. Era Afonso V de Ledo ou S. Martinho de Dume ou qualquer fantasma deste porte e tomo que o divertiam de pôr os olhos humildes no formoso osso dos cem cães.

A liberdade veste de asas a paixão e dá trela à ave daninha até onde ela se libra. A viscondessa perguntou ao Mesquita,

condiscípulo do escritor, se lhe descobria a residência de Alexandre.

— Hoje, se vossa Excelência não quer que seja já.

— Quando puder.

Mesquita foi à Biblioteca e disse ao espanejador do pó dos in-fólios:

— Tenho um livro para te mandar.

— Que é?

— Não lhe sei o título. Trata das leis que trouxeram à Lusitânia uns vândalos chamados silingos.

— As leis dos Silingos são fabulosas — respondeu o bacharel — porque esta tribo de vândalos seguiu a sorte das outras: dispersou-se por África, deixando aos Suevos a exclusiva glória de legisladores.

— Não sei lá disso... Queres o livro?

— Se te não serve de nada.

— Onde moras?

— Rua dos Calafates, nº 42, quarto andar. Não vás lá, que chegas acima com uma pulmonite. Se queres, eu mandarei a tua casa.

— Não. Lá mando.

Instantes depois, a viscondessa, colhida e agradecida a informação, dizia consigo:

— E agora? De que me serviu saber isto? Que hei de eu fazer? Tenho tantas amigas... Parece-me que as detesto, porque não sei de uma a quem possa dizer que amo este homem!

Ao outro dia, depois que o jornalista passou na Rua de S. Francisco, destrinçando bem pela raiz as diferenças entre curatio e jurisdictio, a viscondessa mandou ao quarto andar do nº 42, da Rua dos Calafates, uma carta assim sobrescritada: À mãe de Alexandre Pimentel.

D. Ricardina deslacrou a carta com sobressalto e leu: Deve ser uma santa a mãe de tão honrado filho. Se ela vive sozinha e carecida de uma amiga, consinta que se lhe ofereça um coração. Quem estas linhas escreve é ma uma mulher de 20 anos, viúva, sem passado que não seja um

recordar doloroso, e sem futuro que lhe ilumine a escuridade da sua vida. Às vezes pergunto a Deus porque me levou minha mãe, se me havia de dar uma alma tão estranha no meio deste mundo. Se eu a tivesse, iria ela procurar a mãe de Alexandre Pimentel, e diriam entre si as palavras santíssimas que elas somente sabem dizer, quando se comunicam as delícias de amarem seus filhos. Que eu possa um dia venerar uma virtuosa mãe e recordar-me do que perdi na minha, vendo a felicidade do filho a quem Deus a não tirou. — Matilde — Rua de S. Francisco, nº 6, Lisboa.

— Vê esta carta, Alexandre... — dizia D. Ricardina ao filho, na volta da Biblioteca.

— Uma carta! É a primeira que lhe vejo receber! Quem conhece minha mãe em Portugal?

Leu, refletiu e disse:

— Quer que lhe saiba quem é esta Matilde?

— Olha cá, meu filho, não te lembras, há seis anos, aquele teu condiscípulo de Viseu contar-te uma história de uma Matilde, que casou com um visconde?

— Lembra-me pouco mais ou menos dessa história; mas nem sei se era Matilde a mulher, nem encontro parentesco nenhum dessa viscondessa da Beira com esta Matilde que lhe escreve.

— Tens razão... — obtemperou a mãe — , tens razão; mas, outra coisa, meu filho, fala-me verdade... Não tens lembrança nenhuma... quero dizer... não terás alguma afeiçãozinha que possa explicar esta carta?

— Eu, minha mãe!... — disse ele cascalhando uma risada. — A minha vida bem a sabe. De dia, leio; de noite, escrevo e durmo. Ninguém conquista corações a lidar com a traça das livrarias dos frades. O deus do amor não ousa penetrar com os seus dardos o arnês das capas encoiradas dos livros que me defendem. Isto, a meu ver... realmente eu não sei o que isto é!... Quer minha mãe que eu vá indagar, não é assim?

— Pois vai logo, meu filho... Sabes tu! Bate-me o coração!...

— É visionária, minha mãe!... Está já a supor que alguma princesa chamada Matilde, e viúva, lhe vem pedir a

mão do seu filho!

— Não é isso!

— Pois que maior desgraça lhe palpita! Ainda mais que fazerem-me matrimonialmente príncipe?!... Se lhe parece, minha mãe, jantemos o nosso jantar plebeu e depois romantizaremos à sobremesa.

Instado pela sua mãe, Alexandre foi à Rua de S. Francisco, e passou olhando para os números das portas. A viscondessa reconheceu-o na revolta do Chiado, e escondeu-se incendida, febril de pejo, e doente das convulsões do seio.

O filho de Ricardina viu o nº 6, e recordou-se de ser ali a casa da fidalga que dera dez-réis para cinco pobres, e virara o rosto mal assombrado num certo dia. Na incerteza, porém, acercou-se do guarda-portão, que o recebera inclinado e de braços pendidos.

— Quem mora nesta casa? — perguntou.

— A Sr.ª Viscondessa da Gandarela.

— Como se chama esta senhora?

— A Sr.ª Viscondessa...

— Sim, como se chama?

— É a Sr.ª Viscondessa.

— O nome de batismo é que eu lhe pergunto.

— Ah!... parece-me que é D. Matilde.

Susteve-se enleado o interrogador, e prosseguiu:

— Donde é a Sr.ª Viscondessa?

— De ao pé de Viseu.

— Sabe dizer-me há quantos anos casou?

— Eu digo-lhe, Vossa Excelência... esta senhora está viúva há dois anos, e esteve casada não chegou a quatro anos.

Combinou as informações com a história relembrada pela sua mãe, e maravilhou-se da certeza casual com que ela conjeturara. Não o contentavam ainda as elucidações. Queria precisamente saber se daquela casa saíra a carta para sua mãe.

— Quem mora no segundo andar, faz favor de me dizer?

— É a Sr.ª Viscondessa. Tem o palacete todo, que era do Sr. Visconde que Deus haja.

— Não há aqui outra pessoa que se chame Matilde?

— Não, senhor.

— Obrigado — concluiu Alexandre, retirando-se.

Enquanto a fidalga interrogava o criado, obrigando-o a repetir as perguntas e respostas, o jornalista, obrigado aos trabalhos da redação, enviou desde o escritório uma carta a sua mãe, referindo-lhe o que passara com o criado da viscondessa da Gandarela. E concluía: A certeza de ter saído a carta daquela casa não a tenho, nem se me ofereceu bom propósito de me esclarecer. Afigura-se-me que me querem dar proporções heroicas de personagem de novela. Quem sabe se anda aqui zombaria de adversários políticos!... Note, minha mãe, que a viscondessa é o tal osso dos cem cães em que lhe falei, e a dadivosa mãe dos pobres, que se liberaliza em dois réis por cabeça. Apresso-me a dar-lhe esta notícia, porque tenho trabalho até às duas da manhã, e já hoje nos não veremos. Peço-lhe que se

deite e não me espere. Agora reparo que é esta a primeira carta que lhe escreve seu filho Alexandre.

D. Ricardina Pimentel leu em ânsias a carta do filho. Vestiu-se pobre e pressurosamente, fechou a porta, e pagou a um galego que lhe ensinasse a Rua de S. Francisco. Era ao entardecer. Entrou ao pátio. Surgiu à porta de um cubículo térreo o guarda-portão, que lhe disse mal encarado:

— A senhora que quer?

— Falar à Sr.ª Viscondessa.

— Está a jantar.

— Não importa. Vá dizer-lhe que está aqui a pessoa a quem ela hoje escreveu.

— Ah! — exclamou o criado com admirável transformação de laringe. — Faça favor de subir.

D. Ricardina ficou na sala de espera. Passados momentos, foi conduzida a outra sala onde dois criados acendiam as velas dos castiçais. A viscondessa entrou, rugindo com a longa cauda de seda.

CAPÍTULO XXIV

A NETA DO ABADE DE ESPINHO

Primeiro enleio da viscondessa: a mãe de Alexandre Pimentel era uma senhora ainda bela, sem impedimento de alguns cabelos alvejantes, não raros, aos 30 anos. Ricardina tinha 40. Era a formosura inflexível ao dilacerar da desgraça. A expectativa de Matilde figurava-lhe uma velhinha, carcomida da traça dos 70. Outra surpresa: a mãe do escritor, dado que trajasse vestido fora do uso e humilde no estofo, recebeu-a com ar tão senhoril e de primoroso trato que não se estremava das marquesas das suas relações.

— Foi uma indiscrição talvez o incómodo que lhe dei... — tartamudeou a fidalga, enquanto Ricardina a remirava de chapa, exprimindo o íntimo alvoroço. — Queira sentar-se; minha senhora, e peço-lhe que desculpe a minha turvação.

— Temos de nos desculpar uma à outra — disse Ricardina com a voz tremente. — Se alguma de nós deve estar comovida, sou eu.

Saltaram-lhe as lágrimas; porque Matilde era o retrato de Eugénia Pimentel.

— Porque chora, minha senhora? — acudiu a viscondessa, tomando-lhe as mãos enternecida.

— Conheci uma senhora que era o retrato de... de vossa Excelência — proferiu a custo Ricardina. — Fez-me muito vivas saudades, porque é já morta... Chamava-se Eugénia.

— Como? Eugénia!... A minha mãe também se chamava Eugénia.

— A minha amiga era a mãe da vossa Excelência — afirmou Ricardina.

— A senhora conheceu a minha mãe?! — disse Matilde.

— Como se conhece uma irmã. Fomos tão amigas... que se hoje nos encontrássemos apenas poderíamos conversar chorando.

— Mas onde conheceu minha mãe?! Ela nunca saiu da Beira!

— Bem sei, minha senhora. Saiu da abadia de Espinho, onde nasceu, para a casa dos Pimenteis da Reboliça, onde morreu.

— Jesus! Como sabe a senhora estas coisas?!... Pois Vossa Excelência não veio do Brasil com o seu filho?

— Sim, minha senhora.

— Então onde conheceu minha mãe?

— Na casa do seu pai e na do marido.

— Quando? Eu nunca a vi.

— Decerto nunca me viu. Vossa Excelência nasceu depois.

— Mas quem é, minha senhora! Pelo divino amor de Deus, tire-me depressa desta ansiedade.

— Eu preciso também sair dela... preciso abraçá-la preciso apertar ao seio a filha de... A minha irmã Eugénia.

E, dizendo, tirou-a para si com veemente impulso, e beijou-a sofregamente, exclamando:

— Matilde, eu sou sua tia Ricardina!

A viscondessa deixava-se abraçar, sem compreender as palavras, todavia claríssimas. Ouvira, porém, dizer Ricardina; e desde muito que a sua mãe, miúdas vezes, lhe contara que uma infeliz irmã, que tivera, tinha morrido no Brasil, porque nunca mais chegaram notícias dela.

Ricardina e Brasil foram reminiscências que lhe iluminaram a confusão e perplexidade do espírito. Estas combinações formou-as instantaneamente; e, bem que as expressões naturalmente lhe faltassem, o espasmo em que permanecia nos braços de Ricardina inculcava dúvida, ou talvez incredulidade. Como quer que fosse, aquele silêncio letárgico poderia a mãe de Alexandre, e, pior ainda, a fugitiva amante de Bernardo Moniz, interpretá-lo como antojo e desprazer de tal encontro. Ferida da injusta suspeita. D. Ricardina, súbito esfriada do calor impetuoso do júbilo ou da saudade, disse:

— Perdoe ao meu coração este desafogo. A Sr.ª Viscondessa não há de envergonhar-se de encontrar a irmã da sua mãe, a mulher condenada a não ter mais família que um filho.

Matilde, desapressada já do seu assombro, retomou para o seio a retraída senhora, e exclamou:

— É minha tia Ricardina? É? Alexandre é meu primo? Santo Deus! Desperte-me deste sonho... Diga-me que é a irmã da minha mãe, que tanto se lembrou no fim da vida da sua desgraçada Ricardina.

— Se o seu pai aqui estivesse...

— O meu pai? Diga-me o nome do meu pai... — atalhou a viscondessa.

A filha de Clementina sorriu da dúvida de Matilde, e disse:

— O seu pai era meu primo, Luís Pimentel.

— Ah! — clamou a viscondessa como esclarecida por outro raio de luz — seu filho é também Pimentel.

— Pois, se ele é meu filho... — disse com maviosas lágrimas Ricardina.

— Ó Virgem do Céu! que alegria! que medo eu tenho de estar delirando! — exclamava a viscondessa, pondo as mãos, comprimindo a cabeça, dando grandes passos no abafado tapete.

A irmã de Eugénia, de novo abraçada na sobrinha, dizia-lhe que Deus lhe reservara para tarde as compensações das grandes saudades, que a torturaram vinte e dois anos.

— Eu soube, há muito tempo, que a minha irmã vivia — prosseguiu a mãe de Alexandre — , sabia, e não pude dizer-lhe: “Minha irmã, não me procures, não me respondas; mas sabe que eu ainda vivo, e estou aqui tão perto de ti...”

— E porque não lho disse, minha tia?!

— Porquê?... Eu lho direi, quando for tempo...

— Diga-mo já — suplicou a sobrinha.

— Pois sim... digo-lhe somente o que é indispensável dizer-se... porque o pai do meu filho... morreu... morreu infamado...

Os soluços embargaram-lhe a voz.

— Não me conte essa desgraça, que a minha mãe tudo me contou — disse Matilde.

— Morreu infamado... — disse vigorosamente Ricardina — mas penou inocente; porque o pai do meu filho não matou os lentes. Não os matou, minha sobrinha, juro-lho pela vida do meu Alexandre; mas teria sido enforcado se o seu avô e o meu pai o não mandassem matar. Deus perdoe ao homem sanguinário!... E perdoai-me vós, Senhor, se já o julgastes no Vosso divino juízo... Morreu, tão amaldiçoado, que não pôde legar os seus apelidos ao filho, nem ele sabe, o meu pobre anjo, quem foi seu pai... Como havia de escrever eu a minha irmã, sem que o meu filho entrasse no conhecimento da sua misteriosa origem? Que desculpa lhe daria do meu silêncio? Como poderia eu dizer-lhe: “Sabe quem foi teu pai; mas não o digas; porque a sociedade te carregará com o desprezo que ainda pesa sobre a memória do teu pai.” Aqui tem, minha sobrinha, a razão porque não escrevi à minha irmã, que tanto chorou na última hora em que eu fui, tão desgraçadinha, tão morta de mil angústias, atirada ao desamparo; mas, meu Deus, porque me queixo?! Que santa me enviou o Senhor! Devo-lhe a formatura do

meu filho, que lhe nasceu nos braços... Se ela não fosse, quem descobriria a grande alma do meu filho e o talento que lhe dá a certeza do pão de cada dia!

Interrompeu-a a viscondessa, exclamando de golpe:

— Onde está meu primo?

— No escritório da redação do seu jornal.

— Vamos buscá-lo, minha tia? — disse ela radiosa de júbilo.

— Que surpresa, meu Deus! — disse a mãe com ansiosa alegria.

— Vamos? Como há de ser? Que lhe diz? Nós combinaremos.

E, carregando num botão de campainha, disse à sua criada de quarto que mandasse imediatamente pôr os cavalos à caleche. E, voltando para a tia, continuou:

— Já sabe que está na sua casa? Que não torna para a Rua dos Calafates? Que vou dar as ordens para se arranjarem os quartos? Olhe, o seu está pronto, que é o meu. Pelo menos enquanto não conversarmos quinze dias e

quinze noites, nem a deixo dormir, nem sair da minha câmara.

— Mas olhe, filha! — atalhou D. Ricardina — como hei de eu explicar ao meu Alexandre este encontro? Ele pergunta-me se eu ignorava que tinha uma irmã... Pergunta-me como pude eu mentir-lhe dizendo que era de Lisboa... Jesus!

— Não sei, não quero saber disso — contrariou a viúva. — Diga-lhe a verdade, e esconda-lhe o que somente for necessário... Não lhe diga o nome do pai pois não é assim?

— Não sabe, minha sobrinha, quanto é singular o carácter do meu filho... Perderei eu do seu amor por lhe ter mentido?

— Isso pode lá acontecer, tia Ricardina!... Estou doida — prosseguiu em desencadeadas ideias a viscondessa. — Estou doida!... A minha tia!... e ainda tão bonita!... Bem me dizia minha mãe: “Se tu visses tua tia Ricardina, verias a mulher mais formosa do mundo.” E depois de tantas amarguras, estar assim, que não representa mais de trinta anos!... Quantos tem meu primo?

— Vinte e dois, minha querida Matilde.

— Que prazer me deu agora! — exultou a viúva abraçando impetuosamente a tia. — Olhe que ainda me não tinha tratado por tu... Tem então meu primo Alexandre vinte e dois anos?

— Vinte e dois.

— E eu vinte, e mais dois meses. Veja lá, minha tia! E já viúva... Não lhe parece que tenho trinta anos?

— Não, criança!

— Imagina lá quanto eu tenho padecido desde que me sacrificaram... Estou rica; foi para isto que me casaram... Que aconteceu? Perdi a amizade do meu pai, porque fui eu a primeira a abominar o despotismo, a violência com que me repeliu de si. Depois...

— Está a caleche pronta — avisou a criada.

— Vamos, vamos! Ah!... espere.

E chamando a criada, juntou:

— Vai buscar o meu casaco de veludo preto para a minha tia, que está frio.

— Para quem, Sr.ª. Viscondessa?

— Para minha tia Ricardina, que é esta senhora... Depressa.

A viscondessa, em verdade, representava uma menina de 10 anos, sem poder sofrear os raptos da infantil alegria. Enquanto a criada não veio com o casaco, beijou a tia, quis levantá-la nos braços, anediou-lhe os cabelos, sentou-a no colo, aqueceu-lhe as mãos com o bafo, rebeijou-a nos olhos.

— A felicidade pode endoidecer as pessoas que resistiram à desgraça, minha tia? — perguntava ela descendo ao pátio onde as urcas escarvavam impacientes no lajedo.

— Onde é o escritório? — perguntou a viscondessa.

— Não sei... — disse a tia.

— Nós perguntaremos aí no Chiado.

Contava-se, ao outro dia, no Marrare, que a viscondessa da Gandarela enviara da portinhola da caleche um recado pelo trintanário ao jornalista Alexandre Pimentel, o qual saiu logo do escritório da redação, e, depois de uma curta

demora, voltou a sentar-se à banca, onde concluiu um artigo invectivando a autenticidade das cortes de Lamego. Este caso devia ser mediocremente reparável numa cidade em que enxameiam damas que melificam as bocas dos oradores parlamentares, e sugerem em cabeças rombas argutos Girardins.

Não lembrou a ninguém que a gentil viscondessa da Gandarela se bandeasse em tribo política inversa das ideias do jornalista, e se aventurasse, arriscando os créditos, a raptar por tão direta investida a inteligência mais poderosa da oposição. A crítica era mais verosímil. Dizia o predominante boato que o excêntrico Alexandre vingara enlouquecer a cabeça da viúva, levando-a à extremada afoiteza e desprimor de o ir, de noite, procurar no escritório do jornal. Era notável o espanto! Espanto que ainda é notável nos casos análogos e milésimos, não faltando quem a esses casos vai chamando sempre originais, embora os tenha às dezenas na sua freguesia, na sua rua, e não direi às dezenas na sua casa, porque seria exagerar: basta um ou dois para não desmentir a originalidade dos que sobrevierem.

Também o leitor se há de espantar, mas de outras maravilhas. O trintanário agaloado da viscondessa da Gandarela entrou no escritório, onde o jornalista compunha o artigo que o impressor ia levando a fragmentos para a oficina. Perguntou pelo Sr. Dr. Pimentel.

— Que quer? — perguntou Alexandre, sem ver a pessoa que o nomeara.

— Está ali fora a mãe da vossa Excelência, que o manda chamar.

Levantou-se de salto o jornalista, assustado da extraordinária saída da sua mãe a tal hora. Foi então que ele viu o lacaio.

— Quem acompanhou minha mãe? — perguntou ele saindo sem chapéu, e dando mínima atenção à natureza heráldica do portador.

Desceu precipitadamente ao pátio e viu as lanternas acesas de uma carruagem rente com a soleira da porta. Fixou a vista nos dois vultos mal iluminados e aproximou-se da portinhola, sem mais expressão que uns grandes olhos pasmados, e a mandíbula inferior um tanto descaída

naquele jeito estúpido de assombro que é pensão dos mais atilados e imperturbáveis de ânimo.

— Desconheces tua mãe em carruagem tão rica? — perguntou D. Ricardina. — Estás de tal modo aturdido, filho, que nem cumprimentas esta senhora!

Alexandre abaixou a cabeça, e murmurou:

— Desculpe-me Vossa Excelência... Eu...

A viscondessa ofereceu-lhe a mão, e murmurou:

— Entre primos são perdoáveis esses descuidos.

Alexandre não a percebeu, nem aceitou o oferecimento da mão, nem viu coisa que lhe fosse bem percetível senão que a sua mãe estava naquela carruagem com a viúva da Rua de S. Francisco.

— Alexandre! — admoestou a mãe. — Tu não vês tua prima que te oferece a mão?!

— Minha prima?! — disse o escritor. — Vossa Excelência não é a Sr.ª Viscondessa de...

— Sou Matilde Pimentel, sobrinha de D. Ricardina Pimentel, e prima de Alexandre. Peço-lhe, meu primo, o

favor de entrar nesta sege, e a sua mãe lhe desfará as dúvidas deste parentesco...

Alexandre apertou a mão da viscondessa, e, cobrando a quietação própria do seu natural, disse:

— Não posso obedecer já, minha senhora, porque tenho obrigações indeclináveis que me prendem por uma hora, mas amanhã irei pedir a Vossa Excelência que...

— Amanhã?! Hoje — atalhou Matilde. — A casa da minha tia Ricardina é na Rua de S. Francisco. Se quer que lhe mande buscar alguns livros ou papéis à Rua dos Calafates, diga-mo, meu primo; que a sua ida de aqui é para casa da sua mãe.

— Minha senhora — replicou Alexandre sorrindo — , eu creio que estou num perfeito estado de vigília; mas assim mesmo, não sei que visualidades dramáticas me está parecendo esta surpresa! Seja como for, a ansiedade de saber que lance é este da minha vida leva-me a pedir a Vossa Excelência e a minha mãe a explicação, e licença de ir hoje mesmo recebê-la, visto que vossa Excelência...

— Bem — cortou a viscondessa. — Nós vamos para casa, a carruagem vem buscá-lo de aqui a três quartos de hora, já que o não podemos arrancar aos seus amores da gazeta. Adeus, primo.

— Minha senhora...

— E não me chama prima, o soberbo — queixou-se graciosamente a viscondessa a D. Ricardina.

— Minha prima, ou minha irmã, visto que vossa Excelência tão amigavelmente sentou a minha pobre mãe ao seu lado — disse Alexandre beijando-lhe a mão.

— Adeus — concluiu Matilde comovida.

— Meu filho, até logo... — disse a mãe.

A carruagem rodou estridente e rápida. Alexandre manteve-se ainda estupefacto encostado ao batente de uma portada.

Depois... Aqui é que é o espanto!... Depois, subiu, sentou-se à banca, e continuou o trabalho impugnativo das mitológicas cortes de Lamego com um período, que começava deste feitio: “Davam-se as mãos o direito

visigótico e o direito canónico, vigentes em Portugal, concedendo às fêmeas a sucessão da coroa, como se infere luminosamente do Cronicão Irinésio, no fim da História Compostelana, vol. 20 da Hesp. Sagrada. Portanto: é improvável e absurdo que D. Afonso Henriques perguntasse aos barões congregados em Lamego se as fêmeas deviam suceder na coroa. E, senão, porque foi chamada reinante e não regente D. Teresa, viúva do conde D. Henrique?...”, etc.

E assim nestas velharias crassas e untuosas até ao fim da demonstração! Isto, aos 22 anos de idade, e à hora em que lhe caía das nuvens iriadas de não sabia ele que esferas uma prima titular, viscondessa, segundo a nomenclatura terreal, e rainha para serafins e potestades, se a dinastia dos deuses pudesse ser usurpada!.

CAPÍTULO XXV

O CORAÇÃO NÃO SE REGULA PELAS LEIS VISIGÓTICAS

Às primeiras alvoradas do seguinte dia, após quatro horas de prática entre as duas senhoras e Alexandre, o filho de Bernardo Moniz sabia o nome do seu pai, e a minudenciosa história de Ricardina, desde os 18 anos. O dissabor de ter sido inutilmente enganado pela sua mãe era grande e até certo ponto justo; não obstante, o respeito filial aconselhou-o a dar como justificados os receios de Ricardina, quanto ao opróbrio cominado pela sociedade ao filho de um suposto assassino dos dois lentes de Coimbra.

Para Alexandre, a certeza que a sua mãe lhe dera de inculpabilidade de Bernardo Moniz não era jurídica e racionalmente bem provada. A juízo dele, a culpa dos que não ensanguentaram suas mãos na carnificina era menor, sem deixar de ser grande. Dizia ele, passados dias, que a memória do seu pai estava sempre denegrida, porque não lha podia ele reivindicar. E dizia-o profundamente

magoado, depois de ter ouvido as tradições, os processos ainda existentes, e os insuspeitos esclarecimentos dos contemporâneos.

Os primeiros tempos de transformação na existência das duas famílias passaram na ora doce, ora amarga intimidade de mútuas revelações. A viscondessa contava a sua tia as coisas ignoradas, quanto ao fim do seu avô, o deão, cuja morte, em Roma, Ricardina tinha lido num periódico brasileiro. da sua mãe referia as angústias dos últimos tempos, a separação violenta, motivada pelas infamadas tradições da sua avó.

Então, Ricardina pintava com vivas cores, realçadas pelo choro, a morte da sua mãe no Convento das Chagas, e pedia a Deus que melhorasse a condição do inexorável mundo que não perdoava às desgraçadas, remidas pela contrição e pelas agonias resultantes dos delitos da juventude.

Sobrevieram dias de contentamento, o sol de Deus sem sombra do mal humano a dar em pleno seio de três pessoas que se consideravam ligadas para muita vida e duradoura felicidade. Amava Matilde o primo com tal sossego de alma,

e tanta segurança de o ter íntimo e parte da sua vida, que já não lhe era condição de suprema ventura havê-lo como esposo. Já o sentia noivo no coração; para tudo da sua casa era ele o conselheiro, o guia, o irmão, a alma radiosa, que tudo iluminava, demudando em horas fugitivas de prazeres domésticos os dias... e noites da viúva, tão semelhantes, tão desluzidos até ao momento de encontrar segunda mãe, e nele o primeiro amor.

Quando ela pediu ao primo um sacrifício, como quem pedia um acto indiferente — sacrifício como deixar de ser escritor político — , Alexandre despediu-se dos seus colegas, e para consolar-se dizia entre si: “A minha intenção era ser útil em troca do pão que me davam. Eu deveria continuar, independente do estipêndio, a escrever? Deveria, se a vaidade me capacitasse de que a imprensa política regenera políticos. Portugal é um país em que somente se percebem e frutificam as ideias sociais da Besta Esfolada. Tudo que não for isto, é semente caída sobre penedos. Ninguém lê Silvestre Pinheiro Ferreira, e ainda é procurada a Defesa de Portugal, do padre Alvito Buela.”

Demasias dos 22 anos, já apagados de ilusões, não já por malefício da experiência, mas por motivo de se andar sempre às voltas com as leis visigóticas, e recuar com a vida nove séculos, de modo que, ao amanhecer das trevas do passado, não podia fitar de flecha o sol futuro, visível a todo o homem nado deste século, desde o regedor, que fabrica o deputado, até ao rei, que Deus guarde.

Um dia, o ex-jornalista apresentou a sua prima um papel, em que ela, em certo pleito com devedores do seu defunto marido, constituía seu bastante procurador o bacharel Alexandre Pimentel.

— Então o primo é meu procurador?! — perguntou ela. — O meu procurador era...

— Era outro — acudiu ele — ; mas hoje, se me der licença, sou eu. Deixe-me ter nesta casa algum préstimo. Como hei de eu compensar os bens que recebo? E, além disso, que quer a prima que eu faça ao meu tempo?

— Escreva a sua obra; mas não se apresente como procurador da sua prima, que parece mal.

E ele respondeu com os olhos embaciados:

— Ó prima Matilde, eu não sei fazer acto que me fique mal. Deixe ao meu cargo o que for da minha dignidade.

A viscondessa não assinou a procuração. Alexandre sorriu-se e disse:

— Pois bem; manda-se fazer outra.

Matilde foi ter com a sua tia, e demorou-se algum espaço em conversa, de que resultou D. Ricardina abraçá-la com efusão de alegres exclamações e muitas lágrimas. Depois, foi a mãe ao gabinete de Alexandre, e disse-lhe sem preâmbulos:

— Meu filho, venho dizer que... resolvi casar-te.

— Oh!... Então minha mãe... resolveu... — disse risonhamente Alexandre.

— Resolvi, contando com a tua vontade, porque não conto outro tanto com a minha. Matilde sabe que te ama; e eu sei que tu amas Matilde. Enganei-me?

— Eu amo verdadeiramente minha prima — respondeu Alexandre. — Não se enganou quanto ao juízo que formou

de mim. Penso também que a minha prima me considera digno da sua estima.

— E da sua alma.

Alexandre meditou dois minutos e disse:

— Eu precisava de fazer não sei quantas perguntas a minha mãe para que a minha prima lhe respondesse Cifra-se num a só: pergunte minha mãe à nossa amiga se está bem convencida de que eu, se ela fosse pobre, seria mais feliz neste momento, dizendo-lhe pela primeira vez que a amo, que lhe agradeço e beijo a mão que me oferece.

— Eu respondo, meu primo — disse a viscondessa entrando no gabinete. — Creio tanto que me ama, como creio no seu orgulho. Já tive ocasião de o conhecer...

— Orgulho?! — atalhou Alexandre. — Quererá dizer pundonor de pobre, que é a mais irrisória, se não desprezível, das soberbas? Qual foi o meu orgulho?

— Não sei... A sua memória que lho diga, primo.

Eu que não tive nenhum... Amava-me pobre, Alexandre? Também eu o amei, quando sabia a sua trabalhosa e

honrada vida, e lhe não conhecia nome de pai ou mãe. Que me importa? Mas olhe, primo, o que eu sentia não era meu, não era impulso próprio de virtude... Foi Deus que me guiou e deu coragem para escrever a sua mãe. Se Alexandre fosse outro homem, pode ser que eu, se não estivesse perdida no conceito do mundo, o estivesse diante da minha consciência. Mas o que eu fiz, se não obedecesse a um pressentimento providencial, seria próprio do meu carácter? Não, meu primo. Peço-lhe que me não louve nem condene.

O autor da Jurisprudência Hispânica deu férias ao coração, e desairou a ciência dos Bártolos e Cuvarrubias, apertando nos braços sua prima com o virginal estremecimento de que já hoje em dia não há gabar-se donzel de 22 Abris. D. Ricardina chorava de alegria. As faces de Matilde purpurejavam-se, ao mesmo passo que o rir dos olhos estava declarando que o júbilo e o fogo da paixão algumas vezes, por equívoco do colorido, se chamam erradamente pudor.

Há pouco e desnecessário que se diga desde este abraço até às núpcias. Quem disse tudo, naquele ano de 1852, foi a

nata social de Lisboa, onde corre que ninguém contende com as vidas alheias. Pois conjuraram as pessoas mais descuriosas em sofismar o parentesco do literato com a viscondessa, anojando-se do inútil e piegas fingimento. Se queriam amar-se e casar-se e delapidar o cabedal do defunto, escusavam de se inventarem primos. Primos! Quando toda a gente sabia que a mãe do escritor era inquilina dumas águas-furtadas na Rua dos Calafates, e ele um tal Pimentel, que não sabia dizer quem houvesse sido seu pai.

Os jovens de espírito, provado em trinta anos de remoques e chanças, perguntavam se o maçudo discreteador de concílios e senatus-consultos obrigaria a esposa a digerir preleções de direito suevo, e os cânones de S. Frutuoso e de S. Martinho de Dume. Outros contavam que a viscondessa, ao oitavo dia de noiva, como sentisse sair da câmara conjugal o marido por noite alta, saíra depós ele, abrasada em ciúmes, e o encontrara em cuecas e robe de chambre, folheando o De statu imperii germanici, de Pufendorf. Até certo ponto a zombeteira sátira feria o alvo, porque Alexandre Pimentel continuava a estudar, e a

esposa desejava inclinar-se sobre o rebordo gradeado da sua mesa de escrita, e ali se mantinha horas a vê-lo escrever, entremeando-lhe gracejos que o faziam rir dos doutos varões que o tinham enchido de sabedoria e de pó.

CAPÍTULO XXVI

O REPATRIADO

Nos jornais de Lisboa apareceu o seguinte anúncio: O jurisconsulto que se considerar capaz de auxiliar o trabalho de outro, que se propõe escrever a História da Legislação na Península Hispânica, dirija-se à Rua de S. Francisco nº 6, casa onde reside Alexandre Pimentel. Oferece-se remuneração correspondente ao serviço.

Este anúncio fez rir.

— Não há nada mais pedante! — O sábio a convidar oficiais para o fabrico de uma droga porque as tendas suspiram! — O dinheiro do visconde da Gandarela, a mais sincera carruagem que viu Lisboa, convertido em livros de ciência do direito dos Ostrogodos! Escouceia na tua campa, indignado arcabouço de visconde!

Falava assim o chiste do Marrare, algum tanto mais salgado que o espírito salitroso dos sábios não poluídos em

botequins. O primeiro homem que acudiu ao convite era um sujeito de cabelos brancos, feições indicativas de juventude gentil, bem assombrado, modestamente vestido. O anunciante recebeu-o afavelmente; e do interrogatório delicadamente feito inferiu que o concorrente era bacharel em Direito, e advogado nas possessões portuguesas de África desde 1829 até 1851, época em que voltara para Portugal.

Explicou-lhe Alexandre o seu plano de trabalho. As observações do pretendente denunciaram ao jovem que o sujeito não era hóspede em pontos pouco versados na advocacia.

— Onde fez as suas leituras? — perguntou Alexandre.

— Nas bibliotecas fradescas de Luanda.

— Transferiu-se Vossa Senhoria a Luanda provavelmente emigrando em 1828?

— Sim, senhor.

— E não quis voltar logo que a liberdade foi restaurada?

— Inércia, indiferença e esperança nenhuma. Retirei há um ano, porque as doenças climatéricas me impossibilitavam de advogar.

— Ainda não tive o prazer de saber o nome de vossa Senhoria.

— Paulo de Campos.

— Onde reside?

— Num hotel particular, Rua Augusta, nº 52, terceiro andar.

— Quando quer o Sr. Campos começar a auxiliar-me?

— Quando Vossa Excelência ordenar.

— Seja amanhã, se lhe não desconvém. Desde as nove da manhã até depois do meio-dia; e, se lhe aprouver, reservaremos algum pouco da noite para praticarmos em assuntos adequados ao nosso empenho. Permita-me dizer-lhe que reputo este auxílio no valor de cem mil réis mensais.

— É mais que generosa remuneração.

— Sr. Paulo de Campos, até amanhã.

Saiu alegremente o advogado do ultramar, e foi ao hotel, onde o esperava um velho que representaria 68 a 70 anos.

— Dá-me os parabéns, Norberto! — disse Bernardo Moniz.

— Arranjou-se? — exclamou o Calvo com jovial aspeto.

— Melhor do que eu pensava... Cem mil réis por mês! Olha tu o que aí vai de dinheiro, e em que ocasião Deus se compadeceu de nós!... Já não é necessário vender o teu diamante, ouviste? Guarda-o para os teus sobrinhos. No mês que vem já temos dinheiro para ires à Beira saber o que é feito de tanta gente. Dos meus sei eu que tudo está morto, e que o meu irmão mais velho vendeu as poucas terras aos dois irmãos do Brasil. Tive hoje um casual encontro com quem mo disse.

— Mas a riqueza que há de estar nas ruínas da casa? — observou Norberto.

— Sobre as ruínas da casa levantaram meus irmãos um palacete. A quem pediremos nós os baús do meu pai?! Meu amigo, convence-te de que o teu Bernardo apenas vive na tua alma; que para tudo mais morreu. Não me fales em

riquezas... Diz-me somente que busque agenciar o teu pão e o meu. A mim que me servia hoje ser rico? Velho, sem nome, sem parentes, sem amigos... A morte não me quer.

— Que a leve o Diabo! Se eu não arranco Vossa Senhoria de Luanda, lá esticava a canela com trinta milhões de... Isto aqui sempre é terra de gente! Vossa Senhoria não tem ido passear por essas praças? Anda só metido pelos cemitérios a julga que topa a sepultura da Sr.ª D. Ricardina, lá porque o degredado de Midões lhe disse em Angola que os Pimenteis a tinham mandado para Lisboa! Valha-o Deus, Sr. Doutor! Tanto tem chorado há vinte e quatro anos, e tem sempre que chorar! Aqui estou eu agora...

— Estás aí tu agora também com as lágrimas nos olhos...

— Pois que quer?... Aquela minha adorada menina!... Se houvesse Deus, ela não tinha morrido assim... Isto de religião é uma história, Sr. Doutor. Eu, se soubesse ler — acrescentou ele com blasfema raiva — , havia de escrever que não há Deus, nem Céu, nem Inferno...

— Não digas sandices, Norberto — interrompeu Bernardo. — Não vês a Providência bem sensível na fortuna

que eu tive de encontrar trabalho, onde estava receando tocar a indigência?

— Isso é verdade...; mas diz lá o ditado, e queira Vossa Senhoria perdoar, burro morto... sim... depois que a fidalga morreu, e morreram seus irmãos, e o seu pai, e vossa senhoria que penou tantos anos, é que lhe aparece... e que lhe aparece?... Trabalho. É grande fortuna, não tem dúvida!... Se lhe aparecesse dinheiro, sem trabalhar, ainda está feito... E os patifes que vivem regalados sem trabalhar, têm outro Deus? Se o têm, o nosso não é melhor, cá em quanto a mim!

— Estás hoje ímpio, meu sargento!... Olha que não vai isso bem às tuas barbas! Trata agora de comer e beber, e não te zangues. Deixa rolar o mundo debaixo do pé de Deus, que vai bem. E, se vai mal, Quem assim o fez, pode melhorá-lo quando quiser.

— Então que melhore! Essa é que é cá a minha birra! Então que espera Deus? Não faz favor de me dizer?

— Manda vir o jantar, Norberto; a tua impiedade é fome, penso eu.

No dia seguinte, Paulo de Campos anunciou-se ao marido da viscondessa da Gandarela. Foi introduzido numa espaçosa biblioteca, onde, pouco depois, entrou Alexandre. Conversaram largamente sobre variados assuntos. Mostrou o literato a suma dos seus trabalhos já feitos e os vastos apontamentos indiciativos do muito que restava elaborar.

Paulo de Campos, maravilhado, perguntou:

— Que anos tem Vossa Excelência?

— Vinte e dois e alguns meses.

— Quando se formou?

— Em 1850.

— Deve ter estudado prodigiosamente! Acho em extremo temporãs as suas tendências para tão graves estudos! É de supor que a Universidade atual facilite a ciência, mais francamente do que no meu tempo, em que os mais aplicados raro transcendiam os limitados horizontes do compêndio.

— Em que anos frequentou Vossa Senhoria? — perguntou Alexandre.

— De 23 a 28...

— 1828? — atalhou o escritor com veemente interesse. — Então foi contemporâneo daqueles desgraçados que mataram os lentes?

— Sim, senhor.

— Conheceu alguns?

— Quase todos.

— Lembra-se dos nomes?

— Talvez... Conheci o Reis, o Mansilha, o coiceiro, Matos, o Carneiro, e outros.

— Vejo que se lembra dos que morreram enforcados; mas alguns fugiram.

— Assim ouvi dizer.

— Dos que fugiram, conheceu o Moniz?

— Sim, senhor.

A fisionomia de Paulo de Campos resistiu aos movimentos do coração.

— Conheceu-o? Tratou-o pessoalmente?

— Creio que sim... É vivo?

— Nada, não: mataram-no; mas motivos de outra ordem, segundo se conta. Queira dizer-me: Vossa Senhoria nunca pensou na possibilidade de reabilitar a memória desses infelizes doidos?

— Penso que a maior esmola que pode fazer-se à memória deles é esquecê-los. E vossa Excelência julga outra coisa, ou tinha algum interesse em reabilitá-los? Seria, porventura, parente de algum?

— Nada, não tenho pensado nisto, senão como compadecido de tão infausta sorte de homens na flor da vida! Morreram pela redenção da liberdade, e nem a bandeira misericordiosa da liberdade baixar-se a defender-lhes as cinzas!... Parece-me atroz!

— De maneira que vossa Excelência é um anjo no meio desta sociedade que, a meu ver, nunca perdoou nem perdoará jamais aos desatinados jovens que desfizeram as espadas em facas de sicários!... A liberdade não pode absolver algozes.

— Mas tenho ouvido dizer que alguns penaram inocentemente.

— Os enforcados?

— Sim.

— Penso que não. Creio, porém, que nem todos os fugitivos tiveram de lavar as mãos ensanguentadas.

Alexandre reteve uma pergunta que poderia preparar outras perigosas. Mudaram de assunto, e despediram-se para se reunirem à noite. Prosseguiram nas suas lucubrações por espaço de quinze dias. Alexandre tinha no seu colaborador um auxílio inteligentíssimo e, além de tanto, ainda um simpático amigo.

Ao décimo sexto dia, Paulo de Campos não chegou às horas; mas enviou Norberto. Calvo com uma carta em que se desculpava com o seu achaque de fígado, que o não deixava sair. Alexandre Pimentel foi imediatamente visitá-lo. Estava o enfermo sentado no leito, quando o seu amigo entrou conduzido pelo velho das grandes barbas.

CAPÍTULO XXVII

O RETRATO DE RICARDINA

Abeirou-se Alexandre do catre.

— Não venho somente visitá-lo — disse ele. — Venho pedir-lhe que me deixe ser seu enfermeiro em casa da minha mulher. Ela e a minha mãe também lhe pedem.

— Não tive a honra de beijar as mãos a Suas Excelências: mas irei agradecer-lhes tamanha honra logo que possa. A minha enfermidade é passageira. São três dias pelo costume. Isto cede à quina, enquanto a morte não vier resolvida a zombar da quina. Por enquanto, parece-me que a inimiga dos desgraçados anda por longe a decepar cabeças ardentes de esperanças, e a orfanar criancinhas. Os homens inúteis como eu morrem tarde.

— Aí começa com as tolices! — disse Norberto.

Alexandre olhou contra o desempenado interventor e disse:

— Quem é este homem? É seu criado?

— Não, senhor! É um meu amigo de vinte e seis anos.

Alexandre remirou o septuagenário, e disse:

— E uma raridade!

— Vou à botica, Sr. Doutor? — disse Norberto.

— Vai.

Bernardo Moniz tinha a camisa desabotoada no pescoço, e por entre os peitos dela deixava ver uma medalha de ouro cuja circunferência cobriria a palma da mão. Alexandre reparou; e animado pelo afeto que tinha ao seu colaborador, disse, indigitando a medalha:

— São relíquias da juventude?

— São; conservo-as como adorno do cadáver. Pode ser que vossa Excelência assista ao meu passamento; chegada essa hora incerta, não permita que me despojem desta medalha. Não podia cair mais a propósito o pedido. Seria ingratidão esconder o tesouro cuja defesa se pede. Veja Vossa Excelência. É um retrato de mulher.

Alexandre examinou a pintura em marfim, e disse comovido:

— Formosíssima!... Que anos teria?... Parece-me tão criança!

— Tinha dezasseis para dezassete.

— Morreu?

— Há vinte e quatro anos.

— É uma maravilha! Se tal rosto não tivesse existido, geria ainda um primor de beleza artística. Era português, o pintor?

— Era português.

— Viverá ainda?

— Morreu.

— Quanto eu daria por encontrar artista que retratasse com este esmero a minha mãe e a minha mulher! Vossa Senhoria faz-me a fineza de consentir que Matilde veja este retrato?

— Pois não!

— Hoje mesmo lho restituo. Prometo-lhe que há de ser curto quanto possa ser o tempo da saudade.

— Quando Vossa Excelência quiser. Eu tenho-a no coração.

— Até logo.

Alexandre chegou a casa. Matilde estava tocando piano.

D. Ricardina, sentada num a poltrona, escutava a música triste de Bellini, com os olhos na sobrinha e o coração nos dias dos seus 18 anos. Entrou Alexandre na saleta. A viscondessa levantou-se a beijá-lo, e ele foi beijar a mão da sua mãe. Depois sentou-se, e disse com a mais cómica seriedade:

— Matilde, amei-te muito, e julguei que te amaria sempre, por me parecer que não encontraria mulher mais bela do que és. Achei-a fatalmente. Rompeu-se o encanto. Tudo isto se desfaz em fumo como os paços lindos da amorosa D. Branca do Garrett. Acabou o teu domínio. Não vou resgatar o império sarraceno como o príncipe árabe do poema; mas vou-me aos braços de mais formosa Armida. Para justificação minha, perante Céu, Terra e Inferno, e

principalmente perante ti, minha infeliz esposa, aqui tens o retrato da tua vencedora rival!

Matilde, rindo às gargalhadas da declamação do marido, pegou na medalha, olhou-a, e exclamou:

— Realmente é formosa! Isso é! Que mulher é esta?!

D. Ricardina, que também rira muito, disse lá da sua cadeira:

— Mais formosa do que tu, Matilde?

— Não há comparação, minha tia... Quer ver?

E levou-lhe o retrato, inclinando-se a mostrar-lho à mais conveniente luz.

Ricardina levantou-se de golpe, e despediu um grito estrídulo.

— Que é? — exclamaram os dois.

— Meus Deus! — bradou Ricardina. — Este retrato... é o meu... é o retrato que o teu pai me tirou em Coimbra! É o que ele levou, quando se despediu de mim para sempre... Onde achaste, meu filho, onde estava este retrato?

Alexandre mantinha-se estupefacto a olhar para a mãe. Não respondia, não pestanejava. Parara-lhe a vida.

— Que tens, Alexandre? — acudiu a viscondessa. Que tens, meu filho? Estás a perder a cor!... Pois como te veio à mão este retrato?... Achaste-o a vender, ou como foi?

A última pergunta de Matilde foi luz e ordem no caos das suas ideias. Deteve instantes a resposta e disse:

— Comprei-o.

Quando proferiu a palavra, o seu íntimo pensamento era pensar no modo de salvar a mãe, dando-lhe esperanças de estar vivo Bernardo Moniz, esperanças que podiam ser falsas, e talvez fulminá-la de alegria sendo verdadeiras.

— Está bem certa que esse retrato é seu, minha mãe? — instou ele.

— Certíssima, filho! Pois poderia eu enganar-me tendo-o tido tantas vezes na minha mão?... Como viria este retrato parar a Lisboa? Foi por força tirado do pescoço do teu pai por algum dos matadores.

— Vou indagar isso, minha mãe; dá-me o retrato, Matilde.

— Não dou. Compra-o por tudo quanto quiseres.

— Compro, filha; mas é necessário que eu o leve.

— Olha lá... se o não trazes, fico triste!

Pouco depois, Alexandre entrava no quarto de Bernardo Moniz. Estava Norberto ministrando-lhe a tisana quinada. O filho de Ricardina encarou o doente com os olhos revendo lágrimas. Bernardo notou os sinais compadecidos daquele olhar, e disse:

— Vejo que o retrato motivou a piedade das senhoras, na qual Vossa Excelência tomou parte... Já este meu velho me estava dizendo que era mau agouro deixar eu sair o retrato do meu pescoço...

Alexandre inclinou-se ao ouvido do doente e disse-lhe:

— Pode mandar sair este homem por algum tempo?

— Sim, senhor... Sai, Norberto.

— Espere! — exclamou Alexandre, suspendendo a saída do velho. — Chama-se este homem Norberto Calvo?

— Sim, chama; como sabe Vossa Excelência?

— Então que fique. — E inclinando-se sobre o seio de Bernardo, continuou: — Responda, peço-lhe com as mãos erguidas, responda verdade às perguntas que vou fazer-lhe. Promete-mo com juramento feito sobre a sua honra? Não haverá impedimento algum que lhe embarace o responder-me?

— Nenhum.

— Jurou, senhor?

— Pela minha honra.

— Este retrato é de Ricardina?

— É:... mas... o Sr. Alexandre.

— O senhor chama-se Bernardo Moniz?... Não hesite, por piedade lho peço. Não duvide responder-me.

— Sou Bernardo Moniz.

— É!

— Sou, sou Bernardo Moniz!

Alexandre abraçou-o impetuosamente, e exclamou:

— Quem poderá ser este homem que o abraça?

— Um amigo que Deus me enviou...

— Pois estas lágrimas!... Não vê que choro, meu pai?

E escondeu no seio a face soluçante.

— Que disse ele?! — perguntava Bernardo a Norberto, ofegando em ansiosos arquejos.

O velho não soube dar melhor conta do seu ouvido e entendimento. Achegou-se mais de perto, e murmurou:

— Eu... parece que ouvi dizer...

Alexandre Pimentel levantou a cabeça, tomou as mãos do pai, beijou-as, acariciou-as, e repetiu:

— Sou seu filho. Sou filho de Ricardina. Nasci quando minha mãe o considerava morto. A minha mãe é viva.

Conclamaram, a um tempo, Bernardo e Norberto dois grandes brados, abraçando-se conjuntamente em Alexandre.

— Ricardina é viva! — exclamou Moniz. — Ricardina é viva!

— Diz-lho o seu filho!

— Foge-me a razão!... Deixai-me viver, meu Deus! Deixai-me vê-la, Virgem do Céu!... — exclamava Bernardo bracejando amparado pelo filho, que o não deixava sair do leito.

De súbito, ao violento escabujar, seguiu-se uma convulsão, depois umas brandas tremuras, e após elas o quebranto precursor de um acesso febril. Alexandre saiu a dar ordens que se chamassem médicos. Voltou para a beira do leito onde Norberto estava chorando e abraçou o velho, que lhe perguntava:

— Pois o senhor é na verdade filho da minha querida fidalga? E ela está viva? Mal haja seu avô, que me disse que estava morta! Tantos séculos esteja no Inferno como lágrimas chorou seu pai!... Fui eu que lhe levei a notícia a Espanha! Mal haja eu também, que me fiei naquele carrasco! Pois se ele me disse: “Essa mulher morreu!”. Que havia eu de pensar? Fui a Oviedo, e disse ao Sr. Bernardo: “A Sr.ª D. Ricardina morreu!”. Ai senhor! Eu não sei como este infeliz está ainda vivo!... O que ele tem penado há vinte e quatro anos!... Pois o senhor é filho da fidalga? —

tornava Norberto, querendo levantar nos braços Alexandre, com infantis carícias. — Ela, a minha querida senhora, já sabe que o Sr. Bernardo Moniz está vivo?

— Não.

— Ai! que ela em o sabendo, é fácil morrer de alegria!... Mas quem nos diz a nós que o Sr. Bernardo não morre?

— Não morro, meus amigos... — murmurou o enfermo, resfolegando ardente bafagem. — Não morro; mas tua mãe... pode morrer, filho!

— Hemos de salvá-la ambos, meu pai!

CAPÍTULO XXVIII

ENFIM...

Bernardo Moniz e o filho combinavam preparar o lance, modificando-lhe o perigo da repentina surpresa. Eram eles os menos aptos para combinação que demandava grande sossego de alma. Bernardo não sofreava os ímpetos da impaciência fogosa de vê-la. A cada instante desvairava as refleções do filho interrompendo-lhas com perguntas alusivas à vida de Ricardina. Neste conflito, Norberto Calvo, depois de ouvir longo tempo calado as razões de pai e filho, disse:

— Quem há de tratar disso sou eu.

— Ainda agora serás tu o nosso salvador, Norberto? — perguntou Bernardo, estendendo os braços para o velho.

— Vamos a isso... — disse o Calvo resolutamente.

E expôs em seguida o seu plano, que foi aplaudido.

Bernardo Moniz vestiu-se tiritando calefrios. Não houve sustê-lo, porque a sua saída fora condicionada no plano de Norberto. Entrava Alexandre em casa quando a esposa e a mãe o esperavam inquietas e receosas da extraordinária demora.

— Ó filho! — exclamou a viscondessa — Tardaste tanto!

— Se tu soubesses... se a minha mãe soubesse em que mãos estava o retrato!... Era um velho que diz ter sido muito amigo do meu pai.

— Algum condiscípulo dele? — perguntou D. Ricardina.

— E não to deu? Não trazes o retrato?

— Está aí o homem que o tinha.

— Como se chama? — disse a mãe.

— Eu vou mandá-lo entrar.

— Então vamos à sala? — perguntou a viscondessa.

— Não é de cerimónias o sujeito. Eu conduzo-o para aqui.

— Quem será? — disse Ricardina à sobrinha. — Olha que estou a tremer, filha!

— Bem vejo! Mas porque treme?

— Eu sei!

Levantou Alexandre o reposteiro da antecâmara da sua mãe. Entrou primeiro o ancião, vestido com a sua farda de sargento, com o boné sobraçado e as mãos nas algibeiras. Abaixou a cabeça e parou alguns minutos a vista enfraquecida nas feições da filha do abade. Ricardina continuava a tremer, encarando o aspeto do veterano.

— Veja lá se conhece o Calvo! — disse Norberto.

— Quem? — murmurou Ricardina, como se o dissesse para si mesma.

— O Norberto Calvo, o seu criado, o amigo do Sr. Bernardo Moniz.

Ricardina levantou-se, caminhando vacilante para ele, com os braços abertos em cruz, pedindo com este gesto que lhe dessem amparo.

— Ora venha de lá esse abraço! — disse o sargento. — Deixe-me abraçar a minha menina!

E levantou-a, exclamando:

— O velho ainda tem força! Não pesa três arráteis a minha fidalga! Parece-me que estou como há perto de quarenta anos, quando ela me botava os bracinhos, para eu a levar comigo. Então que me diz, Sr.ª D. Ricardina? Conhece ou não conhece o Norberto? Parece que não acredita!

— Acredito... — balbuciou ela. — Só tu podias ter o retrato do meu infeliz Bernardo.

— Infeliz é o Diabo! — acudiu Norberto. — Aqui não há ninguém infeliz... É o que lhe digo! A infelicidade acabou-se! Agora, viva a alegria!

E, dizendo, atirou o boné ao teto, aparou-o, e, atirando-o de novo, repetiu:

— Viva a alegria!

D. Ricardina desconfiou que o velho estava areado do juízo, e por isso fez pé atrás, atemorizada e condoída.

— Ela está a pensar que eu estou maluco, não é verdade, menino? — perguntou o sargento ao filho de Ricardina. — E esta fidalga também pensa isso? — indicou ele a viscondessa, a quem dirigiu estas palavras: — Olhe que eu também ajudei a criar sua mãezinha, a Sr.ª D. Eugénia, que era a cara de vossa Senhoria, sem tirar nem pôr... Pois, fidalga — continuou, voltado para Ricardina — , eu venho aqui pedir-lhe perdão de ter sido o causador de muitas desgraças. Se não fosse eu, a menina não tinha quem levasse cartas e recados ao Sr. Doutor, não é verdade?

— Foi ele que te deu o retrato? — perguntou com sobressalto Ricardina. — Não lhe pudeste salvar a vida?

— Lá vamos. Primeiro quero que me perdoe andar eu com cartinhas vai e cartinhas vão.

— Sim, meu amigo... — respondeu ela, embargada pelos soluços — , tu eras o nosso anjo bom... Pergunta aos meus filhos o que eu tenho dito de ti, Norberto... Se tu pudesses defendê-lo, Bernardo não seria morto... Nunca perguntaste por mim?

— Perguntei ao Sr. Abade, e ele disse-me: “Essa mulher morreu.” E vai a fidalga não tinha morrido, e eu há vinte e quatro anos a pensar que vossa Senhoria estava no Céu. E ela aqui está! A minha menina está aqui diante dos meus olhos! Eu estou acordado — dizia ele esfregando as pálpebras — , é ela que eu vejo, sem dúvida de casta nenhuma! Ora agora, há de perdoar-me de eu ser um bruto que me fiei no seu pai. Ele disse-me “morreu” e eu fui para Espanha, e... fui dizer... que vossa senhoria tinha morrido... mas a quem? A quem? Veja lá se pode adivinhar.

— A quem foi? — perguntou Ricardina espantada, e ainda suspeitosa do tresvario do velho.

— Ora eu lhe conto... Ó Sr. Alexandre, Vossa Senhoria faz favor de contar a sua mãe o que eu lhe disse? Acho-me cá por dentro atrapalhado... Pensei que podia falar e não posso... Olhe, olhe as bagadas a cair-me nas barbas...

D. Ricardina olhava para o filho.

— Que é? — perguntava a viscondessa ao marido.

— Falo eu, Sr. Norberto?

— Fale Vossa Senhoria, que eu estou afogado aqui na garganta... Bem vê...

— Minha mãe — disse Alexandre, sentando-se no sofá rente com ela e cingindo-lhe o braço pela cintura: — tem ouvido dizer que a felicidade mata mais fulminantemente que a desgraça?

— Pois que é?

— É que a minha mãe tem obrigação de resistir ao choque das alegrias como resistiu às maiores desditas que ainda sofreu mulher alguma. Escute-me, com a disposição de mostrar que é forte e que me ensinou a mim a valentia da alma. Quando meu avô mandou os assassinos assaltar a casa do meu pai, Norberto matou os dois criados que o esperavam no sítio por onde ele ia a fugir do incêndio. O meu pai saiu levemente ferido, e fugiu para Espanha. Norberto disse que ele tinha morrido às mãos dos dois criados que já estavam enterrados nas ruínas da casa. A ideia do meu pai era, passando por morto, fazer cessar a perseguição, e esperar minha mãe na Espanha; mas Norberto, que não entendeu o que o meu avô queria

significar na palavra morreu, foi juntar-se ao seu amigo e nunca mais se afastou dele.

— Ó meu filho! — exclamou Ricardina — torna a dizer... diz... que a minha cabeça está perdida...

— Pois aí está! O que eu pretendo e suplico é que a minha mãe me escute com serenidade. O que eu lhe disse não é necessário repetir-lho...

— Sim... — redarguiu a mãe — , entendi que o teu pai não morreu então; mas ficou ferido... e morreu depois...

— Agora morreu! — exclamou Norberto. — O ferimento não prestava pra nada.

— Não morreu?! — disse alheada a mãe de Alexandre.

— Não, minha mãe.

— Jesus!... Eu não entendo o que me dizem... que é, meu filho, que é o que vais dizer-me?

— Que o meu pai...

— Sim...

— Pode ser que ainda viva.

— Aonde? Meu Deus, aonde? — exclamou ela descaindo do sofá ao tapete, em joelhos com as mãos postas.

— É isso que nós vamos averiguar, ajudados pelas diligências do nosso amigo Norberto. O meu pai, depois que recebeu a falsa nova da sua morta, foi para África, e lá ficou, e lá estava há pouco tempo.

— Quem o viu? — bradou Ricardina.

— Fui eu, fidalga — disse Norberto.

— Viste-o!... Viste-o, Norberto! — gritou ela abraçando-se arrebatadamente no velho. — Juras-me pelas Chagas de Cristo que o viste?

— Juro, pelas Chagas de Cristo e de tudo quanto há!

— Há quanto tempo?

— Há quanto tempo?

— Sim.

— Há coisa de hora e meia.

D. Ricardina recuou e disse:

— Isto é uma zombaria, Alexandre!...

— Quem viria zombar da minha mãe? — acudiu o filho. — Olhe que Norberto diz a verdade.

— Pois tu viste o Sr. Bernardo... hoje?

— Há hora e meia... já disse, fidalga, e torno a dizer... E sabe que mais? Eu não sou de caixas encouradas... Ali o Sr. Alexandre também o viu. Pergunte-lho a ele, que sabe dizer as coisas melhor que eu.

— Alexandre! — clamou a senhora incendida e convulsa. — Alexandre, viste? Era teu pai quem te deu o retrato?

— Sim, vi... era o meu pai!... Agora choremos... choremos de felicidade, minha querida mãe!

— Mas eu queria vê-lo... leva-me onde ele está, meu amor! Vens tu também, Matilde? Vamos todos, vem Norberto; mas já... já, que eu não queria morrer sem vê-lo, e tenho medo... tenho medo de morrer... O coração parece que se me despedaça, meus filhos... Leva-me onde está teu pai... E ele porque não veio?... Porque não o trouxeste, Alexandre?

— Há dezasseis dias que ele entrava nesta casa, e a minha mãe nunca o viu.

— Ele? — conclamaram as duas senhoras.

— Sim: era Paulo de Campos... há vinte quatro anos que o seu nome era Paulo de Campos..

— E estava aqui, e o coração não mo disse... — exclamou Ricardina assombrada pela dúvida. — Não será ele?... Será isto uma ilusão?... Norberto, era o Sr. Bernardo Moniz quem aqui vinha?

— Ora se era! Ainda hoje de manhã eu cá vim com uma carta dele.

Alexandre saiu subitamente, desceu ao escritório, procurou a carta, apanhou uns cadernos escritos do punho do seu colaborador, voltou à saleta, e disse:

— Conhece esta letra, minha mãe?

— É do teu pai! É do teu pai!... Não posso duvidar.

E ajoelhou, pendida dos braços da viscondessa, apertando entre as mãos os manuscritos de Bernardo. Então, pondo os olhos no céu, através das janelas, ergueu a Deus uma oração de soluços, debulhando-se em lágrimas, com a

respiração arquejante, sem vociferar mais que uns sons guturais, entrecortados por convulsões ansiosíssimas.

Alexandre ajoelhou a lado da sua mãe, amparando-a, e disse-lhe:

— Quer ir ver o meu pai?

— Sim! — desafogou ela um gemido que parecia exprimir aquele monossílabo.

— Quando?... Vamos já?

— Já, meu filho.

— Vou mandar sair a caleche.

Alexandre desceu ao escritório, e voltou com o seu pai pelo braço. Bernardo Moniz, a cada passo, tremia e parava, pedindo ao filho que o deixasse cobrar ânimo.

— Então? A sua força? As suas promessas, meu pai?

— Que promessas, filho?... Quem é mais forte do que eu?... A morte não me ameaça, senão depois que a temo... Vamos.

D. Ricardina lançava um xale sobre os ombros, quando o filho assomou sob o reposteiro, e disse:

— Minha mãe!

— Estou pronta, filho. Vamos, Norberto?

— É melhor que o Sr. Bernardo venha cá — disse o sargento. — Olhe... — e apontou para a porta. — Olhe, fidalga, ele aí está!

Ricardina olhou. Não me afouto a descrever o lance. O espetáculo era dois seios que se apertavam com um transporte só comparável ao transe da agonia com que vinte e quatro anos antes se tinham afastado. À volta deles, Matilde, Alexandre e Norberto, com as mãos postas, pareciam pedir à Divina Providência que os defendesse da demência do prazer superior às forças da alma.

CAPÍTULO XXVIII

CONCLUSÃO

O padre que, no primeiro dia santificado, foi sacrificar no oratório doméstico de Alexandre Pimentel Moniz ia provido das necessárias licenças para receber os contraentes Bernardo Moniz e Ricardina Pimentel.

Os bacharéis formados, coevos de Bernardo, quando ouviram proferir o nome de um seu contemporâneo criminoso e já morto, apenas notaram a coincidência dos nomes. Quando o viram na carruagem do filho, nem leves traços lhe distinguiram do antigo académico. Bernardo tinha 47 anos, encanecidos como os 60 dos homens felizes.

Em 1867, quinze anos volvidos sobre o último acto desta narrativa, no grupo daquela família mais que muito remunerada dos esquecidos martírios, faltava o heroico, o respeitável, o chorado Norberto Calvo. Morrera com 82 anos, e foi sepultado com a banda de alferes e medalha de

cavaleiro da Torre e Espada, prémios de serviço em África, os quais galardões custaram a Alexandre Moniz seis centos mil réis, com o que o ministro remunerador se galardoou, incitando destarte os brios dos soldados mantenedores da honra nacional nos presídios africanos.

À volta do cadáver do ancião não choravam somente as duas senhoras e os seus maridos. Viam-se três criancinhas, filhos de Alexandre, que agitavam na cama o seu velho morto, e chamando por ele, diziam:

— Norberto! Acorda! Anda brincar connosco!

Já daquele modo, a avó dos meninos, quando criança, o ia acordar debaixo das árvores, à hora da sesta, para lhe mostrar os ninhos das aves entre os salgueiros do rio. E, com estas recordações, ali à beira de Norberto morto, as lágrimas eram tantas que Bernardo Moniz perguntava à esposa:

— Quando deixaremos de chorar, Ricardina?

— Só não choram os que morrem… — respondeu ela.

FIM